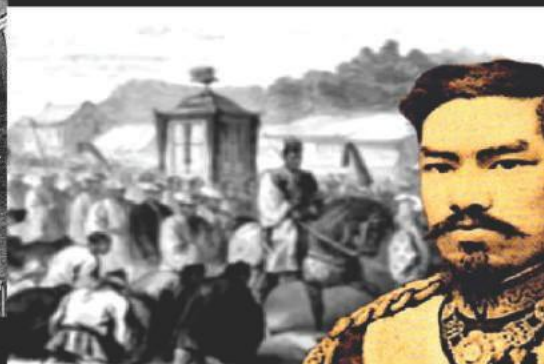
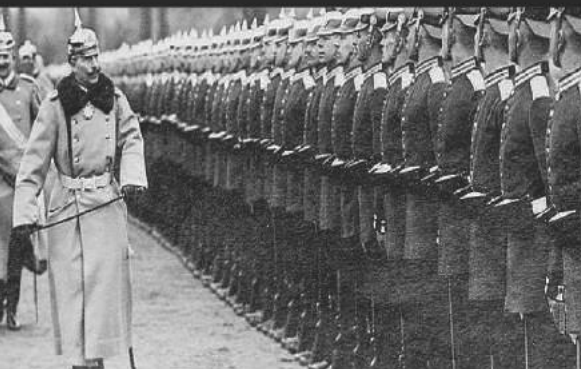


# PERSONAGENS E EVENTOS

Ensaio Populares em Filosofia

Política e Social

## JOHN DEWEY



Apresentação: Carlos Lucena  
Lurdes Lucena





**John Dewey**

**PERSONAGENS E EVENTOS:  
ENSAIOS POPULARES EM FILOSOFIA  
POLÍTICA E SOCIAL.**

**Tradução: Carlos Lucena  
1ª Edição Eletrônica**

**Uberlândia / Minas Gerais  
Navegando Publicações**

**2016**



NAVEGANDO

**Navegando Publicações**  
CNPJ – 978-85-92592-00-4



[www.editoranavegando.com](http://www.editoranavegando.com)  
[editoranavegando@gmail.com](mailto:editoranavegando@gmail.com)  
Uberlândia – MG  
Brasil

### **Conselho Editorial**

Anseldo de Alencar Colares  
Carlos Lucena  
Dermeval Saviani  
Gilberto Luiz Alves  
José Carlos de Souza Araújo  
José Claudinei Lombardi  
José Luis Sanfelice  
Livia Diana Rocha Magalhães  
Mara Regina Martins Jacomeli

**Copyright © by autor, 2016.**

---

Dewey, John. 1859-1952

J6133 Personagens e Eventos: ensaios populares em  
Filosofia política e social / John Dewey; Tradução: Carlos Lucena;  
Prefácio: Carlos Lucena e Lurdes Lucena. Uberlândia: Navegando  
Publicações, 2016.

Tradução de “Translation of Characters and Events  
Popular: Essays in Social and Political Philosophy Volume I”.  
ISBN: 978-85-92592-04-2

I. Rússia. 2. Política. 3. Educação. I. Lucena,  
Carlos; Lucena, Lurdes. II. Título. III. Série.  
CDD – 190

---

Preparação / Diagramação / Revisão – Lurdes Lucena  
Capa – Carlos Lucena

Índices para catálogo sistemático

Filosofia	210
Educação	370
Ciência Política	320

# Sumário

Apresentação	07
Personagens e Eventos: Ensaios Populares em Filosofia Política e Social	45
Eventos e Significados	47
Impressões sobre a Alemanha	53
O pensamento alemão	55
Impressões sobre o Japão	77
O liberalismo no Japão	79
Os dois lados do Mar Oriental	105
O retorno ao Japão: dois anos depois	113



**PERSONAGENS E EVENTOS:  
ENSAIOS POPULARES EM FILOSOFIA  
POLÍTICA E SOCIAL.**

**John Dewey**

**Tradução: Carlos Lucena  
1ª Edição Eletrônica**



## Apresentação

**O**s textos aqui apresentados correspondem à introdução e aos capítulos publicados originalmente em língua inglesa no livro II, volume I intitulado “Characters and Events: Popular Essays in Social and Political Philosophy” em New York, no ano de 1912, por John Dewey. Os dois primeiros capítulos foram publicados em primeira mão como artigos científicos nas revistas “The Atlantic Monthly”, “The Dial” e “The New Republic” nos Estados Unidos entre os anos de 1916 a 1922.

Suas análises relatam um dos períodos mais conturbados da história do capitalismo. O período histórico em questão demonstra que a incapacidade desse modo produtivo em estabelecer o equilíbrio entre a produção e o consumo de mercadorias resulta na construção de crises cíclicas econômicas e políticas com fortes impactos sociais. O advento do imperialismo, resultado da falência das propostas econômicas liberais no século XIX, implicou em severas mudanças sociais por todo o planeta. Por um lado, a expansão das propostas socialistas manifestas na contradição radical como forma de libertação das condições opressivas impostas pelo capitalismo. Por outro, apesar da falência do liberalismo econômico, os seus pressupostos filosóficos permaneceram intactos e ganharam eco em diferentes países.

A reação burguesa ao longo período feudal elegeu o liberalismo como alternativa concreta para a construção de um novo modelo social centrado nas liberda-

des individuais e na noção do progresso científico como singular ao avanço de toda sociedade. Essas afirmações introdutórias são fundamentais para contextualizar o pensamento de John Dewey. Herdeiro do Iluminismo e do pensamento liberal dos séculos XVIII e XIX desenvolveu enfática defesa do liberalismo como alternativa para a construção de sociedades democráticas que rompessem com os preceitos feudais existentes na Europa.

As viagens de John Dewey<sup>1</sup> têm essa prerrogativa. A peculiaridade de suas impressões é um elemento para analisar a difusão do liberalismo em âmbito internacional. A escolha desses países não se deu ao acaso. O crescimento do imperialismo e de suas posições estratégicas como alvo de disputas políticas acabou por elegê-los como objeto de investigação e reflexão. O entusiasmo pelo liberalismo como força ativa de negação de sociedades medievais motivou suas análises. Dewey realiza um esforço para elencar as forças políticas em disputa, dando ênfase aos avanços e retrocessos no embate dos liberais com as forças medievais nas nações visitadas.

As análises sobre a Alemanha e o Japão atentam a essas prerrogativas. Esses países vivenciaram um processo de unificação e industrialização tardia que de certa forma limitaram sua participação na partilha do mundo. Enquanto as nações centrais europeias e os Estados Unidos tiveram um processo de industrialização plena, a Alemanha e o Japão, dado à peculiaridade de suas histórias, entraram em uma zona de conflito constante vol-

---

1. John Dewey no livro II, Volume I, denominado "Characters And Events: Popular Essays In Social And Political Philosophy" relata suas impressões por meio de viagens na China, Alemanha, Japão, Sibéria, Turquia, México e Rússia.

tada à conquista de espaços de influência geopolíticos em um mundo que já era dividido.

Esse cenário de disputas acirrou conflitos internos. As limitações de cunho econômico fomentaram suas percepções sobre o que seus países eram e o que deveriam ser. Esses elementos justificam o conjunto de impressões desenvolvidas sobre a sociedade alemã e japonesa no início do século XX. Dewey busca na história da cultura e nas relações políticas de poder explicações para entender as ações, influências e os conflitos por ele vivenciados em suas visitas.

A busca da compreensão dos impactos do pensamento liberal possibilitou Dewey desenvolver a tese à qual o Japão no período da Revolução Meiji no século XIX sofreu grande influência do pensamento alemão em termos políticos expressos na configuração da Constituição e da concepção de Estado. A monarquia japonesa fundamentou-se nos princípios políticos e de Estado alemães para realizar um profundo processo de transição interna influenciada pelas transformações em curso no capitalismo do século XIX e início do seguinte.



O imperialismo, a Primeira Grande Guerra Mundial e o Tratado de Versalhes são processos históricos fundamentais para a interpretação das impressões de Dewey sobre a Alemanha e o Japão. Esse período expressou uma das principais características do modo de produção capitalista manifestas pela construção de violentas crises cíclicas. As relações econômicas entre as grandes nações imperiais acirraram-se em uma corrida

## 10 Personagens e Eventos...

desenfreada pelo controle das matérias-primas e mercados consumidores, condição essencial para a produção de suas indústrias.

O imperialismo consolidou grandes trustes internacionais sustentados político e militarmente pelos Estados dos seus países de origem. O acirramento das disputas internacionais implicou no aumento do assédio em suas zonas de influência, determinando desde o endurecimento das relações diplomáticas até guerras internacionais para garantir a supremacia econômica de um país sobre outro.

Apesar do entusiasmo de Dewey sobre o liberalismo fomentar a construção de sociedades democráticas, o que se verificou foi a falência dos pressupostos da “mão invisível” em regular a economia nos séculos XVIII e XIX. O crescimento incontrolável do potencial produtivo da grande indústria capitalista conviveu com a incapacidade de geração de postos de trabalho compatíveis levando o mundo a uma crise recessiva generalizada por volta de 1870<sup>2</sup>. Essa crise se instalou em virtude da superprodução de mercadorias voltada para um mercado restrito. O mercado não acompanhou a produção de mercadorias e o crescimento do desemprego atingiu diretamente a reprodução do capital. O fenômeno da superprodução mundial ocasionou queda das taxas de lucros, falências, aumento do desemprego, baixa de salários e uma generalizada crise social.

A Grande Depressão colocou em cheque a eficiência do liberalismo econômico e seus pressupostos inerentes à regulação de toda a sociedade pelas forças

---

2. Eric J. Hobsbawm. A era do capital: 1848 – 1875. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1997. p. 60-77.

do mercado. Porém, seus princípios filosóficos não foram abandonados em virtude da juventude dessa concepção de pensamento e de seus embates “revolucionários” em torno da negação dos resquícios religiosos e feudais existentes em algumas sociedades. O liberalismo filosófico assumiu o “charme” das concepções progressistas burguesas, atuando como contraponto ao crescimento do socialismo na Europa. Por um lado, não atentou à ruptura da revolução burguesa europeia. Por outro, conquistou as mentes de parcelas dos intelectuais e seus seguidores sobre a predominância de um modelo de sociedade consumidora de mercadorias movida pelo princípio da individualidade como caminho para a liberdade. Apesar do respeitável entusiasmo de Dewey sobre a eficiência dessas concepções, parece-nos que a liberdade burguesa coincide com uma ação similar à de libertar um preso da cela proibindo-o de sair da cadeia.

Um amplo processo de reestruturação produtiva ocorreu no mundo capitalista. O capitalismo assumiu uma dimensão monopolista baseado na centralização de capitais, formação de cartéis, trustes, consórcios de capitais, sociedades anônimas, etc. Um rígido processo de controle dos mercados e acesso às matérias primas acompanhou um movimento internacional marcado pela aliança entre os Estados Nacionais e as empresas privadas para financiar a formação de uma estrutura político-administrativa que viabilizasse um modelo de sociedade consumidora de mercadorias.

Os monopólios de corporações formados por grupos que se associam para contornar a crise ganharam força. A união entre os capitais industriais e bancários fomentaram o poder do capital financeiro, cuja fusão com os Estados Nacionais marcou o surgimento dos

monopólios e do imperialismo. A ascensão do imperialismo representou um profundo revolucionar das relações entre as grandes potências e os países periféricos. Ele marcou a maturação de uma relação opressiva fruto do desenvolvimento dos grandes monopólios e das estratégias de controle econômico, político, social e cultural. O monopolismo elevou a opressão e a dependência do centro sobre a periferia.

Os escritos de Dewey foram inspirados nos desdobramentos dos eventos inerentes à recente partilha do mundo comandada pelas nações industrializadas e de industrialização tardia – Japão e Alemanha – no século XIX. Parte da África, a Ásia e o sul do Pacífico tornaram-se referências para o domínio econômico. A Inglaterra, França, Estados Unidos, Japão, Alemanha, entre outras, agiram em uma ampla redefinição do planeta objetivando o controle de mercados e matérias-primas<sup>3</sup>. O final do século XIX e início do seguinte marcaram a divisão da maior parte do planeta. Por volta de 1914, a África pertencia aos impérios europeus, à exceção da Etiópia, que conseguiu resistir à Itália, o mais fraco dos Estados imperiais, a Libéria e parte do Marrocos<sup>4</sup>. As quatro maiores potências do planeta adquiriram 14,1 milhões de quilômetros quadrados de colônias. Esse avanço dos grupos monopolistas objetivava controlar todas as fontes de matérias-primas do planeta como forma de garantir vantagens na luta contra os seus rivais. Quanto maior a expansão, maior a brutalidade na concorrência pelo acesso e posse às matérias-primas<sup>5</sup>.

---

3. Hobsbawm, Eric. *J.A era do capital: 1848 – 1875*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1997. p. 171.

4. *Ibidem* ao anterior

As diferenças existentes nos processos históricos de acumulação primitiva acirraram o embate entre os Estados industrializados. A Primeira Grande Guerra Mundial foi o resultado desse conjunto de disputas internacionais. Hobsbawm analisa a Primeira Grande Guerra Mundial como o período em que ocorreu o desenvolvimento de uma economia de guerra acompanhada pelo envolvimento ideológico da população em torno dos seus resultados.

A análise de Dewey sobre os embates entre a Alemanha e a Grã-Bretanha se explica em um processo imperialista manifesto em suas disputas em torno da busca incessante de novas colônias e áreas de influência no Pacífico, Extremo Oriente e no continente Africano. Essas disputas imperialistas acirraram os embates culturais e políticos na Europa, merecendo destaque o pan-eslavismo<sup>6</sup>, pan-germanismo<sup>7</sup>, revanchismo francês<sup>8</sup> e a corrida armamentista entre a Grã-Bretanha e a Alemanha. Esses embates resultaram em um conjunto de conflitos diplomáticos, merecendo destaque o Marrocos e a Península Balcânica.

A Alemanha e a França quase foram à guerra em disputa pelo controle do Marrocos.<sup>9</sup> A Península Balcânica era uma região que vivia o conflito entre a expansão

---

5. Vladimir Ilich Lênin. *O imperialismo: fase superior do capitalismo*; tradução Olinto Beckerman. 4 ed., São Paulo, Global, 1987. p. 80.

6. O Império Russo entendia que todos os povos eslavos da Europa Oriental que habitavam o Império Austro-Húngaro deveriam se unir na região dos Bálcãs.

7. A busca da liderança alemã sobre todos os povos germânicos residentes na Europa Central.

8. A busca da revanche francesa sobre a Alemanha após a derrota da primeira na guerra de 1870, onde foi obrigada a ceder a Alsácia e a Lorena, territórios ricos em fontes minerais.

do nacionalismo sérvio e o crescimento do império austro-húngaro. A anexação do segundo pela Bósnia-Herzegovina em 1908 acirrou os conflitos com a Sérvia, levando a região a um processo de guerra generalizada. O governo alemão pressionou a Áustria para que endurecesse as relações com a Sérvia exigindo a renúncia aos seus interesses na Península Balcânica. A negativa sérvia em atender ao ultimato austríaco impactou no início da guerra entre os dois países.

Esses conflitos germinaram a semente da Primeira Grande Guerra Mundial fomentada pelo assassinato do herdeiro do trono da Áustria, Francisco Ferdinando, por um estudante sérvio, em 1914. Basicamente, dois grupos de países combateram entre si. O primeiro deles, denominado como “Tríplice Aliança”, composto pela Alemanha, Itália<sup>10</sup>, Império Austro-Húngaro, e incorporada posteriormente pela Bulgária e o Império Turco-Otomano. O segundo denominado como “Tríplice Entente” composto pela Rússia, França e Inglaterra e incorporado posteriormente pela Bélgica, Japão, Itália, Portugal, Estados Unidos, Brasil, Sérvia e Grécia.

O desenrolar da guerra implicou na construção de um bloqueio dos aliados que levou à morte pela fome milhares de alemães. O endurecimento da guerra implicou na desistência de países que lutavam ao lado da Alemanha, como a Bulgária, Turquia e o Império Austro-Húngaro. O crescente isolamento em um conflito que já durara quatro anos diminuiu a resistência do Exército alemão. O crescimento das manifestações contra a Guerra na Alemanha implicou na renúncia e exílio

---

9. A resolução do impasse se deu com o controle francês sobre o Marrocos e de parcela do Congo Francês pela Alemanha.

10. A Itália deixou a Tríplice Aliança em 1915.

do Kaiser Guilherme II na Holanda. O fim da monarquia alemã da família Hohenzollern anunciou a fundação da República Alemã na cidade de Weimar denominada posteriormente como República de Weimar. Em novembro de 1918 a Primeira Grande Guerra Mundial chegou ao fim.

O final da guerra implicou em um conjunto de acordos totalmente desfavoráveis aos países derrotados. Os alemães entenderam o “Tratado de Versalhes” foi um processo humilhante para a Alemanha que inviabilizaria a existência futura da nação alemã.

A referência de Dewey sobre a centralidade do Kultur para a interpretação das motivações alemães na Primeira Grande Guerra Mundial é fundamental para a análise sobre da origem do nazismo na Alemanha. As condições de desvantagem<sup>11</sup> impostas à Alemanha pelo Tratado de Versalhes implicaram na indignação e resistência interna. Os acontecimentos inerentes ao hiato en-

---

11. Admissão de culpa e responsabilidade única da Alemanha pela ocorrência da Grande Guerra; Proibição da união entre Alemanha e Áustria; Compromisso de reparações financeiras a definir (especialistas falam em uma quantia superior a 20 bilhões de dólares); Concordância com julgamento internacional do Kaiser e de outros líderes de guerra; Devolução da Alsácia e da Lorena à França; Cessão de Eupen-Malmedy à Bélgica, de Memel à Lituânia e do distrito de Hultschin à Checoslováquia; Entrega da Poznania, Silésia setentrional e Prússia oriental à Polônia restabelecida; Entrega das possessões ultramarinas na China, África e Pacífico; Transformação de Danzig em cidade livre; Desmilitarização permanente e ocupação aliada por 15 anos da província do Reno; Limitação do Exército Alemão a 100.000 homens, para segurança interna, sem tanques, sem artilharia pesada, sem suprimentos de gás, sem navios ou aviões; Limitação da Marinha Alemã a belonaves inferiores a 100.000 toneladas e proibição de submarinos. Fonte: <http://www.museudeimagens.com.br/os-duros-termos-da-paz-tratado-de-versalhes/> Acesso em: 04 de fevereiro de 2016, às 20 horas.

## 16 Personagens e Eventos...

tre a Primeira e a Segunda Grande Guerra demonstraram que os princípios da desmoralização internacional imposta pelo revanchismo francês e inglês acirraram os pressupostos da “honra e da glória” embutidos na história da cultura alemã, despertando a semente do nazismo.

A revolução russa influenciou parcela dos militares e trabalhadores a formarem conselhos aos moldes soviéticos. As greves contra a situação alemã cresceram questionando o governo alemão. Os soldados se amotinaram contra os seus superiores e se recusaram a cumprir suas ordens. A fome e o constante corte nos salários levaram ao descontentamento parcela dos soldados alemães. Os marinheiros foram os primeiros a se rebelarem no ano de 1917, sendo brutalmente reprimidos. Ainda nas prisões, os espartaquistas conclamaram: “não há senão um meio de deter a carnificina dos povos e alcançar a paz: é desencadear uma luta de massas que paralise toda a economia e a indústria bélica, é instaurar por meio da revolução, liderada pela classe operária, uma República popular na Alemanha.”<sup>12</sup>

As mobilizações cresciam no país e ganhavam força com a defesa da criação de uma República Socialista na Alemanha. Os espartaquistas preparavam um processo de transformação social via participação popular. Ao contrário dos apelos governamentais para que a população deixasse as ruas e apostasse na paz no país, os espartaquistas apostavam na constante mobilização como forma de transformar a Alemanha.

---

12. Rosa Luxemburgo. In Buonicore, Augusto. *Rosa Luxemburgo: a Rosa Vermelha do Socialismo*. [http://www.vermelho.org.br/coluna.php?id\\_coluna\\_texto=5626&id\\_coluna=10](http://www.vermelho.org.br/coluna.php?id_coluna_texto=5626&id_coluna=10) Acesso em: 13 de março de 2016, às 14 horas.

No ano de 1919, um amplo processo repressivo teve início na Alemanha. Os marinheiros foram massacrados e uma parcela dos trabalhadores foi às ruas em protesto a essa situação. A população nas ruas tomou os jornais reacionários e o parlamento alemão. O governo convocou unidades voluntárias de soldados que lutaram nas frentes de guerra denominadas como "Freikorps". Movidos pelos princípios do nacionalismo burguês, esses soldados massacraram o levante socialista em curso na Alemanha em cinco dias de combates nas ruas alemãs. O final da insurreição ocorreu com o sequestro de Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht. Eles foram fuzilados em um zoológico na Alemanha e seus corpos foram jogados no canal Landwehr. Decerto, alguém se perguntava: “quantos tiros eram necessários para matar o sonho da revolução alemã? No zoológico de Berlim quem seriam os animais?”<sup>13</sup>.

O enfraquecimento da Alemanha possibilitou que grupos paramilitares poloneses invadissem o país para conquistar parcelas da Silésia Superior, Prússia Ocidental e Oriental e Posnânia. Teve início um amplo processo de guerra entre os poloneses e os Freikorps alemães com vitória dos últimos.

As humilhações impostas aos alemães provocaram reações das forças políticas alemãs após o final da guerra fomentando a futura construção do nazismo. Os próprios Freikorps fracassaram na tentativa de um golpe de Estado contra o governo alemão sendo posteriormente dispensados do serviço. Muitos acabaram por se

---

13: [http://www.vermelho.org.br/coluna.php?id\\_coluna\\_texto=5626&id\\_coluna=10](http://www.vermelho.org.br/coluna.php?id_coluna_texto=5626&id_coluna=10) Acesso em: 21 de fevereiro de 2016, às 21 horas.

filiar ao Partido Nazista, sendo que alguns compuseram os quadros da SS Nazista<sup>14</sup>.



O debate sobre o Kultur alemão fomentou a discussão filosófica nas primeiras décadas do século XX. No âmbito da teoria crítica, Adorno e Horkheimer<sup>15</sup> demonstraram suas preocupações com o uso mercadológico do termo Kultur pela burguesia. Entenderam que a desvinculação da cultura com a práxis humana reduzia a sua importância, limitando a capacidade humana em produzir através da cultura a sua própria autonomia. Eles acreditavam que o Kultur era composto por uma dupla dimensão. A primeira delas expressa em sua positividade manifesta na capacidade humana de construir sua crítica do mundo vivido. A segunda em uma expressão negativa que se limitasse a contemplar as relações sociais existentes. Toda realidade espiritual só faz sentido quando se relaciona com a existência material e objetiva dos seres humanos. Qualquer relação humana para constituir-se enquanto parte do Kultur de uma nação deve romper com os princípios estreitos da mercadoria. O Kultur estabelece a ligação do indivíduo com a totalidade das relações sociais do seu tempo e não se limita a uma mera expressão do pensamento.

---

14. Fonte: <http://www.luftwaffe39-45.historia.nom.br/iguerra.htm>  
Acesso em: 04 de fevereiro de 2016, às 20 horas.

15. T.W. Adorno; M. Horkheimer. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Tradução de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1986.

Marcuse<sup>16</sup> analisou o Kultur com ênfase às ideologias construídas pela cultura burguesa. Em crítica radical à sociedade capitalista, entendeu que a positividade do Kultur estava em sua utilização como instrumento para a construção de uma realidade social que negasse a existente. A importância do Kultur como ferramenta para a emancipação social estava em sua vinculação com a práxis humana, caso contrário, privilegiaria apenas as ideologias burguesas de uma sociedade. Influenciado por Marx e Engels em “A ideologia alemã”, entendeu que as transformações sociais não seriam possíveis se fossem limitadas à esfera do pensamento, pois os sujeitos aceitariam as dimensões culturais enquanto processos naturais na sociedade, inviabilizando qualquer crítica ou resistência.

Para Nietzsche, o Kultur e o Estado eram elementos antagônicos e inconciliáveis entre si<sup>17</sup>. Em análise sobre o Estado Alemão, demonstrou que sua composição não se dava por aspectos culturais relativos a um país, mas sim por um conjunto de funcionários públicos e técnicos da máquina estatal. Tomando como referência a Alemanha, Nietzsche demonstrou que o Estado acaba por se comportar perante a sociedade como se fosse um novo Deus. O Estado é entendido como um ídolo perante a sociedade que subordina os eruditos em um processo formativo voltado a formar culturalmente seres humanos cujas reflexões coincidem com os interesses do próprio Estado. Nietzsche afirma que todo e qualquer conhecimento expresso pelo Kultur não cria seres huma-

---

16. Herbert Marcuse. *Cultura e sociedade*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

17. F. W. Nietzsche. *Sobre o futuro dos nossos estabelecimentos de ensino*. In *Escritos sobre a educação*. Trad. Noeli Correia de Melo Sobrinho. RJ, Ed. PUC-Rio; SP, Loyola, 2003.

nos livres e criativos, mas sim concepções vazias em um universo de interesses do mundo das mercadorias<sup>18</sup>.

Norbert Elias é o que mais se aproxima das reflexões apresentadas por Dewey. Ele desenvolveu um estudo comparativo sobre o Kultur e a Zivilisation dando ênfase à França, Alemanha e a Inglaterra.

Acima de tudo, é grande a diferença entre a forma como ingleses e franceses empregam a palavra, por um lado, e os alemães, por outro. Para os primeiros, a conceito resume em uma única palavra seu orgulho pela importância de suas nações para o progresso do Ocidente e da humanidade. Já no emprego que lhe é dado pelos alemães *Zivilisation*, significa algo de fato útil, mas, apesar disso, apenas um valor de segunda classe, compreendendo apenas a aparência externa de seres humanos, a superfície da existência humana. A palavra pela qual os alemães se interpretam, que mais do que qualquer outra lhes expressa o orgulho em suas próprias realizações e no próprio ser, é *Kultur*<sup>19</sup>.

Elias entende que para os franceses e ingleses a palavra “civilização” alude a concepções ou fatos políticos, econômicos, religiosos, técnicos, morais ou sociais.

---

18. Wilson Antonio Frezzatti Jr. Educação (*bildung*) enquanto verniz: crítica ao Estado e psicofisiologia. In Revista *Filosofia e Educação*. Dossiê Nietzsche e a Educação. Volume 6, número 1, Fevereiro de 2014. p. 62 – 75.

19. Norbert Elias. O processo civilizador. Tradução Ruy Jungman. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed, 1994. p. 23-24.

A civilização é relacionada às atitudes e comportamentos humanos independentes de sua importância. Para os alemães, o Kultur é voltado à dimensão artística, intelectual e religiosa. Sua característica é separar a primeira dimensão dos fatos sociais, econômicos e políticos. Os alemães entendem que os seres humanos se explicam por suas realizações e não apenas por suas condutas.

Elias cita a opinião de Fontaine sobre a Inglaterra publicada em 1852 em *Ein Sommer in London*:

A Inglaterra e a Alemanha se relacionam da mesma maneira que forma e conteúdo, aparência e realidade. Ao contrário das coisas, que em nenhum outro país do mundo exibem a mesma solidez que na Inglaterra. As pessoas se distinguem pela forma, pela aparência mais visível. O indivíduo não precisa ser um cavalheiro, precisa apenas dos meios para parecer que se torna tal. O indivíduo não precisa ter razão, precisa apenas colocar-se dentro das formas da razoabilidade e terá razão. Por toda a parte, aparência. Em nenhum lugar o homem inclina-se mais a abandonar cegamente ao mero brilho de um nome. O alemão vive para viver, o inglês para representar. O alemão vive para si mesmo, o inglês vive para os outros<sup>20</sup>.

Os alemães dão um sentido ao Kultur expressos no caráter e no valor dos produtos humanos e não no valor individual dos sujeitos. “O conceito alemão de Kul-

---

20. Idem ao anterior. p. 27.

tur, no emprego corrente, implica uma relação diferente com movimento. Reporta-se a produtos humanos que são semelhantes a ‘flores do campo’, a obras de arte, livros, sente-se orgulho pela importância de suas ações para o progresso do acidente, mas religiosos ou filosóficos, nos quais se expressa a individualidade de um povo”<sup>21</sup>.

Para Elias o conceito alemão de Kultur enfatiza as diferenças nacionais e da identidade particular dos grupos. Ao contrário do conceito de civilização que justifica os aspectos expansionistas expressos pela colonização e o imperialismo, o conceito de Kultur:

[...] reflete a consciência de si mesmo de uma nação que teve de buscar e constituir incessante e novamente suas fronteiras, tanto no sentido político como espiritual, e repetidas vezes perguntar a si mesma: “Qual. e, realmente, nossa identidade?” A orientação do conceito alemão de cultura, com sua tendência à demarcação e ênfase em diferenças, e no seu detalhamento, entre grupos, corresponde a este processo histórico. As perguntas “O que é realmente francês? O que é realmente inglês?” há muito deixaram de ser assunto de discussão para franceses e ingleses. Durante séculos, porém, a questão “O que é realmente alemão?” reclamou sempre resposta. Uma resposta a esta pergunta – uma entre várias

---

21. Ibidem ao anterior.

outras – reside em um aspecto peculiar do conceito de *Kultur*<sup>22</sup>.

Essas afirmações são fundamentais para a recuperação das diferenças entre o conceito de *Kultur* alemão e o de *Zivilization* para os ingleses e franceses. Todos consideram como únicos e legítimos as formas com veem e percebem o mundo. Ambas as nações possuem orgulho das formas como interpretam o mundo e esperam ser julgadas a partir desses princípios. Contudo, os alemães podem explicar aos franceses e ingleses:

[...] o que entendem pelo conceito de *Kultur*. Mas dificilmente podem comunicar o mínimo que seja do meio formativo nacional específico e valores emocionais axiomáticos que para eles a palavra reveste. Franceses ou ingleses poderão, talvez, dizer aos alemães que elementos tomam o conceito de civilização a suma da autoimagem nacional. Mas, por mais razoável e racional que este conceito lhes pareça, ele também nasce de um conjunto específico de situações históricas, e está cercado também por uma atmosfera emocional e tradicional difícil de definir, mas que apesar disso constitui, 'parte integral, de seu significado. E a discussão descamba realmente para a inutilidade quando o alemão tenta demonstrar ao francês e ao inglês porque o conceito de *Zivilisation* de fato representa um va-

---

22. Norbert Elias. O processo civilizador. Tradução Ruy Jungman. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed, 1994. p. 25.

lor para ele, embora apenas de segunda classe<sup>23</sup>.

O embate entre o Kultur e a Zivilization tomou novos contornos após o final da Primeira Grande Guerra Mundial. Para os aliados, a derrota da Alemanha significou uma vitória em nome de toda a civilização. Para os alemães, a reconstrução do seu país a partir das vergonhosas imposições do Tratado de Versalhes implicava em resgatar o próprio sentido de sua civilidade. A dificuldade de entendimento cultural e social entre os alemães e os ingleses limitou a compreensão dos últimos sobre as aspirações que moviam os primeiros.

Dewey recupera essa dificuldade para analisar a concepção inglesa no cenário da Primeira Grande Guerra Mundial. Os ingleses analisaram a Alemanha em pressupostos similares aos seus, expressos na desenfreada corrida imperialista para levar vantagem em qualquer situação de disputa. A ausência de produções científicas inglesas sobre a Alemanha empobreceu suas análises sobre a totalidade do que estava em disputa, limitando ao nível político e econômico, algo que era composto por forte apelo cultural. Os alemães estavam em guerra pela defesa do seu jeito de viver e sentir a vida. Tendo como referência o pressuposto que todos os povos e nações constroem justificativas fundadas para as suas ações, o heroísmo e o patriotismo contra os inimigos alemães foram os elementos utilizados para a construção de uma comoção nacional que legitimasse a participação da Alemanha na guerra.

Essa ação acabou por incorporar elementos metafísicos manifestos no entendimento da lógica da guerra como uma luta entre o bem e o mal. O exército do bem

---

23. Idem ao anterior. p. 25-26.

foi representado pelos soldados alemães em uma luta titânica contra as “forças do mal” compostas por soldados dos países aliados. Essa dimensão metafísica com grande poder de convencimento e mobilização omitiu os verdadeiros motivos do conflito em questão. Contudo, ao pesar a representação da titânica do bem contra o mal, estava em jogo o predomínio geopolítico internacional imperialista em que os vitoriosos teriam como dádiva a conquista militar do direito de explorar os povos e os recursos dos países periféricos.

O que nos chamou a atenção foram as análises de Dewey sobre a ineficácia do Tratado de Versalhes e a reação alemã. O entendimento das formas como os alemães percebiam o mundo apontaram a possibilidade concreta da construção de novos conflitos no futuro, algo não negado pela história. As punições econômicas e políticas impostas à Alemanha trouxeram ressentimentos acirrados pela forma como os alemães se entendiam no novo cenário mundial. O ovo da serpente foi gestado cujo embrião foi o nazismo.

A imposição do Tratado de Versalhes através do qual a Alemanha teve que pagar 33 milhões de dólares à “Tríplice Entente” e a perda de parte de seu território e das suas colônias, especialmente na África. A redução do contingente do seu exército e a obrigatoriedade em reconhecer a independência da Áustria, Hungria, Tchecoslováquia, Polônia e do Reino dos Sérvios, Croatas e Eslovenos revoltaram os nazistas. Essa revolta inspirou o Programa do Partido Nacional-Socialista Alemão dos Trabalhadores (NSDAP) do qual destacamos alguns pontos principais:

1. Nós pedimos a constituição de uma Grande Alemanha, que reúna

todos os alemães, baseados no direito dos povos a disporem de si mesmos.

2. Pedimos igualdade de direitos para o Povo Alemão em relação às outras nações e a revogação do Tratado de Versalhes e do Tratado de Saint Germain.

3. Pedimos terras e colônias para nutrir o nosso povo e reabsorver a nossa população.

4. Só os cidadãos gozam de direitos cívicos. Para ser cidadão, é necessário ser de sangue alemão. A confissão religiosa pouco importa. Nenhum judeu, porém, pode ser cidadão.

5. Os não cidadãos só poderão viver na Alemanha como hóspedes e terão de se submeter à legislação sobre os estrangeiros.

6. O direito de fixar a orientação e as leis do Estado é reservado unicamente aos cidadãos. Por isso, pedimos que todas as funções públicas, seja qual for a sua natureza, não possam ser exercidas senão por cidadãos. Nós combatemos a prática parlamentar, origem da corrupção, de atribuição de lugares por relações de Partido sem importar o caráter ou a capacidade.

7. Pedimos que o Estado se comprometa a proporcionar meios de vida a todos os cidadãos. Se o país não puder alimentar toda a população, os

não cidadãos devem ser expulsos do Reich.

8. É necessário impedir novas imigrações. Pedimos que todos os estrangeiros estabelecidos no Reich depois de 2 de Agosto de 1914, sejam imediatamente obrigados a deixar o Reich.

9. A supressão do rendimento dos ociosos e dos que levam uma vida fácil e a supressão da escravidão do juro.

10. Considerando os enormes sacrifícios de vidas e de dinheiro que qualquer guerra exige do povo, o enriquecimento pessoal com a guerra deve ser estigmatizado como um crime contra o povo. Pedimos, por isso, o confisco de todos os lucros de guerra, sem exceção.

11. Pedimos a nacionalização de todas as empresas que atualmente pertencem aos Trusts.

12. Pedimos a criação e proteção de uma classe média sã, a entrega imediata das grandes lojas à administração comunal e o seu aluguel aos pequenos comerciantes a baixo preço. Deve ser dada prioridade aos pequenos comerciantes e industriais nos fornecimentos ao Estado, aos Länder ou aos municípios.

13. Pedimos uma reforma agrária adaptada às nossas necessidades nacionais, a promulgação de uma lei que permite a expropriação, sem in-

denização, de terrenos para fins de utilidade pública – a supressão de impostos sobre os terrenos e a extinção da especulação fundiária.

14. Pedimos uma luta sem tréguas contra todos os que, pelas suas atividades, prejudicam o interesse nacional. Criminosos de direito comum, traficantes, agiotas, etc., devem ser punidos com a pena de morte, sem consideração de credo religioso ou raça.

15. A extensão da nossa infraestrutura escolar deve permitir a todos os Alemães bem-dotados e trabalhadores, o acesso a uma educação superior e através dela os lugares de direção. Os programas de todos os estabelecimentos de ensino devem ser adaptados às necessidades da vida prática. O espírito nacional deve ser inculcado na escola a partir da idade da razão. Pedimos que o Estado suporte os encargos da instituição superior dos filhos excepcionalmente dotados de pais pobres, qualquer que seja a sua profissão ou função social.

Munique, 24 de Fevereiro de 1920<sup>24</sup>.

---

24.<http://icommercepage.blogspot.com.br/2011/10/os-25-ponto-chaves-do-nazismo.html> Acesso em: 09 de outubro, às 18 horas.



O Kultur alemão é um elemento central para a interpretação das mudanças políticas no Japão no cenário da Revolução Meiji na segunda metade do século XIX. A influência do pensamento alemão sobre o japonês se explica nas peculiaridades e particularidades referentes à história do Japão. Apesar de o Japão e a Alemanha possuírem histórias distintas, o kultur alemão apresentou-se como uma forma coerente permitindo aos japoneses, depois de se fecharem ao mundo por centenas de anos, participarem das profundas transformações inerentes ao modo de produção capitalista sem abrir mão de todos os seus preceitos culturais interpretativos de como deveria ser a sociedade.

A centralidade da guerra e da honra data de séculos na cultura japonesa. A guerra está inserida nas formas como os japoneses veem e percebem a vida definindo a sua própria existência. A figura do samurai na histórica japonesa exemplifica essa afirmação. O termo samurai ganhou importância na cultura japonesa no ano de 1100. Esse período histórico marcado pelo isolamento japonês e o distanciamento do poder imperial implicou em disputas pelas diversas propriedades feudais que compunham o país. Esses conflitos levaram os senhores feudais japoneses a construir verdadeiros exércitos particulares de samurais voltados à defesa dos seus interesses.

A crescente militarização da sociedade fortaleceu a importância e o respeito pelos samurais em toda a sociedade japonesa. Os crescentes conflitos internos manifestos em processos similares aos de uma guerra civil

elevaram a condição política dos samurais dada a sua centralidade em resolver conflitos e determinar a dominação do mais forte.

No ano de 1192, Yoritomo Minamoto<sup>25</sup> foi o primeiro samurai a tornar-se Xogun no Japão<sup>26</sup>. A chegada ao poder de Minamoto como Xogun – denominado como Bakufu – marcou o início de um período histórico extremamente conflituoso e militarizado que durou mais de 700 anos. O Xogunato teve entre seus objetivos a luta pela unificação do Japão em torno dos clãs mais poderosos que controlavam politicamente o país. Ele marcou um período movido pelo conservadorismo e conflitos internos responsáveis pela morte de milhares de japoneses.

O período do Xogunato na Idade Média é fundamental para entender as reflexões de Dewey sobre a luta interna no Japão no início de século XX em torno da negação e aceitação dos princípios liberais existentes na Europa e nos Estados Unidos. As análises desenvolvidas por Dewey demonstram os desdobramentos de um processo centenário existente no Japão. Apesar das profundas mudanças em curso no capitalismo e seus impactos na atuação japonesa perante o imperialismo, os princípios militaristas herdeiros dos clãs medievais ainda existiam no Japão e não seriam apagados da história.

O pensamento militarista ainda influente no Japão era a herança cultural de um país cuja história é marcada pela existência de severos conflitos internos e

---

25. 1147-1199

26. Atuava como uma espécie de general incumbido de cuidar da segurança do país. Esse título era atribuído diretamente pelo Imperador.

acirradas disputas políticas expressas na defesa dos interesses dos clãs. A guerra pela defesa dos interesses enquanto um processo expresso pela honra justificou uma constante disputa pelo poder interno ao qual qualquer concepção distinta era similar a um inimigo velado.

A polarização pela guerra enquanto um processo de viver e perceber a vida radicalizou o entendimento japonês sobre o que era e deveria ser a sociedade, elaborando a negação constante de qualquer concepção que negasse os princípios japoneses. A religião exemplifica essa afirmação. O crescimento do cristianismo no período do Xogunato incomodou os clãs governantes. O seu entendimento sobre a existência de um Deus único acima de qualquer ser humano ia de encontro a uma sociedade centrada no Imperador enquanto deus vivo e a centralidade do Xogun. “Acresce que, entre os daimyôs da parte ocidental do Japão, havia vários convertidos à religião cristã desde a época de Hideyoshi e, entre eles, as ordens do bakufu nem sempre eram devidamente acatadas. Existiam, portanto, na nova religião, vários fatores de ameaça ao regime shogunal”<sup>27</sup>.

O Regime Xogunato iniciou forte repressão ao avanço do cristianismo no Japão. Um rígido processo de fiscalização sobre os sacerdotes dessa religião foi implantado no país, resultando no fechamento de templos e prisões de sacerdotes. O nível de repressão chegou a tal ponto que no período Iemitsu, por volta dos anos 1600, o Xogun determinou o fechamento das fronteiras japonesas. A intenção era retirar qualquer influência internacional sobre a cultura japonesa. Essa ação ocasionou

---

27. José Yamashiro. Pequena história do Japão. SP, Editora Herder, 1964. p.113.

um conjunto de conflitos similares a uma guerra civil no Japão. Ocorreram levantes de japoneses, camponeses cristãos contra a proibição do cristianismo. “Os camponeses, em número superior a vinte mil, liderados por Shiro Amakusa e outros chefes, resistiram durante cinco meses ao ataque de mais de cem mil soldados do Bakufu”<sup>28</sup> sendo posteriormente massacrados.

O isolamento do Japão o deixou à parte das transformações econômicas e culturais em curso no planeta e favoreceu a manutenção do conservadorismo interno e a estrutura legitimada do poder. Essa relação ganhou força em virtude da própria consolidação das forças internas japonesas baseadas na centralidade do Bakufu e no crescente isolamento do imperador com referência à tomada de decisões políticas e administrativas no Japão.

O poder do Xogunato legitimou-se na construção de estratégias voltadas a redefinir a posição do imperador perante a população. Sua ação foi construir uma imagem do imperador centrada em sua importância espiritual e não política. A aceitação do imperador como um deus vivo justificava o próprio isolamento do Japão como uma estratégia de preservação da sua cultura. Ao entendê-lo como um símbolo espiritual, tirava o foco de sua perspectiva de intervenção na política, transformando-o em um símbolo que uniria o povo japonês. Tomando como referência a sua representatividade perante a população que poderia pôr em cheque o poder político do Bakufu “procurou ofuscar o povo com a fulgurância do poder espiritual que se atribuía à coroa. Em vez de ‘sumeragui’ (imperador), o soberano recebia ago-

---

28. Idem ao anterior. p. 114.

ra o termo de respeito ‘amatsukami’” (Deus do céu) que lhe atribuíam os servidores do Bakufu”<sup>29</sup>.

Essa ação isolou o Imperador, transformando-o em uma figura lendária, invisível e sagrado à população, quando na realidade subordinava-se politicamente às ações do Xogunato. Um palco de conflitos entre a monarquia e o Xogunato instaurou-se com essa relação e se manteve com o caminhar da história. A luta pelo poder no Japão foi influenciada pela dinâmica dos conflitos internos e externos e as transformações em curso no planeta. As severas transformações no modo de produção capitalista colocaram em cheque a centralidade do Bakufu e o próprio feudalismo japonês. Um amplo processo de transição teve início no Japão sem que as forças em disputa interna fossem apagadas da história.

As disputas internas e as interpretações de mundo sobre o que era e deveria ser o Japão continuaram. Dewey escreveu sobre essa nova fase dos conflitos ressaltando outros atores e perspectivas.

## IV

As mudanças no cenário político e econômico afetaram gradativamente o Japão. O surgimento da Inglaterra como grande potência imperialista mudou o cenário do planeta, colocando o isolamento do Japão em cheque. As pressões relativas à elevação das relações comerciais impactavam sua dimensão cultural acirrando as disputas comerciais expressas em conflitos internos, diplomáticos e até mesmo guerras.

---

29. Idem ao anterior. p. 116.

A guerra do ópio em 1839 entre a China e a Inglaterra influenciou o Japão em abrir alguns dos seus portos ao comércio internacional sem, contudo, revogar a política isolacionista. A abertura dos portos teve grande influência na sociedade japonesa. O volume do comércio cresceu, especialmente nas exportações de seda, chá, ouro. O crescimento dos lucros com as exportações implicou na elevação dos preços internos, da pobreza e o custo de vida, levando o Shogunato a perder gradativamente a representatividade perante a população. Um amplo processo de desintegração da sociedade feudal japonesa teve início no país. O empobrecimento do país fomentou os conflitos no campo. Uma parcela considerável de camponeses abandonou a profissão em busca de novas oportunidades nos centros urbanos japoneses, diminuindo o número de trabalhadores no campo e sua própria produtividade.

As lutas camponesas cresceram no Japão. O crescente desnível entre os pobres e os ricos colocou em cheque o próprio regime que encontrou cada vez mais dificuldades em se autossustentar à custa do trabalho no campo. “Muitos destes agora dependiam mais dos chonins e alguns se transformavam em artesãos ou negociantes. A classe dos ‘chonin’ estava em franca ascensão com detrimento do prestígio dos bushi e camponeses”<sup>30</sup>.

O regime feudal se enfraquecia gradativamente, implicando em uma gradativa transferência do poder para a corte japonesa. O Japão entrou por volta de 1867 em um amplo processo de mudanças manifestas em uma revolução política denominada como “Restauração Monárquica de Meiji” baseada em um documento

---

30. Idem ao anterior. p. 144.

composto de cinco diretrizes principais denominadas como “Pacto dos Cinco Artigos”<sup>31</sup>.

Estes pontos foram fundamentais para a entrada dos princípios democráticos no Japão. A monarquia foi restaurada e as relações internacionais estreitadas. Estava em jogo a abertura das fronteiras japonesas para incorporar todas as mudanças internacionais de forma que proporcionasse o desenvolvimento econômico do Japão. A monarquia mudou a capital do país de Kyoto para Yedo, denominada posteriormente como Tóquio. Estava em jogo uma demonstração governamental manifesta em um espírito de constante de mudança voltada a criar uma mentalidade de desenvolvimento no país.

Em 1871, após longas batalhas entre os defensores e contrários do período feudal ocorreu a entrega dos feudos à monarquia. Com isso, eles foram abolidos e transformados posteriormente em províncias governadas em sua maioria pelos antigos senhores feudais que deveriam se reportar às unidades administrativas regionais do Japão.

Foi criado o cargo de "dajo-daijin", equivalente ao de Primeiro-Ministro. Sanemi Sanjo foi o primeiro a ocupar o cargo. Abaixo dele ficavam os secretários dos Templos e Santuários, do Exterior, das Finanças, da Defesa,

---

31. 1. Convocar assembleias deliberativas para resolver os assuntos de interesse geral, de acordo com a opinião pública. 2. União de todas as classes sociais para a ativa administração do país. 3. Fazer com que funcionários públicos, militares e o povo em geral realizem plenamente suas aspirações; impedir o relaxamento do espírito popular. 4. Destruir os costumes obsoletos para imperar o senso de equilíbrio e justiça. 5. Procurar o saber em todas as partes do mundo a fim de levantar as glórias do regime imperial.

da Educação, das Indústrias, da Justiça e da Casa Imperial. Desaparecera a classe dos bushi. Para atender às necessidades da defesa nacional, foi decretada a lei do serviço militar, em 1872. Desde então, todos os japoneses tinham o dever de prestar serviço militar. Foram igualmente criados os "chindai" (guarnições militares) e a guarda imperial<sup>32</sup>.

Criou-se no Japão uma sociedade classista composta pelos "aristocratas (kwazoku), os descendentes dos antigos samurais (shizoku) e o povo (heimin). Apesar dessa distinção constava no registro civil que todos eram iguais perante a lei na qualidade de súditos do imperador"<sup>33</sup>. Ocorreu a mudança da cobrança de impostos para dinheiro e não mais em percentual da colheita de arroz, fortalecendo as suas finanças. As terras que antes eram proibidas de serem vendidas por serem consideradas centrais para a economia nacional, agora eram livremente comercializadas. O governo liberou a escolha das profissões pelos japoneses acreditando na maior liberdade de opção à população. Houve mudanças nas moedas japonesas por meio da criação de uma unidade monetária denominada como "yen". As estradas de ferro cresceram, bem como a construção de navios, entre outros.

A abertura dos portos facilitou o avanço dos estaleiros japoneses. Se antes a construção de navios era proibida no Japão, agora com a liberação, os estaleiros japoneses passaram a concorrer com os internacionais.

---

32. José Yamashiro. Pequena história do Japão. SP, Editora Herder, 1964. p. 149.

33. Idem ao anterior. p. 150.

Novas indústrias foram construídas, bem como o telégrafo, o telefone e os correios passaram a funcionar.

Além do ministério das Indústrias, foram criados os ministérios do Interior, Agricultura e Comércio, para estimular o desenvolvimento econômico do país. O próprio governo tomou a iniciativa no estímulo à lavoura, à pecuária, às indústrias de fiação e tecelagem, à mineração, etc. Foram introduzidas técnicas adiantadas do Ocidente para o desenvolvimento das indústrias. Muitos técnicos foram enviados à Europa e à América com a missão de adquirir novos conhecimentos técnico-científicos. Técnicos e cientistas estrangeiros foram contratados para ensinar os japoneses. Igualmente, importaram-se novas técnicas de lavoura. Todas as formas de produção receberam novo estímulo, devido à proteção oficial. Os particulares seguiam a iniciativa do governo à medida que progrediam as indústrias do país, seu comércio<sup>34</sup>.

O Japão viveu um processo de profundas mudanças culturais. A abertura propiciou o acesso a livros e debates acadêmicos no Ocidente. Os estudos franceses sobre os japoneses proliferaram, bem como a influência da cultura alemã.

O governo muito se esforçou na difusão da instrução. Em 1872 estabeleceu o “Regime de Instrução”, criando as escolas primárias, secundárias e

---

34. Idem ao anterior. p. 151.

superiores. Explicou ao povo a necessidade e a importância da instrução. Para a educação da mulher foram criados colégios femininos. Começou-se, assim, a corrigir o erro do costume antigo de relegar a mulher a um plano inferior, tanto na vida pública como privada. A instrução se tornava igual para ambos os sexos e para todas as classes. Em Tóquio fundou-se a primeira universidade, de feição e características modernas, e, nas províncias, numerosos estabelecimentos de ensino primário e secundário surgiram com o correr dos anos. Dentro de pouco tempo, o analfabetismo deixava praticamente de existir em todo o Japão, tal foi o entusiasmo com que o povo acompanhou e secundou a campanha oficial em prol da instrução<sup>35</sup>.

Cresceram os estudos em literatura, medicina, direito e agronomia. Houve um incremento do estudo dos autores clássicos chineses. O cristianismo foi aceito em solo japonês. Porém, as mudanças inseridas pelo período Meiji não agradaram a todos. Apesar das grandes transformações econômicas, políticas e culturais no Japão, o embate histórico entre os defensores das concepções militaristas de origem medieval e aqueles que apostavam a saída do país como mais um tentáculo do imperialismo cresceu. As mudanças implicaram em descontentamentos de segmentos sociais que se sentiram desprivilegiados e temiam a perda da identidade cultural ja-

---

35. Idem ao anterior. p. 152.

ponesa. Entre esses conflitos, merece destaque a “Rebelião de Seinan” em 1877 pelos Samurais que tentavam reestabelecer a importância de sua condição de classe no Japão que foi sufocada.

O Japão preparava-se para elaborar uma nova carta constitucional com forte influência dos princípios alemães.

O movimento popular assumiu tal intensidade, que chegou a provocar tumultos em várias localidades. Em 1875, foram criados o Conselho dos Estadistas Veteranos ("Guenro-in") e a Conferência dos Governadores Provinciais e, em 1878, instalaram-se as assembleias legislativas das províncias. Em consequência do esforço de Ito e outros, o anteprojeto da Constituição ficou pronto em 1888. A 11 de fevereiro (data da fundação do Império) de 1889 foram solenemente promulgados a Constituição Japonesa e o Estatuto Imperial<sup>36</sup>.

A instauração de uma nova constituição fomentou o liberalismo e seus defensores em diferentes segmentos sociais. Deve-se notar que o liberalismo, em virtude da recente transição ao modo de produção capitalista, era entendido como um princípio avançado e revolucionário. O seu apelo à similaridade de avanço econômico e tecnológico conquistava as mentes dos japoneses que visavam a aproximação do seu país com as nações estrangeiras mais desenvolvidas.

Um patamar filosófico expresso em uma noção de avanço manifesta no cientificismo e força econômica

---

36. Idem ao anterior. p. 155.

funcionava como uma espécie de “canto da sereia” do pensamento liberal. Não importava sua incapacidade em resolver as crônicas e crescentes crises cíclicas econômicas no planeta. Da mesma forma não estava em questão a sua incapacidade de resolver os desníveis entre o centro e a periferia do jovem modo de produção capitalista. O objetivo japonês era participar de forma ativa da partilha do mundo expressa pelo capitalismo em que o avanço de uma nação implicava em subjugar outra nação.

O imperador Meiji faleceu em 30 de julho de 1912 sendo substituído por seu filho, o príncipe Yoshihito denominado como “Taisho”. Com o final da Primeira Grande Guerra Mundial, o Japão foi um dos fundadores da Liga das Nações, fortalecendo sua posição no cenário econômico e político internacional. Porém, o final da guerra não diminuiu as animosidades entre os países em sua corrida imperialista. O falecimento do imperador Taisho e a chegada ao poder do príncipe Hirohito, denominado como “Showa” assistiu a um processo de profundas mudanças no interior do Japão. Os embates no interior do país se davam em torno do controle de forças reacionárias e militaristas da administração japonesa.

Militares e elementos ligados a eles, de tendências expansionistas, dominavam a política e a economia do país. Verificaram-se vários levantes de guarnições militares, lideradas por jovens oficiais extremistas, instigados por ambiciosos políticos e militares que manobravam por trás da cortina. Estadistas de tendências moderadas como Inukai, Takahashi e outros, foram brutalmente assassinados pelos

sequazes em reação ao conflito da Manchúria <sup>37</sup>.

O acirramento das questões internacionais expressas pelo imperialismo teve um efeito considerável no Japão. Por um lado, a centralidade da monarquia na condução do processo de abertura proporcionou a participação ativa do país nesse processo internacional fomentando o crescimento do pensamento liberal e do próprio socialismo no Japão. Por outro lado, a noção do imperialismo implicou no endurecimento das relações internacionais expressas na instauração de guerras pelo domínio de mercados e matérias primas. Isso implicou no crescimento da dependência japonesa dos setores militaristas, cujas formas de pensar eram construídas nos princípios inerentes à honra pela guerra do Japão Feudal.

O sentido de honra pela guerra ganhou outra dimensão no cenário do imperialismo. O que Dewey vivenciou no Japão foi essa metamorfose inspirada pelas mudanças em curso no modo de produção capitalista. O processo expansionista japonês chocava-se com os interesses de outras nações imperialistas do centro do capitalismo que não passaram pelo processo de industrialização tardia. Os herdeiros do Xogunato, cujos antepassados implantaram o isolamento no Japão, foram os atores militaristas eleitos pelos setores dirigentes do país para superar essa situação.

O Japão pagou alto preço por essa aliança militar. O que ocorreu após a Conferência de Versalhes foi o acirramento dos embates dentro e fora do país em uma corrida desmedida por novos mercados. A luta crescente para estender os tentáculos, independente dos custos

---

37. Idem ao anterior. p. 179.

para esse fim fomentou os militaristas a novas corridas militares, especialmente quando encontraram eco e justificativas na reorganização da Alemanha, cujos desdobramentos constituíram uma das passagens mais lamentáveis da história da humanidade.

As análises de Dewey sobre a Alemanha e o Japão trazem fundamentos para a interpretação dos conturbados anos 30 do século XX e os motivos que levaram ao início da Segunda Grande Guerra Mundial. Talvez, nem todas as suas impressões tenham se concretizado. Porém, apesar de o Japão e a Alemanha serem inimigos na Primeira Grande Guerra Mundial, seus laços culturais não foram quebrados, facilitando, dada a conjuntura econômica e política, que fossem aliados pouco tempo depois.

Colocamos a hipótese, mesmo correndo o risco de nos equivocarmos dada aos limites de debater a grandiosidade da história japonesa em tão poucas páginas, que o final da Segunda Grande Guerra Mundial representou os últimos suspiros dos militaristas e suas ideologias construídas em torno da mitificação do Imperador. O pronunciamento que o Imperador Hirohito foi obrigado a fazer após a invasão do Japão pelos Estados Unidos no final da Segunda Grande Guerra Mundial elucida essa afirmação.

“Devemos seguir as bases estabelecidas no Pacto, abandonando os velhos hábitos, desenvolvendo a vontade popular, penetrando, tanto no governo como no povo o espírito pacifista e construindo uma rica cultura, para elevar o nível de vida do povo e estruturar o novo Japão”. [...] “Esta-

mos ao lado do nosso povo e desejamos compartilhar com ele os mesmos interesses e os momentos de alegria e tristeza. Os laços entre nós e o nosso povo basearam-se sempre na confiança e afeto mútuos e não dependem de meras lendas e mitos. Não se estribam no falso conceito de que o imperador é deus-presente e que o povo nipônico é superior aos demais e, por isso, está destinado a governar o mundo”. Começou uma nova Era — de democracia e liberdade — para o Japão<sup>38</sup>.

Convidamos a todos para a leitura destes textos de Dewey agora traduzidos em Língua Portuguesa. Com certeza, os mesmos oferecerão fundamentos para a interpretação e crítica da sociedade alemã e japonesa no início do século XX, cujos desdobramentos desses embates, acreditamos, talvez ainda estejam presentes no início do século XXI.

Carlos Lucena e Lurdes Lucena  
Verão de 2016

---

38. Idem ao anterior. p. 185.



**PERSONAGENS E EVENTOS:  
Ensaio Populares em Filosofia  
Política e Social**

46 Personagens e Eventos...

## Eventos e Significados<sup>1</sup>.

**A**s palavras que compõem esse título estão impregnadas por séculos de discussão filosófica. É muito difícil se livrar de seus desdobramentos. Essa questão já era importante antes do surgimento da filosofia e continuará a ser depois que ela desaparecer. Imputamos significados a tudo aquilo que acontece o tempo todo a nossa volta. Isso é algo que não podemos evitar. Somos feitos para dialogar com nossa própria espécie e impulsionados a falar sobre nossas necessidades e dependências, uma vontade incontida de comunicar e partilhar o que sentimos com os outros. O confinamento equivale ao aprisionamento humano e a comunicação com os nossos semelhantes é a forma de nos libertar dessa condição.

Apesar de a comunicação ser em si um acontecimento, quando a utilizamos atribuímos significados aos eventos que representa, uma relação determinante do nosso próprio destino. Alguns filósofos, conscientes da fragilidade do discurso humano em imputar significados aos eventos, fingem eliminá-los admitindo a existência apenas de significados dos significados. Contudo, essas tentativas se reduzem a solilóquios e não diálogos entre diferentes seres humanos. Quando duas pessoas se comunicam, os significados atribuídos aos atos da outra nem sempre são aquilo que aparentam ser. Como não somos lúcidos em compreender as falas dos outros, o nosso fracasso será maior ao tentar entender esta vasta

---

1. From The New Republic, August 30, 1922.

## 48 Personagens e Eventos...

extensão de acontecimentos no espaço e no tempo que denominamos como mundo.

Como temos necessidade de nos comunicar, não faz diferença se os eventos têm ou não seus próprios significados; tê-los é algo que está além de nós. Continuamos atribuindo-lhes significados porque somos humanos. “O restante é o silêncio” que não é a vida, mas a própria morte. Suponho que toda comunicação dotada de significado no presente ou no passado ocorre após um evento qualquer. Talvez o nosso próprio discurso seja superado por novos eventos no futuro. Independente da nossa incapacidade em precisar os significados atribuídos aos eventos, eles diferenciam a forma como interpretamos o mundo. Acredito que é exatamente esse o poder de atribuir significados aos eventos. Em outras palavras, os limites que temos em entendê-los e falar sobre eles os limitam ao seu próprio percurso, concebido em pedaços daquilo que realmente o é.

A tendência introspectiva de ancestralidade puritana é uma característica principal da geração atual. Essa introspecção é coletiva: quero saber o que acontece comigo e não com a sociedade; com a minha alma e não com toda a América. Nosso problema fundamental é a dificuldade em se comunicar. Conversamos muito e dizemos tão pouco. Precisamos de algo mais do que uma simples conversa. Talvez, precisemos reformar a sociedade e suas Instituições como forma de incentivar a primeira para discutir tudo aquilo que a compõe e para desencorajar as seguintes em fomentar toda e qualquer forma de opressão. Em primeiro lugar, organizamos coletivamente a sociedade, modelando sua Constituição e Estatutos e em seguida não fazemos mais nada ou, ao

contrário disso, continuamos em busca de algo novo. Nossa satisfação termina quando a corrente dos eventos se transforma. Enquanto seres introspectivos, pronunciamos interpretações egoístas sobre aquilo que o mundo é, em vez de nos comunicarmos.

Os críticos dos nossos problemas afirmam que aceleramos constantemente a nossa vida sem saber ao certo onde pretendemos chegar. A isso denominamos como “negócios”, a nossa forma mais conspícua de manter-se ocupado. Daí a ausência da arte, das letras e dos frutos do espírito. Nosso humor é composto por piadas; nossa seriedade é exemplificada nos outdoors rotarianos em que temos a solene obrigação de prosperar.

Os críticos estão certos em afirmar que esse é o problema central da atualidade. Contudo, o que isso pode nos causar? Será que falhamos em expressar nossos pensamentos nas conversas preliminares e na arte como forma de comunicação coletiva porque estamos ocupados ou nos mantemos ocupados por temer o diálogo? A comunicação, o pensamento e a arte podem nos dizer alguma coisa? Por que esse medo? Em parte suponho que todos esses eventos foram por demais difíceis de compreender e por isso nada dizemos de significativo sobre eles. Juntamo-nos aos balbucios do passado expressos pela maioria dos seres humanos por nos sentirmos impotentes em entendê-los e interpretá-los. Revivemos os clássicos ou nos tornamos modernistas radicais que professam palavras vazias sem conteúdo sobre uma sequência de eventos recentes que ainda não entendemos, mas imaginamos compreender.

Com a sequência constante de novos eventos, muitas vezes não encontramos alternativas para fugir do

## 50 Personagens e Eventos...

uso de palavras frenéticas ou linguagens sem sentido. Afinal, quem está no poder tem medo de conversar sobre novas ideias, pois as conversas são mais poderosas do que o montante de eventos que tentam superar. Eles dão empregos para nos manter ocupados e dispensam indulgências como o esporte e a diversão. Tememos o desemprego e não o seu inverso, pois não queremos ser concebidos socialmente como ociosos. Apesar disso, há aqueles que preferem dizer que a raiz de todos os nossos problemas é o puritanismo.

Independente dos meus limites apelo aos nossos senhores. Afinal de contas a atribuição de significados para a vida não é tão poderosa e perigosa quanto vocês temem. É verdade que vocês são o resultado daquilo que conquistaram e transmitiram aos outros. Mas, isso não mais acontecerá se permitirem o diálogo sobre todos os eventos. O Deus dos Eventos é ele próprio um Deus ocupado e ciumento que adora acontecimentos em mudança e não tolera a constância. Ele já se sente prejudicado pelo fluxo de eventos que resmungam as verdades fixas e eternas dos nossos antepassados. O Deus dos Eventos não tem intenção de abdicar em favor de vocês que são as criaturas de eventos. Os eventos que vocês não entenderam, já começaram. Sua eficácia dificilmente será maior em um honesto pequeno discurso sobre o que acontece.

Como podemos pensar em um mundo melhor se for desprovido dos significados dos eventos que nele acontecem? Independente da nossa vontade, esses acontecimentos nos envolve e desperta novas ideias centradas muitas vezes no tédio e o medo do futuro. Isso

reduziria a tendência em fugir daquilo que o mundo se tornou?

Refletir sobre os eventos e celebrá-los em tom, cor e forma pode se tornar mais importante do que o próprio evento em si. É até possível que a abstinência temporária do curso dos acontecimentos para o bem de se comunicar sobre eles pode moderar sua violência e torná-lo mais estável. Caso ocorra uma grande mudança social, vocês e seus filhos estarão preparados, pois terão desenvolvido um estado de espírito que dará sentido a tudo aquilo que acontece. Encontrar significados e entender os outros é sempre alegre e prazeroso. Os eventos que são atribuídos de significados não são acidentes. Porém, caso sejam amplos e incompreendidos são atribuídos como catástrofes. Os diálogos preliminares evitam as catástrofes, pois não pertencem ao mundo dos significados.

Existe sempre a possibilidade que uma imputação inteligente dos significados é mais importante do que a disciplina e o prazer pessoal. Pode ser também que um evento influencie outros eventos. Independente de amar ou não os filhos dos outros, você ama os seus filhos através do incentivo ao diálogo e pensamento, uma ação que é maior do que uma especialidade e uma arte que é maior do que um ornamento. Agindo dessa forma, permite que os seus filhos participem do curso dos acontecimentos futuros em vez de ser dominado por eles.

Qual a vantagem em emudecer e perecer como os animais, quando os eventos tão sedutoramente nos convidam a contar a sua história aquilo que os sábios denominam de verdade e arte? Acima de tudo, não ima-

## 52 Personagens e Eventos...

ginemos que está em jogo a causa da liberdade denominada de liberdade de pensamento e expressão. A palavra “livre” é desnecessária e redundante. O que está em jogo é a capacidade do pensamento atribuir significados à vida. O pensamento não tem significado fora do diálogo, do discurso e da comunicação, sendo entendido apenas como uma interpretação absurda, destrutiva e muda.

# **Impressões sobre a Alemanha**



## O pensamento alemão<sup>2</sup>

### I

**M**uitos psicólogos dizem que o desejo é o pai do pensamento. Ele permite subir as estruturas sociais acima da superfície da consciência dos quais imaginamos ser senhores. Alguns dão mais espaços, outros nem tanto; alguns são limitados, outros sólidos. Imaginamos que foi construído sobre um fio condutor lógico. Esses psicólogos dizem-nos dos instintos vitais, obscuras inclinações, preferências imperativas no trabalho abaixo da superfície da consciência que moldam os sistemas de crenças baseadas na decência e indecência existentes acima. Como formas invisíveis de construir ilhas nos mares, essas agitações escondem a esperança e o medo de criar nossos próprios pensamentos. Eles podem até exagerar, mas os desdobramentos da guerra atual<sup>3</sup> comprovam as suas teses.

As perturbações emocionais são tão profundas e generalizadas na guerra que qualquer pessoa fora dela contempla o suborno de inteligência no processo. O partidarismo nativo do pensamento e crença torna-se flagrante. A busca da glória, da nudeza e a falta de vergonha na sua simplicidade de viés imparcial e distante do pensamento são características suspeitas. Ao que parece,

---

2. From The Atlantic Monthly, Feb. 1916; published under the title On Understanding the Mind of Germany.

3. Dewey referencia a Primeira Grande Guerra Mundial. **Nota do Tradutor**

os pensamentos leais e sérios submetem os resultados de suas conclusões à balança do destino dos seus países. Um inglês filosoficamente agora escreve “sobre a tranquilidade de estar em guerra”. A emoção que varre tudo à sua frente e nega qualquer forma de divisão possibilita a existência de um único tipo de pensamento e forma de crença, uma doce e completa sensação de certeza. Nela estão submersas as discriminações e as dúvidas que acompanham os esforços de uma inteligência crítica.

A emoção tem como característica desenvolver apenas as ideias que sustentam e reforçam a sua própria operação. Seu trabalho mais sutil é produzir estruturas intelectuais que efetivamente mascarem todas as ações que criam problemas. A sugestão das crenças que alimentam o desejo é uma simples questão. A construção das crenças que impedem a percepção do que é indesejável dentro de desejo é mais complexa. Os homens são profundamente morais mesmo em suas imoralidades. Em suas atividades coletivas e persistentes requerem o apoio de uma consciente justificação. Nas ações prolongadas nada é tão paralisante como a dúvida inerente à causa da justiça. Constitui-se em um mito a noção de que os homens não agem deliberadamente à custa dos outros em nome de sua própria vantagem. Fins, ideais e responsabilidades morais são sempre invocados. E só o cinismo sem instrução atribui uma explicação manifesta pela consciente hipocrisia. Os homens hospedarem suas ações em justificativas morais é uma necessidade que não conhece a lei, mas apenas a si mesma. Podemos aprender uma lição com a prevalência da doutrina dos direitos divinos dos reis. As monarquias absolutas não apelaram às justificativas sobrenaturais enquanto a san-

ção dos acontecimentos contemporâneos lhes era favorável. Porém, quando os seus direitos se tornaram humanamente questionáveis, adotaram uma justaposição sobre-humana.

Em tempos de paz é possível idealizar guerra. A imaginação deixa aos seus próprios dispositivos esquecer tudo o que é desagradável para centrar-se apenas na glória. Em tempos de guerra o sofrimento, a miséria e as agonias da destruição são tão urgentes e imediatos que não permitem uma concepção romântica do acontecido. Daí a idealização é transferida para a causa pela qual a guerra é travada. Mesmo as mais justas das guerras envolvem ilusões desse tipo; mesmo que as guerras não sejam justificáveis, as emoções em desenvolver crenças e ideias sobre ela disfarçam a ausência de justificativa. A condenação veemente de cada nação em guerra é similar ao assobio de uma criança em um cemitério. Mas isto é algo superficial. Em suas profundezas representa o desejo de adquirir uma justificativa moral que armará toda e qualquer ação. Apenas a mais plácida ou trivial das existências é suportável sem alguma crença em sua própria necessidade moral. Como podemos suportar os horrores da guerra sem convicção de sua justificação moral?

Cada nação expressa naturalmente seus próprios fundamentos morais nos termos que sua história tem de familiar e agradável. Para as nações neutras, as fórmulas escolhidas são atraentes e convincentes no grau em que são proferidas em linguagem familiar e compreensível. O americano médio entende prontamente a defesa moral da Grã-Bretanha. Ela está redigida em termos que empregamos naturalmente em nossa própria justifica-

ção. A França é a menos clamorosa de todas as nações em guerra; mas suas justificativas são proferidas numa língua que compreendemos, mesmo que entre nós não seja tão naturalizada como o discurso moral da Inglaterra. Vale ressaltar que os americanos, exceto os simpatizantes da Alemanha, não explicam ou justificam essa simpatia em virtude da língua alemã. A necessidade política é atribuída às antigas razões de conveniência e não às arrebatadores razões morais.

O caso da invasão da Bélgica é significativo. Apologistas americanos procuraram justificativas técnicas e jurídicas da origem do tratado em termos prussianos e não nas garantias imperiais e assim por diante. Ignoraram os verdadeiros fundamentos existentes na consolidação do Estado Alemão. Os verdadeiros alemães ignoraram as technicalidades legais dos apologistas americanos. O único ponto sobre o qual concordaram é o do direito conferido à necessidade militar, demonstrando o desenvolvimento de uma simpatia americana pelos alemães. Sem muito esforço, não conseguiremos entender o sentido mais literal da mentalidade Alemã.

## II

Toda nação justifica suas ideias por meio da interpretação da sua própria história e filosofia nacional. Os ingleses são tradicionalmente protestantes, evangélicos e individualistas em suas consciências. Suas concepções pessoais são instintivamente moralistas. A inocência de suas próprias consciências e a virtuosidade de

suas motivações, tais como a defesa da santidade dos tratados, justificam sua conduta em cumpri-los.

Contudo, como suas atividades comerciais e imperiais foram distintas da sua consciência, não é de se estranhar que a hipocrisia e o farisaísmo untuoso dos britânicos tornaram-se proverbiais entre as nações com outro elenco de pensamento. Apesar dos ingleses se intrigarem com as acusações de outros povos, a emoção das suas boas intenções é um fenômeno perfeitamente genuíno. Nada mais se distancia de sua franqueza do que a forma como agem quando negociam com outros países. A América foi educada em grande parte pela tradição inglesa de levar vantagem em toda e qualquer negociação no continente. Porém, é possível perceber que cada nação tem seu interesse peculiar e seu modo de camuflar e justificar suas ações em seu próprio interesse.

A devoção dos franceses às ideias gerais e fórmulas impessoais é tão acentuada quanto às dos ingleses para retidão de motivação pessoal. Suas justificativas são congenialmente expressas nas ideias da razão, humanidade e civilização. A reação dos ingleses para essas noções abstratas no passado é a acusação da retórica da vaidade infantil e do brilho do amor. As acusações quanto às suas ações são recebidas de diferentes formas em ambos os países.

Em qualquer caso, os ingleses e os franceses se relacionam há muito tempo. Eles aprenderam formas de se defender e recriminar uns aos outros. É difícil imaginá-los de outra forma. Contudo, as justificativas alemãs até o início da guerra eram desconhecidas pelos ingleses. Até o período da unificação alemã na década de

## 60 Personagens e Eventos...

setenta<sup>4</sup>, ou melhor, até o período do desenvolvimento naval dos anos noventa, essas atividades se reuniram desde sua aquiescência até a sua aprovação. Em todo o caso, essas atividades são entendidas pelos ingleses como princípios familiares. Eles eram indiferentes ao fato de que seus princípios eram similares aos alemães. Também não eram familiarizados com os baluartes morais existentes na Alemanha desde as guerras napoleônicas. Esses princípios não foram levados a sério. Os ingleses especulavam inocentemente a existência de evidências metafísicas motivadoras dos alemães.

Daí o seu despreparo intelectual para a guerra e sua dificuldade de compreender o significado atribuído pelos alemães às suas próprias atividades. Eles não conheciam o pensamento alemão. Isso explica o rápido crescimento e a propagação do mito nietzschiano. Nietzsche tinha incitado que todas as referências às sanções e aos ideais morais eram um sinal e uma fonte de fraqueza. Bem, ali estava todo um povo que se tornara exemplo de uma doutrina: um povo que tinha plena consciência de ser desprezado em sua política internacional, o último vestígio da necessidade de qualquer base moral e objetiva; um povo que deliberadamente adotou a doutrina da força como a sua própria justificação.

O que seria uma pista sobre o que era o pensamento alemão transformou-se em seu maior entrave. Refiro-me ao idealismo professado na Alemanha que denominei em outro lugar de idealismo autoconsciente. Para a maioria dos ingleses uma amável filosofia introspectiva e sentimental era similar à inutilidade e fraqueza. Essa única abordagem compreensiva foi ignorada ou

---

4. Dewey faz referência ao século XIX. **Nota do Tradutor**

mal concebida. Ocorreu uma busca frenética por qualquer explicação. Entendi acompanhado de Treitschke<sup>5</sup> e Bernhardi<sup>6</sup>, nesse individualismo antiprussiano que se rebela contra qualquer filosofia de arregimentação e subordinação, a existência de postura similar a um deus da guerra das tribos de hunos. Treitschke foi despercebido ao dar uma explicação positivista para assuntos contemporâneos baseados na filosofia idealista do Estado e da história destilada por Hegel e Fichte. As alusões de Bernhardi foram em vão para analisar o imperativo categórico e a missão idealista da Alemanha.

Há dezenas de ilustrações sobre o hiato entre a concepção alemã sobre si própria e da leitura inglesa de seu temperamento mental e moral. Kultur, a palavra de ordem utilizada pela Alemanha na guerra é tão boa como qualquer outra. É facilmente compreensível que os ingleses, depois de entender como extrema fanfarronice o uso superior alemão do Kultur, adotarem Louvain, Rheims e o navio Lusitânia como emblemas de Kultur. Como vai a guerra foi o hit utilizado. Acreditaram que os eventos alemães apenas demonstraram o que queriam dizer a si mesmos: afirmação deliberada que poder é o único direito, bem como um pedido de absolvição do dever e da humanidade. Um exemplo dessa afirmação são as palavras de um influente jornal alemão respeitando o naufrágio do navio Lusitânia<sup>7</sup>:

---

5. Heinrich Von Treitschke. 1834 – 1896. Historiador. Membro do Partido Nacional Liberal na Alemanha. **Nota do Tradutor**

6. Friedrich Von Bernhardi. 1849 – 1930. Soldado alemão e escritor militar. **Nota do Tradutor**

7. O navio Lusitânia afundou em 7 de maio de 1915 após de ser atingido por um torpedo alemão lançado de um submarino próximo à

Baseamos nossas ações sobre as reivindicações de maior humanidade, algo que para nós é o fundamento de toda a vida nacional. O que parece desumano para com os norte-americanos tem um sentido humano para nós. O autorrespeito nacional exige que o Estado não deixe de lado seus deveres sagrados, mesmo que a sua realização parece envolver aspereza ou crueldade. Será que os americanos entendem essa concepção de humanidade?<sup>8</sup>

Não é fácil conceber o significado dessas palavras. Presumivelmente, um alemão dificilmente as utilizará para resguardar o estresse emocional da guerra. Para não nos esquecermos do que ouvimos sobre Nietzsche e outros, a compreensão do pensamento alemão tem como condição nos situarmos na atmosfera dessas palavras. Para o Kultur, a guerra é uma necessidade sagrada para a preservação de toda a humanidade. O ideal é a organização sistemática de todas as forças naturais e sociais por meio da devoção à ciência e ao trabalho honesto e paciente em nome da vitória do ideal de uma organização sobre o individualismo caótico; da ciência sobre o cego; do trabalho exaustivo sobre exibição su-

---

Costa Sul da Irlanda. Este evento foi responsável pela entrada dos Estados Unidos na Primeira Grande Guerra Mundial. Para os ingleses, a morte de crianças e adultos serviu para difundir o pensamento antialemão na guerra. Para os alemães, o navio, além de civis, tinha como carga, armamentos e munições que seriam usados contra a Alemanha na guerra. **Nota do Tradutor**

8. Dewey não aponta no texto o nome do jornal alemão em questão.

**Nota do Tradutor**

perficial. Deixar de empregar qualquer tipo de força em todos os sentidos seria trair o ideal alemão e, conseqüentemente, a humanidade. Essa preguiça espiritual ficaria para as outras nações.

Aqueles que mantêm suficiente imparcialidade para reconhecer uma organização eficiente e a aplicação detalhada e paciente da ciência e do trabalho como traços da vida alemã, não veem que a guerra atual é travada em defesa dessas qualidades admiráveis contra a ganância, inveja e desejo de vingança. Para compreender o pensamento alemão em si e sobre si nessa guerra em particular, temos de elaborar uma séria concepção dos alemães que supere a ironia e as caricaturas. Da mesma forma como os franceses se concebem como guardiões da racionalidade e da civilização e os ingleses da virtude, os alemães acreditam em seu superior idealismo e universalidade do seu olhar. Isso é algo que não se deu ao acaso. Sua *Welt-Anschauung*<sup>9</sup> se deu em meio a toda uma preparação científica, técnica e pessoal para defendê-la e ganhar reconhecimento, tal sua concepção sobre si mesmo.

### III

Os ingleses, repito, foram evidentes no despreparo em compreender o pensamento alemão. Os franceses, talvez por sua herança latina, eram mais instruídos sobre o assunto. A derrota de 1870<sup>10</sup> despertou o inte-

---

9. Visão de Mundo. Nota do Tradutor

10. Guerra Franco-Prussiana ocorrida entre 1870 e 1871.

resse de uma geração de franceses sobre o pensamento alemão. Sua lucidez, curiosidade e inigualável habilidade em *comptes rendu* frutificaram um conjunto de estudos escritos em francês (publicados principalmente a partir de 1890) sem qualquer comparação com os de língua inglesa. Nesta última língua existem excelentes histórias políticas, admiráveis estudos sobre governo, administração, coisas domésticas e vida cívica. Contudo, comparando com os livros franceses, é difícil encontrar publicações inglesas que versem sobre a Alemanha. Aqueles que quiserem saber sobre a psicologia nacional, o desenvolvimento das crenças em filosofia social e política, ideias religiosas e cultura alemã, terão que pesquisar nos livros franceses. Qualquer estrangeiro pode duvidar da preparação militar francesa, mas não de sua capacidade intelectual. As análises, além da clareza e objetividade, combinam uma sutil ironia e admiração das formas de ser alemãs.

O despreparo intelectual dos ingleses possibilitou a mitificação de Nietzsche. É estranho afirmar que esse despreparo cresceu pelo grande interesse tomado pela filosofia profissional alemã na geração pós 1870 marcada pela revolta contra o empirismo reinante na Grã-Bretanha de Locke em diante. Ao que tudo indica, durante a década dos anos noventa, o idealismo clássico alemão floresceu mais na Inglaterra do que na Alemanha. Livros admiráveis foram produzidos por Fichte, Hegel e Kant. Porém, a filosofia alemã não se interessou em estudar o característico comportamento alemão que estava a sua volta.

Em parte, isso foi apenas o resultado da forma lamentável como é escrita a história do pensamento filo-

sófico em geral. É habitual discutir sistemas de pensamento fora do seu contexto social; é habitual escrever sobre eles como se fossem semelhantes aos sistemas matemáticos, sendo a sua verdade ou falsidade absoluta a única questão importante. Este hábito, é claro, leva a exposições que podem ser acadêmicas e tecnicamente precisas, mesmo ignorando tudo o que é sintomático no pensamento nacional. É indiferente se o sistema surgiu e floresceu na Grécia, Turquia, na Lua ou em Marte. Porém, essa causa geral floresceu em virtude de uma necessidade especial de pensamento inglês. Para todas as aparências, a filosofia tradicional da Grã-Bretanha tinha mais do que serviu no seu tempo. Seu caráter empírico foi aliado com um estreito individualismo. No final do século XIX, esse estreito individualismo era uma fonte de perigo.

A filosofia alemã foi tomada como uma arma para atacar a antiga filosofia oficial da Inglaterra. É mais do que uma coincidência que o reinado do idealismo alemão na Grã-Bretanha coincidiu com a revolta contra o liberalismo econômico laissez-faire na política e com o crescimento do coletivismo. Nas questões religiosas coincidiu com os limites crescentes do protestantismo dogmático combinado com o desejo de preservar o conteúdo moral e emocional de uma fé que já não era mais literalmente aceita. Nas análises sobre a religião, o liberalismo comprovou seu requinte e o idealismo alemão a substância. Consequentemente, os ingleses não estavam preocupados com o que significava idealismo alemão na própria Alemanha, mas com o que poderia fazer na Grã-Bretanha. Tudo o que não contribuiu para esse fim foi

ignorado ou então tratado como um mero defeito técnico sem importância e seriedade.

Em termos logísticos<sup>11</sup> a filosofia alemã foi entendida de forma inocente. Ela forneceu os princípios “orgânicos” construtivos para as análises e superação dos vícios manifestos do particularismo histórico Inglês. O “imperativo categórico” apareceu em um halo de glória, devido a seu contraste com a teoria mecânica da perda dos lucros. A concepção hegeliana do Estado foi transfigurada em seu contraste, ou seja, com uma concepção de política de governo. A noção alemã da história como uma evolução imanente de uma ideia absoluta brilhou em contraste com a ausência de um sentido de valor moral e continuidade, algo que John Stuart Mill entendeu como a fraqueza de seus próprios antepassados espirituais.

Existia uma atmosfera menos propícia para a apreciação do idealismo alemão como um instrumento de apologética nacional. Uma atitude crítica em relação ao pensamento alemão enfraqueceria o seu valor na luta contra a Inglaterra. O caminho seguido foi óbvio. O pensamento alemão foi abstraído do seu próprio ambiente social, concebido como se fosse um produto indígena adaptado às necessidades especiais da Inglaterra contemporânea. Era um bálsamo para as feridas sociais; um remédio para os males religiosos; uma ferramenta de reconstrução educacional e política. Nenhum ponto de vista seria mais desfavorável para compreender o idealismo absolutista existente à priori na Alemanha do que sua própria filosofia da história. Perdeu-se de vista a continuidade da mentalidade alemã de 1914 formada

---

11. No texto original Dewey utiliza a palavra alemã “eulogistically”.

desde a luta pela existência nacional em 1814. Os pensadores que seriam os únicos em condições de interpretar o pensamento alemão na Inglaterra foram tomados de surpresa. Era impossível que uma filosofia tão obviamente desejável e necessária para a Inglaterra aparecesse como uma arma de infração visando a paz na Europa e o bem-estar na Inglaterra. Uma revolução espiritual simbolizada pela concepção de poder nietzschiana ultrapassou a filosofia idealista da Alemanha. Mr. J. H. Muirhead<sup>12</sup>, um dos discípulos ingleses do idealismo clássico da Alemanha, não economizou recursos em demonstrar esta filosofia como “uma grande apostasia”.

## IV

Especulo porque a Inglaterra dada a sua conjuntura social e política não encontrou alternativas entre perseverar numa filosofia nativa ou abandoná-la pela sua própria origem estrangeira. O modismo do idealismo não influenciou o pensamento da maioria dos ingleses. Desde o eclipse de John Stuart Mill, a Inglaterra não teve nenhuma filosofia nativa. Apesar de ser interessante essa especulação é outra questão descobrir a sua relação com a dificuldade inglesa (e dos americanos que seguem a pista dos ingleses) em compreender o pensamento alemão. Em contraste com a ficção de uma ruptura completa entre o velho e o atual pensamento, o professor Francke é lúcido em seu artigo publicado na

---

12. John Henry Muirhead (1855 – 1940). Filósofo Britânico. O primeiro filósofo nomeado para a cadeira de Filosofia na Universidade de Birmingham em 1900. **Nota do Tradutor**

revista *Atlantic Monthly* de outubro quando demonstra a centralidade do pensamento de Fichte e Hegel, em detrimento de Nietzsche. Em uma análise crítica demonstra a continuidade presente do pensamento imperial alemão e em sua dimensão cosmopolita o apelo a Kant, Schiller e Goethe na Alemanha<sup>13</sup>.

Continuidade, observação, ausência de identidade, etc. A continuidade pode ser compreendida a partir de uma ou outra extremidade. Podemos empregar a fase anterior de interpretar a tarde e mais tarde ainda apreciar e compreender a anterior. A continuidade parece a alguns a condenação da filosofia clássica; para outros, a justificativa do presente pensamento alemão. Conferindo nossas ideias, um terreno mais seguro é quando buscamos a consciência moral alemã e perguntamos quais mudanças ocorreram no século entre Jena e Liege.

Eu não encontrei nada para subtrair a partir das fórmulas de Professor Francke. A submissão incondicional ao dever, a busca da salvação através do incessante esforço da vontade e a missão moral da cultura estética constitui o pensamento alemão. Podemos adicionar a essas afirmações a noção de que não existem conflitos entre as ideias citadas e o emprego de um historicismo de expressiva locução bárbara. Não faz diferença no presente a conexão ao pensamento de Herder, Lessing, Fichte (em seu período tardio) ou Hegel. Entendo como historicismo a noção de um ideal, uma missão e o destino na vida de um povo (pelo menos do povo alemão)

---

13. Kuno Francke. (1855 – 1930). Historiador e Educador. Foi professor na Universidade de Harvard. O artigo referido por Dewey é Francke. K. *The Kaiser and His People*. In *The Atlantic Monthly*, New York, October, 1914. P.566-570. Nota do Tradutor

aos quais todos os eventos humanos se justificam e são entendidos ou condenados.

Essa concepção, no entanto, não complementa os outros fatores, pois apenas expressa a forma em que são entendidos. Durante o século XIX as ideias ganharam um novo significado ao serem transferidas dos indivíduos para o Estado como um indivíduo em si. A transferência é óbvia no caso da ideia kantiana do dever. Kant demonstrou o dever como um elo entre o indivíduo e a humanidade, expressando o que é verdadeiramente humano e universal no homem. Mas, a “humanidade” ainda não estava organizada. Não há instituições sociais em que a humanidade, distinta da cidadania local ou nacional, é encarnada. Ela expressa um mero ideal racional; algo que não se realiza, embora devesse ser. Conseqüentemente, o próprio Kant proclamou que o dever seria uma noção vazia enquanto os homens agissem apenas em sua virtude. Ele tem que ser preenchido por um objeto específico motivado pela circunstância empírica.

Apesar de essa afirmação soar como uma mera questão teórica de cunho filosófico descobriu-se o contrário. Kant pensou no dever como um comando, um imperativo. A essência da moralidade é a obediência. Evidenciou suas nobres aspirações ao relacionar como obediência uma lei abstrata da razão representante de um ideal realizado pela humanidade. Contudo, os seres humanos dificilmente se guiam por essas remotas abstrações. A identificação da essência da moralidade com a obediência às Leis se presta a uma aquiescência implícita em quaisquer leis que incidem sobre o individual. No pensamento da era moderna, herdado do medieval,

## 70 Personagens e Eventos...

persistem as noções de moralidade centradas em comandos soberanos. Tão tarde quanto o século XVII, na Inglaterra, a legitimidade à autoridade constituída foi questão central na teoria política e moral. No século XVIII, o pensamento na Inglaterra e França se afastou da noção medieval de obediência centrado na moral. Kant foi um meio para estabelecer essa ideia sobre o pensamento alemão. Isso deu um tom singularmente elevado e permitiu que sobrevivesse contra as forças que prejudicavam a identificação de moralidade com a obediência ao comando da autoridade.

A fusão da ideia de obrigação moral com a obediência política foi favorecida pela exaltação germânica do Estado. Quando a autoridade que exige obediência aquiescente é pensada como “a manifestação do divino na Terra”; quando, como nas palavras de Professor Francke, o Estado é visto como “um organismo que une em si todas as aspirações espirituais e morais, o dever moral é identificado como subserviência política”. O ideal de uma nação coletiva que contém um propósito divino no seu desenvolvimento histórico baseou-se na ideia kantiana do dever. Ela substituiu o esforço do indivíduo isolado, realizando na sua esfera o ideal de uma lei tão ampla quanto à própria humanidade. Um ideal cosmopolita evoluiu com a exploração agrícola em uma Alemanha dividida, frágil e feudal. Na Alemanha unificada, imperialista, industrial e próspera transformou-se em uma realidade nacional. Acredito que o professor Francke tem razão em afirmar que na exaltação germânica do Estado como uma entidade ética suprema, a linha de regeneração moral atingiu o seu clímax em Kant. Mas, também há oportunidades para a degeneração

quando a obrigação moral é encontrada em subserviência e subordinação política.

Em todo o caso, o fato de que o pensamento alemão ainda entretém um tipo de concepção moral que quase se evaporou nas culturas de outras nacionalidades modernas, lança possibilidades sobre as dificuldades que o restante do planeta tem em compreender a língua em que os intelectuais alemães formulam as suas ideias e justificam as suas práticas políticas. Os alemães dizem que os americanos não simpatizam com a sua causa devido ao fato de obter suas informações em fontes britânicas que não os compreendem. Pois bem, não é o assunto da nossa fonte de informação, mas a fonte de nossas ideias. E não é uma questão do ano passado ou nos últimos vinte anos. Por mais de 200 anos fomos educados por concepções políticas inglesas estranhas ao pensamento alemão; por mais de cem anos, as nossas ideias foram alimentadas por uma filosofia social ainda mais dispare manifesta na luta francesa pela liberdade. Não temos como disfarçar o fato de que nossa concepção americana de liberdade é incompatível com a ideia de dever que se desenvolveu na Alemanha. Eu não faço nenhuma tentativa de decidir o que é certo. Digo apenas que são tão incompatíveis e que as mentes nutridas em um ideal não podem facilmente compreender uma forma de pensamento nutrido por outro.

## V

O segundo elemento da tradição contínua da Alemanha é entendido pelo ideal do incansável esforço incessante. O evangelho da vida árdua e do valor da vontade para seu próprio bem às vezes foi pensado para ser peculiarmente americano. Penso que o professor Francke está certo em acreditar que seja distintamente alemão. Um americano deve ter um fim para clamar e centrar as suas atividades. Os resultados são necessários para justificar uma atividade, caso contrário, seu esforço e energia incansáveis tornam-se neurastênicos. Temo que o fim ou a qualidade dos resultados não sejam especiais. Tudo o que fizemos desde ganhar um jogo de bola até construir a maior empresa de negócios do mundo implica em algum esforço. Caso contrário, o culto à vontade nunca se apoderaria de nós. Consequentemente, quando encontramos o exemplo do Imperador William citado como uma “evidência notável deste espírito de luta como exemplo de um impulso universal e apaixonado de realização, reagimos de forma cínica, em vez de admirar”. Dizemos a nós mesmos que é apenas um exemplo que esperamos encontrar. Temos dificuldade em entendê-lo como diferente de um amor semipatológico no centro das atenções. Não compreendemos como e porque estamos errados. Está enraizado em nós que deve haver algum fim que justifique qualquer esforço. Quando uma energia é exercida em um esforço contínuo e incessante reagimos no que talvez seja a nossa gíria nacional mais característica: dá-nos um descanso.

Por outro lado, para os alemães a incapacidade é mais uma prova do utilitarismo originário de nossa cultura filisteia. Os alemães reconhecem que essa ideia de luta universal como um fim em si mesmo é filha do Romantismo. A similaridade das palavras muitas vezes é um bar para a compreensão mútua. Os alemães dizem “Wille”; nós dizemos “Vamos”. Daí a fácil suposição de uma comunidade de significados. As nossas palavras são afetadas (ou infectadas) pelo espírito de uma moral puritana na luta pela liberdade política e recursos econômicos. A palavra sugere resolução pessoal e resistência em face de probabilidades desagradáveis. A palavra Wille sugere uma energia impessoal absoluta esforçando-se em se manifestar através dos canais pessoais. Ela é afetada pelo movimento romântico. Sua concepção é calculada para dar um toque de entusiasmo aos atos de outras formas prosaicas; colore com universalidade emocional (ou misticismo) os trabalhos específicos que serão realizados. Ela é admiravelmente calculada para servir como um dispositivo de proteção moral. As atividades em que são “todos, demasiadamente humanos” e têm um objetivo prático definitivo de obter vantagem no futuro perdem toda mancha de egoísmo e adquirem um caráter sagrado quando são concebidos como manifestações universais. Para um idealista devotado ao evangelho do esforço incessante é diferente quando concebida como necessária consequência. Porém, quando são vistos como a conquista da vontade espiritual sobre a matéria, a doutrina presta-se, seguramente, a confusão intelectual e ao autoengano.

Esta concepção também foi influenciada pela ideia nacionalista concebida pelo Estado alemão da en-

carnação peculiar de uma força espiritual desenvolvida pela história. O romantismo antigo, pelo menos, limitou-se a personalidades superiores lutando por grandes realizações culturais em suas próprias esferas privadas. Transferir o habitat da energia espiritual das contendas privadas voltadas ao enriquecimento pessoal para o Estado implicou em redefinir e expandir as suas próprias competências, uma apologia presente na guerra atual. Eu não tenho nenhuma dúvida de que existem alguns estadistas alemães que sabem exatamente o que está em jogo em termos de ganhos concretos na guerra atual. Mas, para os “intelectuais” da Alemanha, vide o lançamento dos manifestos centrados em objetos absolutamente românticos: a expansão do Kultur, a disseminação de formas distintamente alemães de pensar e sentir, em suma, a guerra é uma parte do esforço incessante para a realização do Wille consagrado no povo alemão. Não é de admirar que os governantes alemães frequentemente falem com desprezo da capacidade política dos assuntos alemães. Mas deve-se questionar se houve um desvio de análise da capacidade política para os canais do Romantismo.

## VI

O renascimento extraordinário do interesse na Idade Média associado ao Romantismo é um fato familiar. Para isso devemos a nossa moderna valorização da vida real. Pode-se perguntar, no entanto, se lidamos com um reavivamento ou uma reversão. O carinho do espíri-

to romântico para a Idade Média parece ser uma expressão de sua própria qualidade medieval. Eu não sou ambicioso para caracterizar o espírito do romantismo que se mostrou na Alemanha. Certamente, uma característica marcante é a exuberância da imaginação impura e a orgia introspectiva em seu acompanhamento emocional. Como em grande parte a filosofia alemã procura refúgio no mundo interior da consciência fez dos traços desta vida interior uma medida da realidade! Do ponto de vista de alguém que não é um especialista em Romantismo isto significa apenas uma coisa. O espírito romântico deliberadamente evitou os testes e escolhas de emoções e ideias; ele se recusou a submetê-las a avaliação por testes duros e sóbrios de fato. Ele evitou a ação do teste de tentativa de execução. Para aqueles que acreditam que a consciência é um motim de imaginação selvagem até os seres humanos agirem sobre ela e trazê-la para a realidade, o romantismo pode significar imaginação única e indisciplinada, a imaturidade de espírito.

Parece ingênuo dizer que os alemães, com sua devoção à ciência e seus hábitos de subordinação à autoridade, trouxeram ao mundo moderno da política as fantasias e sentimentos do medievalismo impuros e não experimentados. Porém, afirmo apenas o que os próprios alemães nos dizem quando combinam a disciplina suprema no mundo exterior com a ação da suprema liberdade no mundo interior de pensamento. Eles entendem que tanto o povo alemão como os demais indivíduos não têm sentido político, visto a capacidade política das nações se autogovernarem em nossos dias. Para isso, está em vigor a admissão de imaturidade do pensamento no que diz respeito às preocupações supremas da

ação humana. Vivemos em um período de desilusão política. A árvore da liberdade política regada com sangue e lágrimas trouxe muitos frutos amargos. Em nossas decepções negligenciamos o que a luta pelo autogoverno tem feito com aqueles que dele participam. Pelo menos castiga a imaginação desenfreada do homem que ao desenvolver o senso de realidade conseguiu certa maturidade de espírito como resultado.

Agora, quando não só os Bernhardis, mas os Bismarcks e os Von Billows dizem-nos que os alemães são marcados pela ausência de sentido político e capacidade, desprovidos de dom de autogoverno e suas realizações só ocorrem quando são dirigidos por uma autoridade distante deles. Será que entendem que os alemães, com todas as suas realizações, perderam uma grande experiência em que as mentes nacionais da Grã-Bretanha, França e Estados Unidos foram educadas e amadureceram? Com todos os nossos defeitos, a experiência de uma “Alemanha Socializada” pode compensar outra experiência adquirida pelos homens na luta pela liberdade e responsabilidade em suas ações morais e sociais? Repito. Comparado com essa liberdade, a liberdade irresponsável de consciência interior parece uma extensão para um mundo moderno com uma mentalidade indisciplinada da Idade Média.

John Dewey 77

# **Impressões sobre o Japão**



## ○ Liberalismo no Japão

I<sup>14</sup>

**M**eus colegas de viagem japoneses frequentemente falam sobre a existência de uma democracia no Pacífico. Um homem culto e animado que até então usava roupas largas e informais apareceu um dia no navio com um uniforme de general com fileiras de medalhas. Era um dos heróis na guerra Russo-Japonesa. Quando conversávamos durante o caminho de volta para França, confidenciou-me como a democracia influenciou a situação no Japão e no mundo. Um ardente estudante disse-me que um educador americano afirmara que as futuras relações entre os Estados Unidos e o Japão só estariam seguras se ambos seguissem os mesmos princípios democráticos e por sua conta acrescentou, “Sim, os mesmos princípios. Já tivemos uma suficiente troca de elogios e lindas palavras. Precisamos adotar os princípios americanos de democracia”. Assim, confessou sua intenção de se tornar um apóstolo desses princípios. Um dia após o desembarque, outro estudante confessou que há um ano a simples pronúncia da palavra democracia era motivo de prisão. Contudo, agora todos falam sobre isso. Um educador americano afirmou que houve maior alteração no espíri-

---

14F. rom The Dial, Oct. 4, 1919. I

## 80 Personagens e Eventos...

to japonês nos últimos seis meses do que em todos os quinze anos que residiu no país.

As opiniões dos japoneses são instáveis e facilmente influenciáveis pela superficialidade das modas intelectuais do seu tempo. Com efeito, no reino dos que flertavam nos últimos anos com diferentes concepções filosóficas, Eucken substituiu Nietzsche, estes por James e este último por Bergson. A Alemanha não sofreu apenas uma derrota ingloria, mas desmoronou em uma revolução interna. A América utilizara suas lindas palavras para justificar suas ações. As autocracias estavam fora de moda. Foi uma mudança, nada mais do que isso.

Não é fácil saber como se tornaram familiarizados com as novas correntes de pensamento, especialmente em um lugar onde a língua é desconhecida e que cada intelectual, como especialista em uma parcela do conhecimento, não percebeu que as mudanças não foram repentinas tais quais aparentavam ser. Durante todos os anos que imperou o conservadorismo, não se imaginava que existiam pensadores e professores liberais no Japão.

A derrota da Alemanha não trouxe uma mudança súbita e superficial como tentaram demonstrar. Tornou-se possível, quase popular, reafirmar, sem repressão policial, o que os liberais diziam nas salas de aula e para a imprensa. As mudanças em curso possibilitavam que esse fato ocorresse. A diminuição do prestígio dos burocratas reacionários implicou no aumento da influência liberal, cujas ideias conquistavam homens que cada vez mais se dispunham a ouvi-las.

Aparentemente, a abrupta alteração estava em maior medida assentada sobre a superfície de um movi-

mento de longa maturação manifesto em um estado mais saudável de coisas. Mesmo antes do final da guerra existia a aposta em cenários distintos para o futuro do Japão. Por um lado, alguns corajosos entendiam que a guerra foi entre dois sistemas e que o Japão permaneceria em uma posição anômala, pois ao mesmo tempo em que se declarara inimigo da Alemanha era discípulo e seguidor dos métodos governamentais e educacionais alemães. Por outro lado, no decorrer da guerra contra a Alemanha, vozes influentes defenderam as instituições, pensamento e ideais alemães. Entendiam que o Japão era inimigo da Alemanha apenas em sentido militar e em determinados fins específicos. Eu estava entre aqueles compatriotas que estavam muito comovidos quando Baron Ishii<sup>15</sup> denunciou a propaganda alemã como responsável pelas desavenças entre os Estados Unidos e o Japão. Porém, fiquei maravilhado quando cheguei ao Japão e descobri como os funcionários japoneses realizaram uma propaganda ativa em nível intelectual, moral e político sobre a Alemanha durante a guerra. Aprendi que no exército os recrutas sistematicamente se reuniam e ensinavam a superioridade de instituições alemãs sobre as dos Aliados e a superioridade do militarismo alemão. No dia em que o armistício foi declarado uma importante figura intelectual foi convidada para uma conferência pública intitulada “Por que a Alemanha não pode ser derrotada”.

Não menciono esses fatos por motivo de ofensa. Eles ajudam a explicar a coragem dos liberais ao afirma-

---

15. Viscount Ishii Kikujirō. (1866 – 1945). Diplomata e Ministro de Gabinete Japonês. Ministro dos Negócios Estrangeiros do Império do Japão entre 1915 e 1916. **Nota do Tradutor**

rem quando a guerra ainda estava em curso que a Alemanha a perderia porque era autocrática e militarista. Demonstraram que a Alemanha determinou aos japoneses que eliminassem de seu governo os métodos administrativos alemães, bem como explicitaram a possibilidade do Japão ficar em desacordo com as outras nações. A derrota alemã na guerra propiciou o colapso de uma concepção de Estado até então invulnerável, proporcionando uma sensacional vitória dos liberais sobre os burocratas. Na prática, esse processo fortaleceu as ideias liberais e democráticas no país, algo que não seria possível sem que houvesse o embate durante a guerra dos partidários e opositores dos ideais alemães no Japão.

A onda do sentimento democrático no Japão aparentemente diminuiu nos meses de inverno e início da primavera. Apesar da rapidez dos japoneses em interpretar o que acontecia no mundo, tiraram lição do fracasso em Paris e das belas palavras ministradas pelo Presidente Wilson que levaram os Estados Unidos à guerra. Pode ser que a questão da discriminação racial foi levantada em Paris como uma cortina de fundo para ofuscar a questão do Shantung<sup>16</sup>, pois os diplomatas japoneses levantaram uma questão moral quando na realidade queriam obter avanços materiais. Mas não pode haver dúvida quanto à imensa popularidade do proble-

---

16. Dewey faz referência à Península de Shantung rica em minérios, ferrovias e o Porto de Tsingtao, até então controlada pela Alemanha. O Japão e a China disputavam o controle da região. A decisão dos aliados em favorecer o Japão ofendeu o governo Chinês. Em protesto contra a Conferência de Versalhes, um ano após o acerto, os chineses fundaram o Partido Comunista sob a liderança de Mao Tse-tung e Chou En-lai, conquistando o poder na China em 1949. **Nota do Tradutor**

ma no Japão. Essa questão interessava a políticos conscientes como o Marquês Okuma<sup>17</sup> não havendo dúvidas sobre o crescimento da sua popularidade nesses debates. Os jornais japoneses centraram suas discussões sobre este tema e ignoraram os outros problemas debatidos na Conferência de Paris.

A derrota da proposta de inserir o reconhecimento do princípio da igualdade das nações nos preâmbulos da Liga das Nações.<sup>18</sup> foi um golpe para o pensamento liberal.<sup>19</sup> Isso possibilitou a afirmação à qual eram hipócritas os debates democráticos de igualdade e humanidade dos Aliados durante a guerra. A proposta japonesa reduziu-se a uma declaração platônica, quase generosa. Ao mesmo tempo em que os opositores teriam boa vontade para acalmarem o seu sentimento de orgulho, acreditavam que essas afirmações não eram de boa fé, mas sim para outros fins. Sua rejeição era desumana e estúpida. Era necessário criar um ambiente de discus-

---

17. Okuma Shigenobu. (1838 – 1922). Foi o 17º Primeiro-Ministro Japonês. Em seu mandato o Japão declarou guerra à Alemanha na Primeira Grande Guerra Mundial. Em 1915, Okuma e Takaaki Kato escreveu a vinte e uma exigências para a China. **Nota do Tradutor**

18. Pacto da Sociedade das Nações aprovado na Conferência de Versalhes em janeiro de 1919. Os países que compuseram a Liga foram: Estados Unidos da América, Bélgica, Bolívia, Brasil, Império Britânico, Canadá, Austrália, África do Sul, Nova Zelândia, Índia, China, Cuba, Equador, França, Grécia, Guatemala, Haiti, Hedjaz, Honduras, Itália, Japão, Libéria, Nicarágua, Panamá, Peru, Polônia, Portugal, Romênia, Estado Sérvio – Croata – Esloveno, Sião, Tcheco. Eslováquia, Uruguai. Os países convidados a aderir ao Pacto foram Argentina, Chile, Colômbia, Dinamarca, Espanha, Noruega, Paraguai, Holanda, Pérsia, Salvador, Suécia, Suíça, Venezuela.

19. O que estava em questão era a discussão sobre os imigrantes não poderem ser discriminados em virtude da nacionalidade, raça, etnia, etc.

são sobre a imigração como uma questão econômica e política isenta de envolvimento com qualquer preconceito racial. Como essas questões ainda estavam interligadas e a defesa da imigração permanecia restringida por motivos econômicos (e também políticos até o Japão mudar radicalmente a sua forma de governo) todo esse debate foi dificultado pela ausência de consciência política que impediu o Japão discutir a questão da discriminação racial. Os desdobramentos da Conferência no presente municiaram uma vantagem tática para os japoneses conservadores amortecendo o ardor das ideias democráticas.

A questão chinesa também contribuiu para o revés temporário da democracia no Japão. A questão do “patriotismo” é mais aguda no Japão do que em qualquer outro país do mundo e a imprensa japonesa é mais imprudente e temerária do qualquer outra. Soma-se a essa afirmação a imatura consciência política no país. Por conseguinte, os debates críticos e inteligentes sobre as relações externas em diferentes países eram extremamente difíceis no Japão.

Um dos mais capacitados intelectuais liberais do Japão afirmou que a despeito de suas crenças democráticas temia o momento em que a diplomacia japonesa sofresse maior influência popular. De fato, um dos intelectuais liberais mais competentes no Japão a despeito de suas crenças democráticas afirmou temer o período em que a diplomacia japonesa influenciada pelos protestos populares por uma política externa mais agressiva motivada pela brandura dos termos de paz assinados com a Rússia, se tornasse esclarecida, cosmopolita e simpática às ideias ocidentais.

De qualquer forma, foi fácil demonstrar ao povo japonês que havia uma conspiração dos países democráticos, especialmente dos Estados Unidos, para frustrar o objetivo nacional do Japão na Ásia. Os militaristas japoneses aproveitaram esse evento para caracterizar os liberais como traidores do país voltados a enfraquecer e destruir todos os interesses nacionais. Não foi no Japão que originou o lema “Nosso país, certo ou errado” ou a psicologia de que é certo que o nosso país tem sempre razão. Consequentemente, os liberais japoneses que desejam dizer a verdade sobre a China temem prejudicar a causa liberal, pois são identificados como uma causa antipatriótica e antimilitar.

Se a situação pode se desenvolver de uma maneira razoável e normal não há dúvida quanto ao local onde ocorrerá o triunfo. Foi o imperialismo europeu que ensinou ao Japão que a única maneira de obter respeito era fortalecer sua força militar e naval. Não foi a sua arte, a cortesia requintada ou a sua ansiosa curiosidade que deu ao Japão o posto de um dos Big Five em Paris. Nenhuma dessas questões possibilitou a vitória dos diplomatas japoneses na França. Enquanto o mundo colocar menos confiança na força militar e tratar a justiça internacional como uma relação de poder, será incerto o progresso da democracia japonesa, pois ainda permanecem no Japão, mais do que qualquer outro país, a força dos centros de reacionarismo políticos no exército e a predominância das ideias racistas.

Existem duas grandes forças que atuam em prol das ideias e instituições liberais no país: uma é intelectual e a outra econômica. O Japão tenta sob a liderança de seus governantes atuais uma experiência impossível.

Ele reconhece o seu desenvolvimento como dependente do Ocidente em termos materiais, técnicos e científicos e congratula-se com a introdução de ideias e métodos ocidentais que dizem respeito a essas coisas. Ao mesmo tempo, preserva intacta a sua peculiar herança política e moral, reivindicando superioridade sobre qualquer coisa que o Ocidente pode lhes oferecer. Visa ser uma nação única e escolhida quanto as suas origens e destino. Com tenacidade e extraordinária resistência conservou até mesmo sua moral bárbara, feudal e política de guerra, emprestando por atacado toda a tecnologia científica e industrial do mundo.

Contudo, nenhuma nação consegue viver uma vida dupla; o Japão mostra por toda parte a tensão desse desdobramento. Mesmo com todo o seu poder de resistência os japoneses não podem indefinidamente impedir a entrada de ideias e objetivos genuinamente ocidentais. Elas expulsam gradativamente as ideias tradicionais mesmo possuindo o sistema mais reacionário do ensino primário que o mundo já conheceu. Os primeiros frutos são a liberação das ideias liberais que acompanharam a derrota da Alemanha. Como um dos líderes intelectuais do novo Japão colocou, a mudança que ocorreu no país no ano passado não é descritível com palavras; é intelectual, moral e até mesmo metafísica.

II<sub>20</sub>

Eu me aventuro em utilizar a palavra “metafísica” para descrever a mudança intelectual que promove o crescimento das instituições liberais no Japão. Imagino o desprezo com que alguns concebem a ideia de que esse processo proporciona mudanças políticas. As pessoas têm medo de ideias diferentes daquelas que concebem. Os mexicanos que deram ao mundo a melhor demonstração moderna do poder das ideias e da liderança intelectual são os que mais negam a sua eficácia. Os defensores mais ferrenhos da impotência das forças intelectuais e morais admitem que sem disposição para certas mudanças de mentalidade não é possível transformar a sociedade. É uma sorte para as perspectivas do liberalismo no Japão que as transformações intelectuais já tratadas são reforçadas por ativas e agressivas mudanças econômicas. A guerra apressou a transição industrial no Japão. Apesar de aumentos extraordinários nos anos anteriores, só em 1918, o número de fábricas em Tóquio dobrou. Nos últimos cinco anos o Japão transformou-se de uma economia agrária para um Estado industrial. Mesmo com o crescimento dos salários dos trabalhadores rurais, não há escassez de trabalho agrícola no Japão. As fábricas urbanas absorveram o trabalho a um ritmo tal que, por enquanto, pelo menos, não se sustenta o velho argumento da expansão territorial limitar o crescimento da população. Contudo, o acelerado desen-

---

20. From *The Dial*, Oct 18, 1919.

volvimento econômico trouxe ao Japão problemas trabalhistas que não estava preparado para lidar.

O mais remoto observador supõe que um novo país que passa por uma revolução industrial tardia aprenderá com os países que tiveram a mesma experiência. Por que esperar todos os males referentes às longas horas do trabalho infantil e feminino, fábricas insalubres, problemas habitacionais e assim por diante, se a experiência demonstra que a saída está na adoção de uma política, legislação e administração *laissez-faire*? Especialmente, esperando que um governo paternalista como o japonês fizesse algo influenciado pelo modelo alemão. Porém, nenhuma previsão se manifestou. Apesar da criação de algumas leis fabris influenciadas pelos padrões ocidentais, a sua execução adiou-se por até doze anos sobre o fundamento de dar capital uma chance de ajustar-se. Por uma questão de fato, o Japão industrial foi influenciado pela ganância por lucros imediatos independentemente de resultados finais.

Esse individualismo reforçou aquilo que parece ser a força mais prejudicial no trabalho no Japão, ou seja, a impaciência em se tornar de vez uma grande potência. Os japoneses sabem muito bem que uma grande potência moderna exige riqueza e desenvolvimento industrial. Consequentemente, “assinam um grande cheque especial de tinta vermelha para o seu futuro.” Seus estadistas regulam e encorajam os interesses da nação, acreditando que coincidem com os desejos dos indivíduos. A resposta mais esclarecedora que recebi dos visitantes estrangeiros sobre as diferenças partidárias no Japão foi que o partido que estava no poder era o partido Mitsui, enquanto o seu rival era o partido Mitsubishi. O

Japão tem “seis grandes” corporações compostas pelos setores bancário, transporte, mineração, manufatura e exploração continental em suas várias atividades. Destas, os Mitsuis e os Mitsubishis são os mais ricos e poderosos e os outros são agrupados em torno deles. Os interesses das grandes empresas são tecidos na administração do Estado por meio de relações diretas e indiretas. Na verdade, eles de um lado e os clãs militares e navais no outro constituem o próprio Estado.

Entendi como funciona a política no Japão quando descobri que os grandes interesses empresariais não interferem nas eleições parlamentares. Eles negociam diretamente com quem comanda a política japonesa independente de quem sejam os candidatos eleitos. A história da aliança dos grandes negócios e política no Japão exige um livro e não apenas um parágrafo. Por isso, não há muitos exemplos citando fatos ilustrativos isolados. Porém, certos itens em seu sistema de tributação são típicos exemplos. Um indivíduo paga sete por cento de imposto de renda quando o seu rendimento atinge setecentos e cinquenta dólares. As empresas pagam os mesmos sete e meio por cento com uma renda de meio milhão. Nada exemplifica melhor onde reside o controle no Japão. A justificativa é que o indivíduo pouco pode fazer para tornar o Japão uma forte potência mundial. As grandes concentrações de capital por sua vez podem desenvolver o Japão através do investimento no comércio e indústria para participar da concorrência mundial. Os jornais que dedicam colunas à crítica das ações do governo raramente discutem o significado de fatos como esses.

## 90 Personagens e Eventos...

Os jornais japoneses na Liga das Nações afirmavam que enquanto o Japão representou a causa do trabalho, as nações ocidentais lideradas pela Grã-Bretanha e os Estados Unidos representavam o capitalismo. Contudo, não existe um Estado moderno no mundo em que o capitalismo é tão inquestionável como o Japão atual. Em defesa dos interesses do capital internacional, a Liga das Nações tem medo que o desenvolvimento econômico fuja do seu controle imperialista tal qual na Sibéria e na China.

Um cínico japonês me disse que a legislação fabril do Japão foi criada apenas para o benefício ocidental. Afirmava aos visitantes estrangeiros que o Japão não tinha leis trabalhistas. O governo criava alguns livros de estatutos e em seguida suspendia seus efeitos. Contudo, nos últimos cinco anos o efeito da ausência de regulamentação em conjunto com o rápido desenvolvimento da indústria e do comércio ocorreu da forma como o ocidente predizia. A crise do trabalho é aguda e absoluta. O governo Hara<sup>21</sup> atualmente no poder supostamente mais liberal apesar de suspender a proibição de organização dos trabalhadores não autorizou a formação de sindicatos. Isso gerou um vazio na organização sindical dos trabalhadores, pois seus sindicatos existem em uma zona de crepúsculo onde não são proibidos ou legalizados. Um visitante como eu não tem condições de saber quantos são. Um jovem japonês radical me disse que o Japão teve muitos sindicatos mesmo quando eram ilegais. Afirmou que houve sindicalização dos trabalhadores da agricultura e que a polícia não os reprimiu porque

---

21. Hara Takashi (1856 – 1921). Primeiro-Ministro Japonês entre 1916 a 1921. **Nota do Tradutor**

tinha se infectado com “ideias perigosas”, um termo técnico usado no Japão e em certos meios respeitáveis nos Estados Unidos.

Existe uma animada discussão no meio intelectual se o Japão em sua fase de desenvolvimento econômico vivenciará o estágio de antagonismo entre capital e trabalho similar ao ocidental. Há uma seção influente representante da velha oligarquia Confucianista que não acredita nessa suposição. Concebem que o velho princípio feudal do senhor e do homem e da proteção e dependência será transportado para a relação moderna de empregador e empregado. Eles preferem manter o paternalismo a ceder aos apelos para melhorar as relações trabalhistas com seus empregados. Existem inúmeras sociedades sob o controle de empregadores que adotaram seguros e planos de saúde promovendo o bem-estar dos trabalhadores e assim por diante. Para eles, isso é conhecido tecnicamente como o princípio da “bondade”.

Os liberais influenciados pelas ideias ocidentais alegam que esse princípio representa uma tardia relíquia feudal fadada ao fracasso. Sustentam que é moral e economicamente necessário afirmar aos trabalhadores que eles não se desenvolverão a menos que organizem e conquistem os seus direitos em vez de aceitar concessões dos patronais benevolentes. Isto é conhecido como o princípio de “direitos”.

Apesar das escolhas feudais no Japão foi o materialismo do Ocidente que possibilitou o desenvolvimento industrial assumir a forma de luta pelas liberdades e direitos; que os padrões morais superiores do Oriente são capazes de aplicar o princípio da bondade e simpatia para o crescimento das relações industriais, fugindo dos

desdobramentos da luta de classes que desonra a civilização ocidental. Os bolcheviques de todos os lugares veem utilidade nessa afirmação. Os defensores da “bondade” pelo menos por enquanto não são favorecidos. Os motins de arroz sinalizaram o início da formação de uma consciência de classe pelos trabalhadores. O alto custo de vida é ainda uma questão mais aguda no Japão do que em outros lugares. O país tem de importar uma parte considerável de alimentos, especialmente o arroz e o trigo. O futuro do Japão gira em torno desse fato, pois o arroz custa hoje doze vezes mais do que custou há trinta anos e três vezes mais do que o início da guerra. Entretanto, existem todas as consequências habituais de mudança no relativo isolamento da vida rural em seus contatos com as cidades e fábricas. Por todos os lados há relatos do crescimento dos conflitos entre supervisores e trabalhadores nas lojas e fábricas e ocorre uma perfeita epidemia de greves. O aumento dos salários não conteve a elevação do custo de vida; as evidências do surgimento de “novos milionários” com os lucros da guerra são abundantes no país. O Japão de repente mergulhou sem qualquer preparação administrativa ou intelectual em um agudo problema trabalhista. O socialismo é proibido; um partido socialista é entendido como uma conspiração criminosa e é tratado como tal. Contudo, todos os relatórios sobre esse tema apontam que o socialismo cresce com notável rapidez.

Em uma das universidades privadas do Japão, um professor de “Economia Política Avançada” pediu para que os alunos de sua classe votassem se haveria maior possibilidade de expansão comercial no âmbito dos movimentos trabalhistas ou no socialismo. A vota-

ção foi de cem para o último tópico, a três para o primeiro. Considerando a avidez dos japoneses para tópicos práticos e o zelo pela expansão comercial é seguro dizer que antes da guerra os números seriam invertidos.

A nova geração de estudantes é influenciada por ideias radicais. Apesar de a Universidade Imperial Japonesa ser uma casa do conservadorismo intelectual, parcela dos seus alunos publica um jornal denominado “Democracia”. Alguns de seus professores são os membros mais ativos de uma sociedade chamada “The Dawn” que divulga abertamente as ideias democráticas por meio de conferências públicas. Revistas com títulos como “Reconstrução”<sup>22</sup> e “A nova sociedade”<sup>23</sup> nascem quase todos os meses. Durante o governo anterior, quando a supervisão policial era mais rígida do que agora, um juiz foi condenado por lesa-majestade, porque disse que os militares burocráticos se colocavam entre o povo e o Imperador, manchando a glória do último. A sugestão de que o Imperador poderia ser manchado foi o suficiente para mandá-lo para a cadeia. Porém, sua posição e influência cresceram pelo episódio. Uma série de casos é citada. Houve muitas prisões por posse e circulação da literatura “revolucionária”. Há ainda aqueles que profetizam uma revolução política numa base econômica no Japão dentro dos próximos cinco anos. Mas eles parecem-me demasiados otimistas.

A situação da classe média é ainda mais grave do que a trabalhista. Até agora a revolução industrial no Japão não é fiel à sua forma. Ela não consiste na criação de uma nova burguesia, mas em minar a burguesia que

---

22. Aspas. Edição brasileira.

23. Idem ao anterior.

já existia. Ocorre no país o aprofundamento de uma divisão marxista entre o proletariado e os milionários. Trafegam inúmeros automóveis nas ruas de Tóquio sendo em sua ampla maioria Rolls-royce e Arrow Fierce. Os automóveis da marca Ford não existem.<sup>24</sup> Tende a aumentar o declínio da propriedade camponesa nos distritos. O tamanho médio da terra é cerca de três acres; isso dificilmente suporta uma família. Uma vez que não existe arroz para vender, seu alto preço não ajuda o pequeno agricultor. Conseqüentemente, a concentração de terras e outras formas de acúmulo de capital crescem no país.

O Japão teve durante algum tempo um proletariado educado, caracteristicamente apelidado pelos europeus de “roupas pobres”. Os policiais, funcionários e professores do ensino médio até então defensores ferrenhos da burocracia e do militarismo mudaram de posição. A recente experiência da amargura de pertencer a uma classe assalariada em um período em que o crescimento dos salários não acompanha a elevação do custo de vida criou uma série de protestos. A polícia protestou e o Governo atendeu algumas de suas reivindicações; sua posição estratégica fortaleceu essa conquista. Os professores do ensino primário foram convocados para participar de reuniões em Tóquio e Yokohama; o governo usou da polícia para romper e depois proibir as reuniões. Um jornal ironizou a situação questionando o efeito sobre os alunos ao verificarem que os professores na escola ensinavam ética convencional, enquanto fora

---

24. Dewey referencia a marca Ford dando ênfase à produção fordista voltada à massificação dos automóveis aos trabalhadores nos Estados Unidos.

da escola eram contrários à ética que ensinaram. Em outras palavras, o que é denominada “ética” nas escolas primárias é a submissão à autoridade. Os professores eram acusados pela imprensa de se contraporem às autoridades nas manifestações para forçar as autoridades a dar-lhes um salário-mínimo.

Existem sinais exteriores que fundamentam os observadores a acompanhar o progresso da democracia no Japão. O primeiro e em muitos aspectos o mais superficial será a extensão do sufrágio universal. O último Parlamento aprovou uma lei sobre a duplicação do eleitorado. Foi uma medida de compromisso que não deu nenhuma satisfação aos conservadores e radicais. A não ser que as relações exteriores monopolizem a atenção, a luta será renovada no próximo Parlamento. O segundo sinal mais significativo é que haverá um conflito entre a casa inferior e superior ocasionado pela extensão do sufrágio ou alguma questão semelhante. Para a Câmara dos Pares foi deliberadamente inventado para dar a Velha Oligarquia e o Novo Poder plutocracia para evitar extravagâncias da parte da casa mais baixa. Um sinal ainda mais grave será o esforço para que os ministros da Guerra e Marinha, membros reais do Gabinete de Governo, sejam nomeações do Exército e da Marinha com jurisdição independente.

Os limites da independência nos dias de encerramento do último parlamento são mais embaraçosos em outros países do que no Japão. Era necessário obter a aprovação do orçamento de despesas dos vários departamentos governamentais. O Departamento de Guerra pediu salários extras para cento e cinquenta mil soldados que estiveram em serviço na Sibéria. No entanto, o

Ministério das Relações Exteriores entendeu que esteve em serviço na Sibéria entre sete e dez mil homens, um número proporcional aos enviados do exército dos outros Aliados. Houve uma emoção temporária, a Casa entrou em sessão secreta, o orçamento foi votado e, após alguns dias, os jornais divulgaram uma declaração semioficial que o número de soldados na Sibéria não excedeu setenta mil. A maioria dos japoneses e não muitos insiders não saberão se os outros oitenta mil foram pagos. Mas o significado de um Ministro independente de guerra em um governo dito como constitucional pelos propagandistas em países estrangeiros é medido pelo fato de que ele poderia agir em tal contravenção à promessa direta do Ministro das Relações Exteriores. Números casos assim são relatados, especialmente em conexão com assuntos chineses; e é claro que é impossível dizer quanto é conluio com uma chance de provar um alibi por parte dos ministros supostamente liberais e quanto é devido ao poder incontestável do Ministro da Guerra (em vigor Estado-Maior General) para agir sem o controle do “Governo”.

Outros sinais convincentes da disseminação de ideias democráticas serão um movimento para elevar a responsabilidade do Ministério ao Parlamento e não do Imperador, significando, na prática, uma real iniciativa legislativa do Parlamento. O cancelamento ou revisão do poder repressivo da polícia sem ação judicial sobre os jornais será um sinal mais esperançoso. No entanto, não é provável que as relações ocorram numa sequência lógica tal como foi descrito. É mais provável que algo acontecerá e ao mesmo tempo ocorra uma mudança geral na estrutura política. Enquanto causa e efeito é difícil

imaginar se este acontecimento no Japão será uma revolução no sentido que associamos a palavra “revolução”. Uma qualidade inescrutável dos japoneses é a busca da aprendizagem na terra, algo que os torna rígidos e flexíveis e, ao mesmo tempo, satisfeitos e ansiosos. Com o desenvolvimento de um sentimento democrático é bem provável que uma repentina e dramática mudança possa se comparar à transferência do poder nos anos sessenta do velho Xogunato Tokugawa para os membros do clã Satsuma e Choshu acompanhada da consequente unificação centralizada do Japão e rendição da política de isolamento.

Para o estudante de história esses avanços no Japão se parecem com o dos anos setenta e oitenta. As ligeiras mudanças no curso dos acontecimentos tornar-se-iam um verdadeiro e não simulado Estado constitucional. Contudo, infelizmente, a década de oitenta na Europa foi marcada pelo crescimento do imperialismo e nas décadas posteriores a essa data, o Japão deliberadamente adotou uma concepção alemã de Estado Militarizado, uma constituição de um governo representativo que deu o formulário sem a substância, uma educação primária universal voltada a produzir jovens estudantes nos princípios denominados pelos ingleses como “obeyfulness”<sup>25</sup> e um sistema secundário e superior objetivado na eficiência especializada a serviço do Estado. O desenvolvimento da liberdade foi colocado em suspensão por trinta anos.

---

25. Modelo de educação voltada a difundir a obediência. **Nota do Tradutor**

### III<sup>26</sup>

As comparações entre o Japão e a Alemanha são comuns. Em todo o caso, meu julgamento é falho em apontar em que reside a real e inegável semelhança. A semelhança adquirida não é tão intrínseca como é imitativa. Nos anos setenta e oitenta, o Japão estudava os modelos do mundo ocidental, como mil anos antes estudara a Coréia e a China. Da Grã-Bretanha emprestara a ideia de marinha mercante, comércio marítimo e de energia do mar. Da França, a administração centralizada como uma cura para os males restantes do seu centrífugo feudalismo. Com a Alemanha, aprendeu os pressupostos para o direito de família (o mais importante na transição da organização familiar para uma base individualista); emprestou os objetivos e métodos de um sistema educativo, bem como a forma de criar um governo aparentemente Ocidental que não violasse os interesses dos líderes representantes dos clãs Choshu e Satsuma. Eles tinham certeza de que somente um alto grau de poder centralizado permitiria o desenvolvimento do Exército e da Marinha e uma política externa forte salvaria o Japão de sofrer o mesmo destino da Ásia nas mãos de potências ocidentais. Em virtude do crescimento do imperialismo na Europa, tenho a ousadia de declarar que eles estavam totalmente errados.

A unificação do Japão ocorreu recentemente. O estrangeiro está tão acostumado a ouvir sobre a unidade da comunidade da vida do Extremo Oriente, especial-

---

26. From The Dial, Nov. I, 1919

mente no Japão, que é provável que ignore a força socialmente divisiva exercida pelo princípio do poder da família. No Japão foram agudos o isolamento e as animosidades durante todo o recente período feudal. O Japão convivia até então apenas com a força da Tokugawas e sua habilidade em jogar um clã contra o outro. Em conexão com a restauração da unidade imperial e a abertura do país para o mundo exterior, precisava de uma ligação interna e espiritual para a sua união. Este encontrou sua melhor opção na Alemanha. Em seu passado ela teve uma tradição teocrática que poderia ser reavivada e posta ao serviço da centralização japonesa. O Japão já teve mais de uma geração de pessoas educadas nos princípios da religião de Estado e do culto ao imperador. Assim, um novo fluxo moral e intelectual não seria tão ansioso e aberto a novos métodos e instituições como foi o Japão de cinquenta anos atrás. Há uma história contada no Japão, ausente de autenticidade, mas carregada de uma relativa verdade simbólica. Diz-se que quando Marquis Ito e sua comissão voltavam da Alemanha de Bismarck para o Japão pararam em Londres. Ito visitou Herbert Spencer que o aconselhou (e isso é autêntico o suficiente) manter o Japão distante das nações estrangeiras. E Ito, de acordo com a história, disse ao filósofo que levava para casa, planos para uma constituição, um sistema educacional, desenvolvimento econômico e assim por diante, de fato, para tudo, exceto a religião e que dependia de Spencer para abastecer o Japão com planos para essa necessidade. Em resposta, Spencer disse que o Japão teve o culto dos antepassados e que o imperador há muito tempo era uma figura religiosa, em vez de secular. Logo, não era necessário pedir

## 100 Personagens e Eventos...

para um estrangeiro os planos para construir uma religião nacional.

Essa conta particular do uso calculado de Xintoísmo como apoio político da autocracia militarista é duvidosa. Contudo, nenhum estudante pode duvidar de que os estadistas mais experientes nas décadas posteriores à de oitenta blindaram a dinastia imperial com expressões emocionais e místicas acompanhadas de sanções sobre a origem divina do Imperador. Não fazia muitos séculos que a Europa convivera com Estados baseados na divindade dos reis. A Roma Imperial foi sustentada pela divindade dos imperadores entendidos como filhos dos deuses. Um estudioso japonês me disse que até a publicação da Constituição em 1889 o título Filho do Céu era reservado aos imperadores mortos. Afirmou que foi evidente o uso deliberado do mito religioso para impedir o crescimento das ideias democráticas, pois esse título pela primeira vez foi inserido como Lei nessa Constituição. Eu não sei se essa declaração está correta, mas não pode haver dúvida quanto à integralidade da fusão do político com ideias religiosas e teocráticas na mente popular, nem do apoio que a fusão dá ao sentimento nacionalista japonês contra outras nações e para o prestígio e poder da dinastia governante. É uma vez que, como questão de fato, o Imperador ainda é tanto quanto uma figura de proa como quando estava em uma reclusão em Kyoto, essa sanção religiosa beneficia a burocracia japonesa. É interessante notar que uma ala novo grupo liberal se esforça para dar o status religioso da dinastia imperial como estratégia para uma virada democrática. Eles não atacam a ideia imperial; o ataque além de jogá-los na prisão torná-los-ia odiados por desacreditar

da santidade do Imperador. Afirmam que tradicionalmente o imperador está interessado no bem-estar da população, pois é o pai do povo. Entendem que sentido do governo para o povo o Japão é historicamente uma democracia. Os liberais japoneses são críticos da oligarquia entendendo que as forças democráticas terão como grandeza situarem-se entre o Imperador e seu povo.

Os ocidentais não levam a sério o uso do xintoísmo com um instrumento político. Isso é muito estranho em sua lógica de pensamento. Imaginam que isso não existe no Japão. Eles pensam nisso como uma espécie de embelezamento poético e um toque romântico adicional em uma terra romântica. É verdade que os homens cultos no Japão não acreditam em qualquer sentido literal nos mitos políticos. Porém, também é verdade que o ponto de vista teocrático regula todas as questões e emoções a ele ligadas, transformando o Japão em virtude dessas intensas e penetrantes relações em um país único, cujos objetivos e métodos são desconcertantes para qualquer estrangeiro. Talvez só o estrangeiro que estuda o ensino fundamental, especialmente história e “ética”, percebe o quão sistemático é o culto ao Imperador e sua influência no subconsciente de todos os alunos. Desconsiderar essa questão implica em realizar um movimento similar aos países ocidentais que ao jogar fora o seu passado, esqueceram como foram o seu crescimento, os ensinamentos teológicos da infância, etc. Esse efeito colateral emocional dificilmente pode ser desprezado. Contudo, o sentimento intimamente religioso oriundo às dinastias não é compreendido apartado do patriotismo e o nacionalismo.

## 102 Personagens e Eventos...

O maior mito japonês se divide em três. O primeiro é composto pela completa noção de homogeneidade racial de sangue e descendência comum, do relacionamento comum com os deuses que estabeleceram civilização no Japão cujos descendentes ainda governam o país. Apesar da sua falsidade etnológica, essa doutrina detém o maior fundo de verdade, pois no decorrer do tempo os vários elementos étnicos se fundiram em um só: o Japão não é uma ilha isolada do mundo. É mais seguro questionar quando estamos cientes das diferenças sociais encontradas em sua população. Porém, dificilmente seria seguro tirar quaisquer conclusões das implicações políticas a partir da negação de unidade racial e relacionamento comum ao imperador. Os textos sobre “ética” utilizados nas escolas ensinam que os cidadãos de outros países têm patriotismo, afeto filial e paternal, mas que o Japão é o único país no mundo onde as duas coisas são absolutamente coincidentes. Uma etnologia científica meticulosa estaria em apuros se literalmente negasse o objetivo desta declaração.

O segundo mito é o da continuidade ininterrupta da dinastia imperial por mais de dois mil e quinhentos anos desde o primeiro Deus imperial existente no Japão. Essa série de mitos sobre a formação do Japão foi ensinada para as crianças nas escolas japonesas, algo que intelectual e esteticamente não chega ao nível das lendas dos índios estadunidenses. Os fatos da história nada provam e a continuidade de sangue e unidade da dinastia é sistematicamente falsificada. O mito de origem única e pura da casa imperial desde os tempos imemoriais e continuará a existir por séculos eternos é proclamado no início da constituição alemã e emprestada pelo Japão

continua a ser a pedra angular do Estado japonês. O terceiro mito é a consumação dos outros dois. Tudo o que o Japão é e pode ser tem a ver com as virtudes originais dos fundadores divinos e aos de seus descendentes divinos. O ensino de ética e história das escolas contribui para a manutenção de uma relação óbvia manifesta na existência de uma moral devida pelos japoneses à Dinastia Imperial. Não é de estranhar que os apóstolos fanáticos dessas doutrinas permitam que seus pertences pereçam em chamas enquanto salvam o retrato do divino imperador.

Os professores em suas salas de aula ensinam por vias orais erudições e verdades históricas. Suas críticas elaboradas se limitam à confiança da sala de aula. O martírio não é cortejado por estabelecer os fatos em livros ou outras formas impressas para consumo geral. Às vezes acredito que é dado o sinal mais seguro da abordagem da democracia quando vemos um grupo de intelectuais enfrentarem a prisão ou mesmo a morte por estabelecer ao público a verdade sobre tais assuntos.

Receio que possa parecer que me distanciei do assunto. Parece que falo não do liberalismo no Japão, mas do tipo mais insidioso e influente do reacionarismo. Contudo, compensa conhecer as dificuldades com que o crescimento do liberalismo tem de lidar. O conhecimento vai nos tornar mais simpáticos e pacientes. O liberalismo influencia uma geração de professores e alunos universitários. Desde que comecei a escrever, uma delegação de estudantes universitários japoneses expressam para os chineses em Pequim a sua antipatia com a política do Japão em relação à China, afirmando que o inimigo comum a ambos os países é a autocracia militaris-

ta japonesa. É impossível para o Japão se dedicar às técnicas de comércio, ciência, participar da política mundial e permanecer isolado do que acontece no mundo.

A importância deste fato chegou ao Japão com a dinâmica da guerra e concluiu que ela resultou na expansão da democracia e do liberalismo. A liquidação imperialista em Paris inegavelmente efetuou um revés. Cada reação da democracia em todo o mundo retardará o movimento no Japão. Porém, caso não haja retrocessos em todo o mundo, o Japão avançará decididamente para a democracia. A minha confiança na capacidade de resistência, adaptabilidade e inteligência prática do povo japonês, bem como em uma espécie de social-democracia incorporada nos modos e costumes do povo, me faz pensar que a mudança virá sem uma sangrenta e convulsão catastrófica.

## Os dois lados do Mar Oriental<sup>27</sup>

São três dias de viagem do Japão para a China. Duvido que qualquer jornada similar proporciona-se uma mudança tão completa de crença e temperamento político. Certamente é maior do que a mudança percebida em viajar diretamente de São Francisco para Xangai. A diferença não está nos costumes e modos de vida. Trata-se de ideias, crenças e informações atuais sobre um mesmo fato: o status do Japão no mundo internacional e, especialmente, a sua atitude em relação à China. Encontrase em todos os lugares no Japão um sentimento de incerteza, hesitação e fraqueza. Há na atmosfera uma tensão nervosa sutil como de um país à beira de uma mudança que ainda não sabe onde levará. O liberalismo está no ar, mas os genuínos liberais enfrentam todos os tipos de dificuldades, especialmente em combiná-lo com a devoção aos princípios teocráticos que os militaristas imperialistas que governam Japão tão habilmente lançam sobre o Trono e o Governo. Contudo, o que se percebe na China é a sensação de um poder similar ao do Japão voltado a dominar a política e a indústria chinesa, algo tão certo como o destino.

Não é meu objetivo analisar se a situação é real ou verificar se o sentimento universal na China é uma alucinação coletiva ou está fundamentada na verdade. O fenômeno é digno de registro por sua própria conta.

---

27. From The New Republic, July 16, 1919.

Mesmo que seja apenas um fator psicológico é algo a ser levada em conta tanto na China como no Japão. Em primeiro lugar, quanto às diferenças na atmosfera psicológica. Todos aqueles que conhecem alguma coisa sobre o Japão sabem que é uma terra reservada e reticente. A metade americana informada dirá que isto é colocado para enganar os estrangeiros. Os informados sabem que é uma atitude mostrada aos estrangeiros enraizada na tradição moral e social do Japão. Os japoneses são mais propensos a ser comunicativos sobre muitas coisas para os estrangeiros mais simpáticos do que para os que não são. O hábito de reserva está profundamente enraizado em toda a etiqueta, convenção e cerimônia diária de vida, bem como nos ideais da força e caráter, que apenas os japoneses influenciados por ideias estrangeiras conseguem escapar e reverter. Para dizer o mínimo, os japoneses não são um povo loquaz; eles têm o dom de fazer o que se gabam.

Portanto, quando um diplomata ou estadista japonês discursa sobre os objetivos e procedimentos por muito tempo utilizados pelo Japão no Oriente, o estudante de política fica alerta e suspeita. Uma ilustração recente é tão extrema que parece fantástica e inacreditável. Informantes trouxeram relatos fragmentários de alguns endereços de Barão Goto na América. Sem dúvida, na atmosfera americana tem o efeito de tranquilizar os Estados Unidos quanto a quaisquer ambições impróprias por parte do Japão. Os jornais chineses noticiaram que o Japão concluiu seus planos para a absorção da China e que as operações preliminares para este fim estão prestes a começar. O leitor deve me perdoar de qualquer ceticismo. Ele sente sobre o fato em si e da exati-

dão do meu relatório sobre a crença do suposto fato. Seu ceticismo não superará como deveria me sentir. Mas, a suspeita despertada por estas declarações e a recente entrevista de ministro das Relações Exteriores Uchida e Baron Ishii deve ser notado como evidências da crença universal na China que o Japão tem um modo de diplomacia para o Oriente e outra para o Ocidente e que o que é dito no Ocidente deve ser lido em sentido inverso no Oriente.

Na China não é a terra de privacidades. É um provérbio curto que permanece secreto no país. Os chineses são mais abertos em discutir as suas ações sobre a política. Eles são adeptos em revelar suas próprias falhas e dissecar suas fraquezas e fracassos com razoabilidade extraordinária. Um dos seus defeitos é o amor em encontrar substitutos para as ações positivas, evitando manter um curso de ação que pode ser irrevogável. Pergunto-me se esse poder de autocrítica não é em si outro desses substitutos. Em todo o caso, eles são francos e loquazes. Entre os campos opostos há sempre comunicações fluidas. Os inimigos oficiais não são “jurados.” Uma terra de etiqueta e compromisso exige que o caminho para a reconciliação fique aberto para o futuro. Consequentemente, fatos que são apenas sussurrados no Japão são difundidos aos gritos sobre os telhados na China. Dificilmente seria de bom gosto no Japão aludir o relatório em que os influentes ministros chineses constantemente recebem fundos econômicos dos japoneses e enquanto a Europa e a América estavam ocupadas com a guerra, esses funcionários corruptos foram os instrumentos pelos quais as concessões políticas e econômicas foram arrancadas da China. Na China ninguém sequer

se dá ao trabalho de negar ou mesmo discutir o assunto. O que é psicologicamente impressionante é o fato de que isso é apenas um dado, da mesma forma quando se fala de como é dialogar sobre o calor em um dia excepcionalmente quente.

O sentimento referente aos motivos dos problemas da situação econômica atual no Japão é justificado pela situação internacional. Em primeiro lugar, há forte impressão de que essa situação é mais prolongada no Japão. Mesmo em tempos normais, o país se centra mais sobre a produção para os mercados estrangeiros do que para o interno. Existe a crença de que o Japão age dessa forma porque os sellings estrangeiros possuem um poder de compra maior do que o empobrecido povo japonês. Durante a guerra, a dependência da indústria e comércio caseiro sobre o mercado externo foi maior. O aumento da riqueza nacional nas mãos de poucos afetou a demanda interna por bens.

Outro item diz respeito à situação do trabalho no Japão. Caso o país aplique ou melhore as leis trabalhistas, regulando o trabalho infantil e feminino, perderá a vantagem de mão de obra barata utilizada para compensar os altos custos produtivos. Por outro lado, as greves, dificuldades trabalhistas, agitação dos sindicatos, etc., aumentam constantemente e a tensão na atmosfera é inconfundível. Os motins de arroz muitas vezes são citados, persistindo a sua memória e o fato de que assumiram uma dimensão política. Existe uma corrida entre os clãs militares que controlam as aspirações das forças genuinamente democráticas. Certamente, a derrota da Alemanha deu um duro golpe no militarismo burocrático do Japão. Será que isso afetará a política externa ja-

ponesa? Existe a esperança de que estimule a simpatia liberal em um Japão que começa a sofrer a agonia de transição.

Existe um sentimento no Japão que a situação internacional é um perigo que ameaça o seu isolamento. A Alemanha e a Rússia estão desaparecidas e isto pode enfraquecer o Japão no equilíbrio e contrapeso de poder. Particularmente, a remoção do imperialismo russo aliviou a ameaça sobre a Índia, um fator decisivo para a Grã-Bretanha fazer uma aliança tanto ofensiva como defensiva. A revelação das possibilidades militares da América é outro grave fator. Certamente a nova aliança entre o Japão, Itália e França são um substituto adequado para um realinhamento das forças internacionais em que a Grã-Bretanha e os Estados Unidos são dominantes. Este fator explica algumas das descortesias com o qual a imprensa japonesa trata por alguns meses o Presidente Wilson dos Estados Unidos. A relação japonesa com a Liga das Nações possibilita uma rediscussão oportuna sobre a discriminação racial no país. (Os chineses têm um refúgio infalível humorístico. Foi interessante notar a alegria com que receberam a pronunciado depois do sucesso em Paris do Ministro das Relações Exteriores japonês, que “diminuíam os vários ataques da imprensa aos Estados Unidos”). Em qualquer caso, não há dúvidas sobre a tensão sobre a discussão das relações externas japonesas. Em todas as direções, há sinais característicos de hesitação balançando as velhas crenças e as novas linhas de movimento. O Japão parece mais humorado com aquilo que experimentou antes de sua unificação no final na década de oitenta, ou seja, a aceitação de suas instituições da Constituição alemã, o milita-

rismo, o sistema educacional e os métodos diplomáticos. Mais uma vez o observador tem a impressão de que substancialmente toda a abundante energia do Japão será dedicada aos seus urgentes problemas de reajuste.

A diferença é incrível na China. Quase como se estivesse vivendo um sonho; ou como se alguma nova Alice tivesse se aventurado em um espelho internacional ao qual tudo é invertido. Em virtude da censura, não é surpreendente que na América tenhamos tão pouco conhecimento do estado das coisas e do espírito na China nos últimos anos. Apesar da proximidade geográfica entre o Japão e a China, é uma experiência de vida verificar como seus entendimentos são totalmente opostos. O liberalismo japonês? Sim, ouve-se falar apenas em conexão com uma forma levada pelos anseios do milagroso deus *ex-machina*. Talvez uma revolução no Japão salve a China do destino que agora paira sobre ela. Porém, apenas uma revolução completa alterará ou mesmo retardará o curso atribuído à diplomacia japonesa trabalhando lado a lado com os interesses das empresas japonesas e o militarismo. O colapso da Rússia e da Alemanha? O Japão em poucos anos herdou por completo as esperanças russas de realizações e posses na Manchúria e Mongólia Exterior e teve em suas mãos oportunidades na Sibéria que dificilmente esperaria em seus momentos mais otimistas. E agora o Japão tornou-se, com a bênção das grandes potências em Paris, o herdeiro de concessões, intrigas e ambições alemãs, fortalecidas pelos acordos secretos com funcionários incompetentes e corruptos enquanto o mundo estava ocupado com guerra. Se as grandes potências têm tanto medo do Japão que realizam todos os seus desejos, como a China pode es-

capar do seu castigo? Esse é o grito de desamparo presente em toda a China. Os propagandistas japoneses tiraram proveito da situação apontando a Conferência de Paz como prova de que os Aliados não se importam em nada com a China e que ela deve lançar-se nos braços do Japão para ter alguma proteção. Em suma, o Japão está pronto, tal qual o fez com a Coréia, para garantir a integridade e independência da China. O medo chinês a despeito de sua animosidade contra o Japão é aceitar esse destino para escapar de algo pior e sinistro no ar. Os liberais japoneses temem que o Japão aliene a China permanentemente em vez de percorrer um caminho voltado a unir os dois países. O crescimento das dificuldades econômicas do Japão é apenas uma justificativa para o uso da coerção diplomática, invasão industrial e negociatas secretas com funcionários corruptos e traidores chineses. Enquanto o mundo ocidental supõe que as Forças Armadas e o Partido Industrial no Japão têm ideias opostas quanto ao uso dos melhores métodos de proteção de supremacia japonesa no Oriente, é universal na China que os ambos trabalham em completo entendimento e as diferenças que às vezes ocorrem entre o Ministério das Relações Exteriores em Tóquio e do Ministério da Guerra (que é extraconstitucional em status) são meras encenações.

Esses são alguns dos aspectos da mais completa transformação que esse escritor vivencia. Eles podem ser apenas uma extraordinária experiência psicológica! Todos os residentes da China sejam chineses ou americanos com quem falei nas últimas quatro semanas, demonstraram a crença de que todas as sementes de uma futura grande guerra estão agora plantadas na China.

Para evitar tal calamidade olham para a Liga das Nações ou alguma outra força fora da cena imediata. Infelizmente, a imprensa do Japão trata cada tentativa de discutir o que acontece na China como evidência de que a América agora tem seus olhos sobre a Ásia com a expectativa de controlá-la no futuro. Consequentemente, para a América é interessante fomentar a má vontade entre China e o Japão. Essa situação permanecerá caso os japoneses pró-americanos não esclareçam os seus compatriotas sobre o que acontece. Cada americano que viaja ao Japão também deveria visitar a China, nem se for apenas para completar sua formação intelectual.

## **O retorno ao Japão: dois anos depois<sup>28</sup>**

**E**m visita a Tóquio escutei uma interessante conversa entre um japonês e um professor chinês. O primeiro era um verdadeiro e não um pseudoliberal, atento a tudo o que acontecia quando esteve na China. Desde a sua visita, é um crítico das ações do Japão na China; admitiu livremente o equívoco da política do seu próprio país e a necessidade de avançar nas mudanças que o governo Kara sinalizara, independente de prejudicar os militaristas japoneses. Ele insistiu que a China e o Japão eram tão próximos e interligados que os japoneses deveriam ter uma relação com os chineses diferente de qualquer outro país. Ele insistiu que todos os acontecimentos na China influenciam diretamente no bem-estar do Japão.

O professor chinês respondeu que o Japão está preocupado por demais com o que acontece com a China. Sua ansiedade era quase mórbida e que os japoneses para melhor servirem o seu país deveriam cuidar menos do que acontece ao longo no continente e se preocupar mais com seus próprios assuntos. Quando o meu amigo japonês reiterou o fato da estreita ligação dos dois países, o professor chinês respondeu que os japoneses deveriam se preocupar com seus próprios assuntos. Reiterou que os problemas e males do Japão eram graves como os da China. A única diferença era que o Ja-

---

28. From *The New Republic*, Nov. 16, 1921; published under the title *Public Opinion in Japan*.

pão encobria os seus problemas e a China não temia expô-los ao mundo.

Não tenho a certeza se foi exagerada a resposta que silenciou o liberal japonês. Mas, compensa citar como uma indicação da grande diferença entre a opinião pública japonesa e chinesa. Intelectualmente, floresce em nível nacional e internacional a publicidade sobre os males no país pelo fato de a China ter um governo fraco e corrupto. A atitude uniforme da classe culta sobre o seu governo e os assuntos sociais é fundamental. Talvez o fato mais significativo sobre a cultura atual da China é que os reacionários e conservadores não têm porta-voz intelectual. O fato é ainda mais surpreendente porque a facção reacionária e militarista controla todo o governo. Eu não sei se existe um paralelo entre a fragilidade no controle do poder político real com a futilidade intelectual e moral. Mesmo o tradicional pensamento confucionista na China não tem representante de primeira classe na atualidade. O Confucionismo naturalmente ainda é forte, mas sua força está nos costumes e não no pensamento e influência intelectual. Os líderes da “revolução literária” me disseram que por pelo menos 10 anos eram impopulares na sua luta para substituir as palavras e o estilo do vernáculo nos escritos clássicos.

Porém, para sua surpresa, o movimento passou no teste de fogo; todas as jovens classes educadas adotaram o seu padrão. Porém, o movimento diminuiu no último ano devido à inércia inconsciente dos costumes existentes e não por nenhuma oposição articulada intelectual ou crítica. Esse incidente me parece típico. Não há nenhum país no mundo onde os alunos são unânimes e ansiosamente interessados nas novas e modernas

formas de pensamento como na China, especialmente sobre questões sociais e econômicas. Os argumentos favoráveis à ordem estabelecida e ao status quo têm tão pouco peso na verdade.

Esse estado de coisas sugere o conjunto de obstáculos que o desenvolvimento de uma opinião pública liberal esclarecida no Japão tem de lidar. No Japão, o governo é forte, a administração é centralizada, organizada e disciplinada. Como consequência o pensamento crítico é tímido e está na defensiva, prevalecendo no país a defesa do conservadorismo nas políticas nacionais. O patriotismo é uma religião e esta é literalmente patriota e nacionalista. O patriotismo e a religião institucional são notoriamente hostis ao pensamento crítico e a livre discussão sendo quase impossível imaginar a sua supressão. É preciso maior força, coragem e moral para ser um crítico dissidente da política e condição social no Japão do que em qualquer outro país do mundo.

Tudo honra aqueles liberais no Japão, cuja visão e coragem forcem lentas mudanças. Minha estada no Japão não foi longa o suficiente para que professasse com autoridade em minha viagem de volta à América o que acontecia naquele país. Porém, desde que lá estivemos há dois anos são inconfundíveis as mudanças em curso no Japão. O silêncio sinistro até então imperante agora é pontuado com palavras ditas e até gritadas em voz alta. Eu não sei se aumentou a influência e o número de críticos liberais. É evidente que se quebrou o tabu que cercava as discussões domésticas sobre a política externa do Japão. Não me refiro a esses apologistas oficiais e propagandistas semioficiais em suas sinceras afirmações de que por ser humano, o Japão comete erros,

aos quais está agora empenhado em saná-los o mais rápido possível. Essa conversa revela certa quantidade de cinismo. Ela é criada por aqueles a quem os conservadores japoneses denominam como liberais mansos e daqueles que desfrutam da crítica acadêmica ao partido militarista. Porém, mudam de opinião quando correm o risco de perder qualquer vantagem obtida junto aos militares japoneses com referência à China e a Sibéria. Essa afirmação referencia o gradativo enfraquecimento de uma conspiração do silêncio, o relaxamento da tensão que fez alusão a certos assuntos como algo profano e que forçou o cortês a confinar suas conversas sobre o Japão.

Para dar uma ilustração específica, dois liberais do Japão sem qualquer relação entre si expressam substancialmente o receio em relação à Conferência do Pacífico. Eles estavam com medo que o Presidente Harding<sup>29</sup> não avançasse na discussão de princípios e políticas; que estaria satisfeito com uma pequena vitória do seu partido a avançar no sentido do desarmamento, garantindo um acordo de limitação moderada sem trazer a atenção do público para a questão da China e da Sibéria. Eles temiam esse resultado, pois a esperança do Japão afrouxar o aperto do militarismo sobre o país estava no crescimento interno e externo de uma opinião pública esclarecida.

Na linguagem da apologética apesar dos balbucios de seus chauvinistas o Japão é uma “nação sensível” e extremamente suscetível ao risco de isolamento diante da opinião pública mundial. Agora não acredito na exis-

---

29. Warren Gamaliel Harding (1865 – 1923) Foi o 29º Presidente dos Estados Unidos.

tência de uma mudança significativa na consciência pública japonesa pelo simples fato dos japoneses patrióticos e moderados expressarem suas opiniões de forma livre e crítica. A ausência de oportunidades adequadas para o estudo das razões para a mudança de atitude só podem ser grosseiramente esboçadas. De modo geral, a maior força está nas reverberações da guerra. É concebível que as lições intelectuais e morais da guerra foram sentidas no Oriente na razão inversa de sua participação efetiva. Devo dizer que isto é verdade para a China e imagino que, em certa medida, também o é no Japão. Especificamente, desde o início, toda a expedição siberiana é impopular em virtude dos gastos para tal. A estimativa mais baixa que ouvi foi meio bilhão de dólares gastos sem a obtenção de resultados tangíveis.

A conquista de Saghalien e Vladivostok<sup>30</sup> não afetou a imaginação popular e criou uma sensação desconfortável de que haveria um ajuste de contas no futuro. O crescimento dos protestos na China e o fracasso dos boicotes econômicos deram oportunidade para os japoneses repensarem as relações chinesas. O livre crescimento do pensamento liberal na China teve algum efeito. Ao mesmo tempo é inevitável o crescimento de um espírito científico entre os intelectuais. A universidade é a casa do movimento liberal. A maioria dos professores de Ciência Política da Universidade Imperial são ativos liberais. As escolas normais e infantis ainda não foram afetadas. Um fator mais tangível é a persistência de problemas trabalhistas e o crescimento da consciência dos trabalhadores sobre os problemas do trabalho

---

30. Ilha de Saghalien e o Porto de Vladivostok. **Nota do Tradutor**

em estaleiros e fábricas influenciados pelo constante aumento dos impostos devidos.

Um ocidental pode lamentar o caráter rudimentar e distorcido da opinião pública em seu próprio país. Afinal, está tão acostumado com o funcionamento dos órgãos regulares de discussão que não percebe a natureza espasmódica, imatura e desorganizada de opinião política no Oriente. Daí julgar eventos que não conseguem fazer concessões adequadas e muitas vezes encontrar projetos onde só há ignorância. No Japão, o Imperador é o único centro duradouro e organizado para a opinião pública. Este fato favorece o imperialismo, pois existe muito sobre o qual as pessoas podem alimentar o pensamento de forma consistente e unificada. Além disso, o partido burocrático-militar é o único grupo organizado que tem uma política definida e permanente. A princípio, o Sr. Hara é o primeiro plebeu para exercer o cargo de Primeiro-Ministro e este fato foi anunciado como o início de uma verdadeira democracia no governo. Contudo, a única questão sobre a qual os observadores concordam é a fragilidade política de Hara, exceto em seu oportunismo nos imediatos assuntos externos imediatos ou no acirramento das condições de trabalho em virtude de problemas industriais.

Na atual condição do Japão, uma rápida análise permite constatar que é difícil construir uma coerente e firme política de trabalho em um partido político verdadeiramente liberal no país. Um confesso curso liberal certamente desperta hostilidade na população em geral. Contudo, apesar da passividade do povo japonês, acredito que são amantes da paz em seu temperamento. Não existe contradição no fato de que cada paço para o

avanço e consolidação do Japão em uma unidade política veio como resultado de uma guerra. A guerra com a China resultou na abolição da extraterritorialidade. A guerra com a Rússia deu ao Japão a Coreia do Sul, um ponto de apoio na Manchúria e uma posição entre os poderes. A última guerra que algumas publicações japonesas uniformemente se referem como a guerra japoalemã fez do país uma das cinco potências, além de dar-lhe acesso em Shantung, um bom número de ilhas do Pacífico, um acréscimo de metais preciosos e rotas de comércio. Além disso, os japoneses nunca experimentaram os horrores da guerra moderna. Acrescente o fato notável ao qual mesmo um liberal japonês tem boas razões para acreditar. Com a expansão predatória da Europa imperialista moderna, o Exército e a Marinha japonesa salvaram o Japão de se tornar como a Índia ou a China. Isso possibilitou a percepção do motivo ao qual em qualquer período de crise a opinião pública se move para o lado do partido militarista. A exceção da ofensiva na Sibéria, uma ou outra vez, todos os jornais críticos ao partido militar defendem os militaristas em qualquer questão concreta que se choque aos interesses do país.

Em princípios gerais pensaria que o desenvolvimento econômico industrial no Japão criou uma tendência definida de opinião, formando um centro positivo e órgão de sentimento e pensamento que em alguns aspectos seria tão coerente como os imperialistas, mesmo não se opondo a eles. Contudo, no Japão não há nenhuma linha definida entre a atividade econômica privada e governo. O Japão superou a Alemanha ao relacionar apoio e ajuda governamental a todas as empresas capitalistas. As grandes corporações se envolvem em

uma combinação de atividades de mineração, transporte e bancárias, somado a fabricação e concessões continentais e o governo ou algum grupo de famílias que o influencia é definitivamente aliado às grandes corporações. É por isso que a industrialização do Japão não criou no presente qualquer tendência definida da opinião pública. Há ou não uma consciência mercantil e financeira como tal? Se as coisas continuarem no ritmo atual, apesar de ser ainda incipiente, a classe trabalhadora formará um novo centro de opinião no futuro próximo.

Eu não sei se emerge a partir dessa pesquisa qualquer definição moral. Caso exista, está em linha com a observação feita anteriormente sobre a importância da publicidade e opinião estrangeira esclarecida e sua influência reflexa sobre o Japão. O Japão precisa de simpatia não de abuso; mas é uma simpatia cruel que se exerce em justificar a ordem existente e em vigor, mantendo em segredo uma política que encobre os males do país. A revelação da influência da burocracia militar sobre a vida japonesa em âmbito nacional e internacional poderá despertar uma verdadeira simpatia. No entanto, esse caminho será relativamente ineficaz em influenciar a formação da opinião pública no Japão a menos que se una com uma posição firme contra qualquer tipo de discriminação racial. Os jovens existentes no Japão hostis ao militarismo dizem que lutarão até o fim contra a discriminação dos japoneses por pertencerem a uma raça amarela mesmo que para isso precisem unir-se ao grupo militarista que abominam.

Foi uma tragédia a Conferência de Versalhes não encontrar uma fórmula de igualdade racial compatível com todos os países no direito de determinar sua pró-

pria recepção de imigrantes. Se os Estados Unidos por ocasião da Conferência do Pacífico realmente quisessem que os militaristas japoneses perdessem o prestígio junto á opinião pública em seu país, não esperariam o Japão introduzir uma fórmula de igualdade de direitos raciais para depois desqualificá-las. Uma pequena quantidade de ingenuidade combinada com simpatia pode facilmente encontrar uma fórmula que indicará o direito de cada país decidir a sua própria política de imigração. Pode-se simpatizar com a atitude da Costa do Pacífico sobre as matérias da restrição da imigração Oriental e ainda acreditar que cada passo dado por um Estado da costa sobre a desigualdade no tratamento para os imigrantes residentes em suas fronteiras envolva o perigo de uma explosão final no Pacífico. O Japão não iria para a guerra sobre a questão californiana, mas cada movimento sobre discriminação racial reforça em última instância a confiança da opinião pública no grupo militar japonês. O sentimento de injustiça é utilizado para garantir apoio para o Exército e a Marinha. O resultado indireto é a continuação de uma política predatória na China e Sibéria que levará a uma ameaça de guerra futura. A mudança na questão da igualdade racial constitui-se em uma boa tática diplomática. Porém, a questão é mais ampla e profunda do que as estratégias e táticas diplomáticas. Até que o mundo em geral e os Estados Unidos em particular não avancem na discussão para a resolução da discriminação racial, os militaristas continuarão a formar a opinião pública japonesa, retirando qualquer possibilidade de avanço de ideias liberais e pacíficas.



**PERSONAGENS E EVENTOS:  
Ensaio Populares em Filosofia  
Política e Social**



## Eventos e Significados<sup>1</sup>.

**A**s palavras que compõem esse título estão impregnadas por séculos de discussão filosófica. É muito difícil se livrar de seus desdobramentos. Essa questão já era importante antes do surgimento da filosofia e continuará a ser depois que ela desaparecer. Imputamos significados a tudo aquilo que acontece o tempo todo a nossa volta. Isso é algo que não podemos evitar. Somos feitos para dialogar com nossa própria espécie e impulsionados a falar sobre nossas necessidades e dependências, uma vontade incontida de comunicar e partilhar o que sentimos com os outros. O confinamento equivale ao aprisionamento humano e a comunicação com os nossos semelhantes é a forma de nos libertar dessa condição.

Apesar de a comunicação ser em si um acontecimento, quando a utilizamos atribuímos significados aos eventos que representa, uma relação determinante do nosso próprio destino. Alguns filósofos, conscientes da fragilidade do discurso humano em imputar significados aos eventos, fingem eliminá-los admitindo a existência apenas de significados dos significados. Contudo, essas tentativas se reduzem a solilóquios e não diálogos entre diferentes seres humanos. Quando duas pessoas se comunicam, os significados atribuídos aos atos da outra nem sempre são aquilo que aparentam ser. Como não somos lúcidos em compreender as falas dos outros, o nosso fracasso será maior ao tentar entender esta vasta

---

1. From *The New Republic*, August 30, 1922.

## 48 Personagens e Eventos...

extensão de acontecimentos no espaço e no tempo que denominamos como mundo.

Como temos necessidade de nos comunicar, não faz diferença se os eventos têm ou não seus próprios significados; tê-los é algo que está além de nós. Continuamos atribuindo-lhes significados porque somos humanos. “O restante é o silêncio” que não é a vida, mas a própria morte. Suponho que toda comunicação dotada de significado no presente ou no passado ocorre após um evento qualquer. Talvez o nosso próprio discurso seja superado por novos eventos no futuro. Independente da nossa incapacidade em precisar os significados atribuídos aos eventos, eles diferenciam a forma como interpretamos o mundo. Acredito que é exatamente esse o poder de atribuir significados aos eventos. Em outras palavras, os limites que temos em entendê-los e falar sobre eles os limitam ao seu próprio percurso, concebido em pedaços daquilo que realmente o é.

A tendência introspectiva de ancestralidade puritana é uma característica principal da geração atual. Essa introspecção é coletiva: quero saber o que acontece comigo e não com a sociedade; com a minha alma e não com toda a América. Nosso problema fundamental é a dificuldade em se comunicar. Conversamos muito e dizemos tão pouco. Precisamos de algo mais do que uma simples conversa. Talvez, precisemos reformar a sociedade e suas Instituições como forma de incentivar a primeira para discutir tudo aquilo que a compõe e para desencorajar as seguintes em fomentar toda e qualquer forma de opressão. Em primeiro lugar, organizamos coletivamente a sociedade, modelando sua Constituição e Estatutos e em seguida não fazemos mais nada ou, ao

contrário disso, continuamos em busca de algo novo. Nossa satisfação termina quando a corrente dos eventos se transforma. Enquanto seres introspectivos, pronunciamos interpretações egoístas sobre aquilo que o mundo é, em vez de nos comunicarmos.

Os críticos dos nossos problemas afirmam que aceleramos constantemente a nossa vida sem saber ao certo onde pretendemos chegar. A isso denominamos como “negócios”, a nossa forma mais conspícua de manter-se ocupado. Daí a ausência da arte, das letras e dos frutos do espírito. Nosso humor é composto por piadas; nossa seriedade é exemplificada nos outdoors rotarianos em que temos a solene obrigação de prosperar.

Os críticos estão certos em afirmar que esse é o problema central da atualidade. Contudo, o que isso pode nos causar? Será que falhamos em expressar nossos pensamentos nas conversas preliminares e na arte como forma de comunicação coletiva porque estamos ocupados ou nos mantemos ocupados por temer o diálogo? A comunicação, o pensamento e a arte podem nos dizer alguma coisa? Por que esse medo? Em parte suponho que todos esses eventos foram por demais difíceis de compreender e por isso nada dizemos de significativo sobre eles. Juntamo-nos aos balbucios do passado expressos pela maioria dos seres humanos por nos sentirmos impotentes em entendê-los e interpretá-los. Revivemos os clássicos ou nos tornamos modernistas radicais que professam palavras vazias sem conteúdo sobre uma sequência de eventos recentes que ainda não entendemos, mas imaginamos compreender.

Com a sequência constante de novos eventos, muitas vezes não encontramos alternativas para fugir do

## 50 Personagens e Eventos...

uso de palavras frenéticas ou linguagens sem sentido. Afinal, quem está no poder tem medo de conversar sobre novas ideias, pois as conversas são mais poderosas do que o montante de eventos que tentam superar. Eles dão empregos para nos manter ocupados e dispensam indulgências como o esporte e a diversão. Tememos o desemprego e não o seu inverso, pois não queremos ser concebidos socialmente como ociosos. Apesar disso, há aqueles que preferem dizer que a raiz de todos os nossos problemas é o puritanismo.

Independente dos meus limites apelo aos nossos senhores. Afinal de contas a atribuição de significados para a vida não é tão poderosa e perigosa quanto vocês temem. É verdade que vocês são o resultado daquilo que conquistaram e transmitiram aos outros. Mas, isso não mais acontecerá se permitirem o diálogo sobre todos os eventos. O Deus dos Eventos é ele próprio um Deus ocupado e ciumento que adora acontecimentos em mudança e não tolera a constância. Ele já se sente prejudicado pelo fluxo de eventos que resmungam as verdades fixas e eternas dos nossos antepassados. O Deus dos Eventos não tem intenção de abdicar em favor de vocês que são as criaturas de eventos. Os eventos que vocês não entenderam, já começaram. Sua eficácia dificilmente será maior em um honesto pequeno discurso sobre o que acontece.

Como podemos pensar em um mundo melhor se for desprovido dos significados dos eventos que nele acontecem? Independente da nossa vontade, esses acontecimentos nos envolve e desperta novas ideias centradas muitas vezes no tédio e o medo do futuro. Isso

reduziria a tendência em fugir daquilo que o mundo se tornou?

Refletir sobre os eventos e celebrá-los em tom, cor e forma pode se tornar mais importante do que o próprio evento em si. É até possível que a abstinência temporária do curso dos acontecimentos para o bem de se comunicar sobre eles pode moderar sua violência e torná-lo mais estável. Caso ocorra uma grande mudança social, vocês e seus filhos estarão preparados, pois terão desenvolvido um estado de espírito que dará sentido a tudo aquilo que acontece. Encontrar significados e entender os outros é sempre alegre e prazeroso. Os eventos que são atribuídos de significados não são acidentes. Porém, caso sejam amplos e incompreendidos são atribuídos como catástrofes. Os diálogos preliminares evitam as catástrofes, pois não pertencem ao mundo dos significados.

Existe sempre a possibilidade que uma imputação inteligente dos significados é mais importante do que a disciplina e o prazer pessoal. Pode ser também que um evento influencie outros eventos. Independente de amar ou não os filhos dos outros, você ama os seus filhos através do incentivo ao diálogo e pensamento, uma ação que é maior do que uma especialidade e uma arte que é maior do que um ornamento. Agindo dessa forma, permite que os seus filhos participem do curso dos acontecimentos futuros em vez de ser dominado por eles.

Qual a vantagem em emudecer e perecer como os animais, quando os eventos tão sedutoramente nos convidam a contar a sua história aquilo que os sábios denominam de verdade e arte? Acima de tudo, não

## 52 Personagens e Eventos...

imaginemos que está em jogo a causa da liberdade denominada de liberdade de pensamento e expressão. A palavra “livre” é desnecessária e redundante. O que está em jogo é a capacidade do pensamento atribuir significados à vida. O pensamento não tem significado fora do diálogo, do discurso e da comunicação, sendo entendido apenas como uma interpretação absurda, destrutiva e muda.

# **Impressões sobre a Alemanha**



## O pensamento alemão<sup>2</sup>

### I

**M**uitos psicólogos dizem que o desejo é o pai do pensamento. Ele permite subir as estruturas sociais acima da superfície da consciência dos quais imaginamos ser senhores. Alguns dão mais espaços, outros nem tanto; alguns são limitados, outros sólidos. Imaginamos que foi construído sobre um fio condutor lógico. Esses psicólogos dizem-nos dos instintos vitais, obscuras inclinações, preferências imperativas no trabalho abaixo da superfície da consciência que moldam os sistemas de crenças baseadas na decência e indecência existentes acima. Como formas invisíveis de construir ilhas nos mares, essas agitações escondem a esperança e o medo de criar nossos próprios pensamentos. Eles podem até exagerar, mas os desdobramentos da guerra atual<sup>3</sup> comprovam as suas teses.

As perturbações emocionais são tão profundas e generalizadas na guerra que qualquer pessoa fora dela contempla o suborno de inteligência no processo. O partidarismo nativo do pensamento e crença torna-se flagrante. A busca da glória, da nudeza e a falta de vergonha na sua simplicidade de viés imparcial e distante do pensamento são características suspeitas. Ao que parece,

---

2. From The Atlantic Monthly, Feb. 1916; published under the title On Understanding the Mind of Germany.

3. Dewey referencia a Primeira Grande Guerra Mundial. **Nota do Tradutor**

## 56 Personagens e Eventos...

os pensamentos leais e sérios submetem os resultados de suas conclusões à balança do destino dos seus países. Um inglês filosoficamente agora escreve “sobre a tranquilidade de estar em guerra”. A emoção que varre tudo à sua frente e nega qualquer forma de divisão possibilita a existência de um único tipo de pensamento e forma de crença, uma doce e completa sensação de certeza. Nela estão submersas as discriminações e as dúvidas que acompanham os esforços de uma inteligência crítica.

A emoção tem como característica desenvolver apenas as ideias que sustentam e reforçam a sua própria operação. Seu trabalho mais sutil é produzir estruturas intelectuais que efetivamente mascarem todas as ações que criam problemas. A sugestão das crenças que alimentam o desejo é uma simples questão. A construção das crenças que impedem a percepção do que é indesejável dentro de desejo é mais complexa. Os homens são profundamente morais mesmo em suas imoralidades. Em suas atividades coletivas e persistentes requerem o apoio de uma consciente justificação. Nas ações prolongadas nada é tão paralisante como a dúvida inerente à causa da justiça. Constitui-se em um mito a noção de que os homens não agem deliberadamente à custa dos outros em nome de sua própria vantagem. Fins, ideais e responsabilidades morais são sempre invocados. E só o cinismo sem instrução atribui uma explicação manifesta pela consciente hipocrisia. Os homens hospedarem suas ações em justificativas morais é uma necessidade que não conhece a lei, mas apenas a si mesma. Podemos aprender uma lição com a prevalência da doutrina dos direitos divinos dos reis. As monarquias absolutas não apelaram às justificativas sobrenaturais enquanto a san-

ção dos acontecimentos contemporâneos lhes era favorável. Porém, quando os seus direitos se tornaram humanamente questionáveis, adotaram uma justaposição sobre-humana.

Em tempos de paz é possível idealizar guerra. A imaginação deixa aos seus próprios dispositivos esquecer tudo o que é desagradável para centrar-se apenas na glória. Em tempos de guerra o sofrimento, a miséria e as agonias da destruição são tão urgentes e imediatos que não permitem uma concepção romântica do acontecido. Daí a idealização é transferida para a causa pela qual a guerra é travada. Mesmo as mais justas das guerras envolvem ilusões desse tipo; mesmo que as guerras não sejam justificáveis, as emoções em desenvolver crenças e ideias sobre ela disfarçam a ausência de justificativa. A condenação veemente de cada nação em guerra é similar ao assobio de uma criança em um cemitério. Mas isto é algo superficial. Em suas profundezas representa o desejo de adquirir uma justificativa moral que armará toda e qualquer ação. Apenas a mais plácida ou trivial das existências é suportável sem alguma crença em sua própria necessidade moral. Como podemos suportar os horrores da guerra sem convicção de sua justificação moral?

Cada nação expressa naturalmente seus próprios fundamentos morais nos termos que sua história tem de familiar e agradável. Para as nações neutras, as fórmulas escolhidas são atraentes e convincentes no grau em que são proferidas em linguagem familiar e compreensível. O americano médio entende prontamente a defesa moral da Grã-Bretanha. Ela está redigida em termos que empregamos naturalmente em nossa própria justifica-

ção. A França é a menos clamorosa de todas as nações em guerra; mas suas justificativas são proferidas numa língua que compreendemos, mesmo que entre nós não seja tão naturalizada como o discurso moral da Inglaterra. Vale ressaltar que os americanos, exceto os simpatizantes da Alemanha, não explicam ou justificam essa simpatia em virtude da língua alemã. A necessidade política é atribuída às antigas razões de conveniência e não às arrebatadores razões morais.

O caso da invasão da Bélgica é significativo. Apologistas americanos procuraram justificativas técnicas e jurídicas da origem do tratado em termos prussianos e não nas garantias imperiais e assim por diante. Ignoraram os verdadeiros fundamentos existentes na consolidação do Estado Alemão. Os verdadeiros alemães ignoraram as technicalidades legais dos apologistas americanos. O único ponto sobre o qual concordaram é o do direito conferido à necessidade militar, demonstrando o desenvolvimento de uma simpatia americana pelos alemães. Sem muito esforço, não conseguiremos entender o sentido mais literal da mentalidade Alemã.

## II

Toda nação justifica suas ideias por meio da interpretação da sua própria história e filosofia nacional. Os ingleses são tradicionalmente protestantes, evangélicos e individualistas em suas consciências. Suas concepções pessoais são instintivamente moralistas. A inocência de suas próprias consciências e a virtuosidade de

suas motivações, tais como a defesa da santidade dos tratados, justificam sua conduta em cumpri-los.

Contudo, como suas atividades comerciais e imperiais foram distintas da sua consciência, não é de se estranhar que a hipocrisia e o farisaísmo untuoso dos britânicos tornaram-se proverbiais entre as nações com outro elenco de pensamento. Apesar dos ingleses se intrigarem com as acusações de outros povos, a emoção das suas boas intenções é um fenômeno perfeitamente genuíno. Nada mais se distancia de sua franqueza do que a forma como agem quando negociam com outros países. A América foi educada em grande parte pela tradição inglesa de levar vantagem em toda e qualquer negociação no continente. Porém, é possível perceber que cada nação tem seu interesse peculiar e seu modo de camuflar e justificar suas ações em seu próprio interesse.

A devoção dos franceses às ideias gerais e fórmulas impessoais é tão acentuada quanto às dos ingleses para retidão de motivação pessoal. Suas justificativas são congenialmente expressas nas ideias da razão, humanidade e civilização. A reação dos ingleses para essas noções abstratas no passado é a acusação da retórica da vaidade infantil e do brilho do amor. As acusações quanto às suas ações são recebidas de diferentes formas em ambos os países.

Em qualquer caso, os ingleses e os franceses se relacionam há muito tempo. Eles aprenderam formas de se defender e recriminar uns aos outros. É difícil imaginá-los de outra forma. Contudo, as justificativas alemãs até o início da guerra eram desconhecidas pelos ingleses. Até o período da unificação alemã na década de

## 60 Personagens e Eventos...

setenta<sup>4</sup>, ou melhor, até o período do desenvolvimento naval dos anos noventa, essas atividades se reuniram desde sua aquiescência até a sua aprovação. Em todo o caso, essas atividades são entendidas pelos ingleses como princípios familiares. Eles eram indiferentes ao fato de que seus princípios eram similares aos alemães. Também não eram familiarizados com os baluartes morais existentes na Alemanha desde as guerras napoleônicas. Esses princípios não foram levados a sério. Os ingleses especulavam inocentemente a existência de evidências metafísicas motivadoras dos alemães.

Daí o seu despreparo intelectual para a guerra e sua dificuldade de compreender o significado atribuído pelos alemães às suas próprias atividades. Eles não conheciam o pensamento alemão. Isso explica o rápido crescimento e a propagação do mito nietzschiano. Nietzsche tinha incitado que todas as referências às sanções e aos ideais morais eram um sinal e uma fonte de fraqueza. Bem, ali estava todo um povo que se tornara exemplo de uma doutrina: um povo que tinha plena consciência de ser desprezado em sua política internacional, o último vestígio da necessidade de qualquer base moral e objetiva; um povo que deliberadamente adotou a doutrina da força como a sua própria justificação.

O que seria uma pista sobre o que era o pensamento alemão transformou-se em seu maior entrave. Refiro-me ao idealismo professado na Alemanha que denominei em outro lugar de idealismo autoconsciente. Para a maioria dos ingleses uma amável filosofia introspectiva e sentimental era similar à inutilidade e fraqueza. Essa única abordagem compreensiva foi ignorada ou

---

4. Dewey faz referência ao século XIX. **Nota do Tradutor**

mal concebida. Ocorreu uma busca frenética por qualquer explicação. Entendi acompanhado de Treitschke<sup>5</sup> e Bernhardi<sup>6</sup>, nesse individualismo antiprussiano que se rebela contra qualquer filosofia de arregimentação e subordinação, a existência de postura similar a um deus da guerra das tribos de hunos. Treitschke foi despercebido ao dar uma explicação positivista para assuntos contemporâneos baseados na filosofia idealista do Estado e da história destilada por Hegel e Fichte. As alusões de Bernhardi foram em vão para analisar o imperativo categórico e a missão idealista da Alemanha.

Há dezenas de ilustrações sobre o hiato entre a concepção alemã sobre si própria e da leitura inglesa de seu temperamento mental e moral. Kultur, a palavra de ordem utilizada pela Alemanha na guerra é tão boa como qualquer outra. É facilmente compreensível que os ingleses, depois de entender como extrema fanfarronice o uso superior alemão do Kultur, adotarem Louvain, Rheims e o navio Lusitânia como emblemas de Kultur. Como vai a guerra foi o hit utilizado. Acreditaram que os eventos alemães apenas demonstraram o que queriam dizer a si mesmos: afirmação deliberada que poder é o único direito, bem como um pedido de absolvição do dever e da humanidade. Um exemplo dessa afirmação são as palavras de um influente jornal alemão respeitando o naufrágio do navio Lusitânia<sup>7</sup>:

---

5. Heinrich Von Treitschke. 1834 – 1896. Historiador. Membro do Partido Nacional Liberal na Alemanha. **Nota do Tradutor**

6. Friedrich Von Bernhardi. 1849 – 1930. Soldado alemão e escritor militar. **Nota do Tradutor**

7. O navio Lusitânia afundou em 7 de maio de 1915 após de ser atingido por um torpedo alemão lançado de um submarino próximo à

Baseamos nossas ações sobre as reivindicações de maior humanidade, algo que para nós é o fundamento de toda a vida nacional. O que parece desumano para com os norte-americanos tem um sentido humano para nós. O autorrespeito nacional exige que o Estado não deixe de lado seus deveres sagrados, mesmo que a sua realização parece envolver aspereza ou crueldade. Será que os americanos entendem essa concepção de humanidade?<sup>8</sup>

Não é fácil conceber o significado dessas palavras. Presumivelmente, um alemão dificilmente as utilizará para resguardar o estresse emocional da guerra. Para não nos esquecermos do que ouvimos sobre Nietzsche e outros, a compreensão do pensamento alemão tem como condição nos situarmos na atmosfera dessas palavras. Para o Kultur, a guerra é uma necessidade sagrada para a preservação de toda a humanidade. O ideal é a organização sistemática de todas as forças naturais e sociais por meio da devoção à ciência e ao trabalho honesto e paciente em nome da vitória do ideal de uma organização sobre o individualismo caótico; da ciência sobre o cego; do trabalho exaustivo sobre exibição su-

---

Costa Sul da Irlanda. Este evento foi responsável pela entrada dos Estados Unidos na Primeira Grande Guerra Mundial. Para os ingleses, a morte de crianças e adultos serviu para difundir o pensamento antialemão na guerra. Para os alemães, o navio, além de civis, tinha como carga, armamentos e munições que seriam usados contra a Alemanha na guerra. **Nota do Tradutor**

8. Dewey não aponta no texto o nome do jornal alemão em questão.

**Nota do Tradutor**

perficial. Deixar de empregar qualquer tipo de força em todos os sentidos seria trair o ideal alemão e, conseqüentemente, a humanidade. Essa preguiça espiritual ficaria para as outras nações.

Aqueles que mantêm suficiente imparcialidade para reconhecer uma organização eficiente e a aplicação detalhada e paciente da ciência e do trabalho como traços da vida alemã, não veem que a guerra atual é travada em defesa dessas qualidades admiráveis contra a ganância, inveja e desejo de vingança. Para compreender o pensamento alemão em si e sobre si nessa guerra em particular, temos de elaborar uma séria concepção dos alemães que supere a ironia e as caricaturas. Da mesma forma como os franceses se concebem como guardiões da racionalidade e da civilização e os ingleses da virtude, os alemães acreditam em seu superior idealismo e universalidade do seu olhar. Isso é algo que não se deu ao acaso. Sua *Welt-Anschauung*<sup>9</sup> se deu em meio a toda uma preparação científica, técnica e pessoal para defendê-la e ganhar reconhecimento, tal sua concepção sobre si mesmo.

### III

Os ingleses, repito, foram evidentes no despreparo em compreender o pensamento alemão. Os franceses, talvez por sua herança latina, eram mais instruídos sobre o assunto. A derrota de 1870<sup>10</sup> despertou o inte-

---

9. Visão de Mundo. Nota do Tradutor

10. Guerra Franco-Prussiana ocorrida entre 1870 e 1871.

resse de uma geração de franceses sobre o pensamento alemão. Sua lucidez, curiosidade e inigualável habilidade em *comptes rendu* frutificaram um conjunto de estudos escritos em francês (publicados principalmente a partir de 1890) sem qualquer comparação com os de língua inglesa. Nesta última língua existem excelentes histórias políticas, admiráveis estudos sobre governo, administração, coisas domésticas e vida cívica. Contudo, comparando com os livros franceses, é difícil encontrar publicações inglesas que versem sobre a Alemanha. Aqueles que quiserem saber sobre a psicologia nacional, o desenvolvimento das crenças em filosofia social e política, ideias religiosas e cultura alemã, terão que pesquisar nos livros franceses. Qualquer estrangeiro pode duvidar da preparação militar francesa, mas não de sua capacidade intelectual. As análises, além da clareza e objetividade, combinam uma sutil ironia e admiração das formas de ser alemãs.

O despreparo intelectual dos ingleses possibilitou a mitificação de Nietzsche. É estranho afirmar que esse despreparo cresceu pelo grande interesse tomado pela filosofia profissional alemã na geração pós 1870 marcada pela revolta contra o empirismo reinante na Grã-Bretanha de Locke em diante. Ao que tudo indica, durante a década dos anos noventa, o idealismo clássico alemão floresceu mais na Inglaterra do que na Alemanha. Livros admiráveis foram produzidos por Fichte, Hegel e Kant. Porém, a filosofia alemã não se interessou em estudar o característico comportamento alemão que estava a sua volta.

Em parte, isso foi apenas o resultado da forma lamentável como é escrita a história do pensamento filo-

sófico em geral. É habitual discutir sistemas de pensamento fora do seu contexto social; é habitual escrever sobre eles como se fossem semelhantes aos sistemas matemáticos, sendo a sua verdade ou falsidade absoluta a única questão importante. Este hábito, é claro, leva a exposições que podem ser acadêmicas e tecnicamente precisas, mesmo ignorando tudo o que é sintomático no pensamento nacional. É indiferente se o sistema surgiu e floresceu na Grécia, Turquia, na Lua ou em Marte. Porém, essa causa geral floresceu em virtude de uma necessidade especial de pensamento inglês. Para todas as aparências, a filosofia tradicional da Grã-Bretanha tinha mais do que serviu no seu tempo. Seu caráter empírico foi aliado com um estreito individualismo. No final do século XIX, esse estreito individualismo era uma fonte de perigo.

A filosofia alemã foi tomada como uma arma para atacar a antiga filosofia oficial da Inglaterra. É mais do que uma coincidência que o reinado do idealismo alemão na Grã-Bretanha coincidiu com a revolta contra o liberalismo econômico laissez-faire na política e com o crescimento do coletivismo. Nas questões religiosas coincidiu com os limites crescentes do protestantismo dogmático combinado com o desejo de preservar o conteúdo moral e emocional de uma fé que já não era mais literalmente aceita. Nas análises sobre a religião, o liberalismo comprovou seu requinte e o idealismo alemão a substância. Consequentemente, os ingleses não estavam preocupados com o que significava idealismo alemão na própria Alemanha, mas com o que poderia fazer na Grã-Bretanha. Tudo o que não contribuiu para esse fim

foi ignorado ou então tratado como um mero defeito técnico sem importância e seriedade.

Em termos logísticos<sup>11</sup> a filosofia alemã foi entendida de forma inocente. Ela forneceu os princípios “orgânicos” construtivos para as análises e superação dos vícios manifestos do particularismo histórico Inglês. O “imperativo categórico” apareceu em um halo de glória, devido a seu contraste com a teoria mecânica da perda dos lucros. A concepção hegeliana do Estado foi transfigurada em seu contraste, ou seja, com uma concepção de política de governo. A noção alemã da história como uma evolução imanente de uma ideia absoluta brilhou em contraste com a ausência de um sentido de valor moral e continuidade, algo que John Stuart Mill entendeu como a fraqueza de seus próprios antepassados espirituais.

Existia uma atmosfera menos propícia para a apreciação do idealismo alemão como um instrumento de apologética nacional. Uma atitude crítica em relação ao pensamento alemão enfraqueceria o seu valor na luta contra a Inglaterra. O caminho seguido foi óbvio. O pensamento alemão foi abstraído do seu próprio ambiente social, concebido como se fosse um produto indígena adaptado às necessidades especiais da Inglaterra contemporânea. Era um bálsamo para as feridas sociais; um remédio para os males religiosos; uma ferramenta de reconstrução educacional e política. Nenhum ponto de vista seria mais desfavorável para compreender o idealismo absolutista existente à priori na Alemanha do que sua própria filosofia da história. Perdeu-se de vista a continuidade da mentalidade alemã de 1914 formada

---

11. No texto original Dewey utiliza a palavra alemã “eulogistically”.

desde a luta pela existência nacional em 1814. Os pensadores que seriam os únicos em condições de interpretar o pensamento alemão na Inglaterra foram tomados de surpresa. Era impossível que uma filosofia tão obviamente desejável e necessária para a Inglaterra aparecesse como uma arma de infração visando a paz na Europa e o bem-estar na Inglaterra. Uma revolução espiritual simbolizada pela concepção de poder nietzschiana ultrapassou a filosofia idealista da Alemanha. Mr. J. H. Muirhead<sup>12</sup>, um dos discípulos ingleses do idealismo clássico da Alemanha, não economizou recursos em demonstrar esta filosofia como “uma grande apostasia”.

## IV

Especulo porque a Inglaterra dada a sua conjuntura social e política não encontrou alternativas entre perseverar numa filosofia nativa ou abandoná-la pela sua própria origem estrangeira. O modismo do idealismo não influenciou o pensamento da maioria dos ingleses. Desde o eclipse de John Stuart Mill, a Inglaterra não teve nenhuma filosofia nativa. Apesar de ser interessante essa especulação é outra questão descobrir a sua relação com a dificuldade inglesa (e dos americanos que seguem a pista dos ingleses) em compreender o pensamento alemão. Em contraste com a ficção de uma ruptura completa entre o velho e o atual pensamento, o professor Francke é lúcido em seu artigo publicado na

---

12. John Henry Muirhead (1855 – 1940). Filósofo Britânico. O primeiro filósofo nomeado para a cadeira de Filosofia na Universidade de Birmingham em 1900. **Nota do Tradutor**

revista *Atlantic Monthly* de outubro quando demonstra a centralidade do pensamento de Fichte e Hegel, em detrimento de Nietzsche. Em uma análise crítica demonstra a continuidade presente do pensamento imperial alemão e em sua dimensão cosmopolita o apelo a Kant, Schiller e Goethe na Alemanha<sup>13</sup>.

Continuidade, observação, ausência de identidade, etc. A continuidade pode ser compreendida a partir de uma ou outra extremidade. Podemos empregar a fase anterior de interpretar a tarde e mais tarde ainda apreciar e compreender a anterior. A continuidade parece a alguns a condenação da filosofia clássica; para outros, a justificativa do presente pensamento alemão. Conferindo nossas ideias, um terreno mais seguro é quando buscamos a consciência moral alemã e perguntamos quais mudanças ocorreram no século entre Jena e Liege.

Eu não encontrei nada para subtrair a partir das fórmulas de Professor Francke. A submissão incondicional ao dever, a busca da salvação através do incessante esforço da vontade e a missão moral da cultura estética constitui o pensamento alemão. Podemos adicionar a essas afirmações a noção de que não existem conflitos entre as ideias citadas e o emprego de um historicismo de expressiva locução bárbara. Não faz diferença no presente a conexão ao pensamento de Herder, Lessing, Fichte (em seu período tardio) ou Hegel. Entendo como historicismo a noção de um ideal, uma missão e o desti-

---

13. Kuno Francke. (1855 – 1930). Historiador e Educador. Foi professor na Universidade de Harvard. O artigo referido por Dewey é Francke. K. *The Kaiser and His People*. In *The Atlantic Monthly*, New York, October, 1914. P.566-570. Nota do Tradutor

no na vida de um povo (pelo menos do povo alemão) aos quais todos os eventos humanos se justificam e são entendidos ou condenados.

Essa concepção, no entanto, não complementa os outros fatores, pois apenas expressa a forma em que são entendidos. Durante o século XIX as ideias ganharam um novo significado ao serem transferidas dos indivíduos para o Estado como um indivíduo em si. A transferência é óbvia no caso da ideia kantiana do dever. Kant demonstrou o dever como um elo entre o indivíduo e a humanidade, expressando o que é verdadeiramente humano e universal no homem. Mas, a “humanidade” ainda não estava organizada. Não há instituições sociais em que a humanidade, distinta da cidadania local ou nacional, é encarnada. Ela expressa um mero ideal racional; algo que não se realiza, embora devesse ser. Consequentemente, o próprio Kant proclamou que o dever seria uma noção vazia enquanto os homens agissem apenas em sua virtude. Ele tem que ser preenchido por um objeto específico motivado pela circunstância empírica.

Apesar de essa afirmação soar como uma mera questão teórica de cunho filosófico descobriu-se o contrário. Kant pensou no dever como um comando, um imperativo. A essência da moralidade é a obediência. Evidenciou suas nobres aspirações ao relacionar como obediência uma lei abstrata da razão representante de um ideal realizado pela humanidade. Contudo, os seres humanos dificilmente se guiam por essas remotas abstrações. A identificação da essência da moralidade com a obediência às Leis se presta a uma aquiescência implícita em quaisquer leis que incidem sobre o individual.

## 70 Personagens e Eventos...

No pensamento da era moderna, herdado do medieval, persistem as noções de moralidade centradas em comandos soberanos. Tão tarde quanto o século XVII, na Inglaterra, a legitimidade à autoridade constituída foi questão central na teoria política e moral. No século XVIII, o pensamento na Inglaterra e França se afastou da noção medieval de obediência centrado na moral. Kant foi um meio para estabelecer essa ideia sobre o pensamento alemão. Isso deu um tom singularmente elevado e permitiu que sobrevivesse contra as forças que prejudicavam a identificação de moralidade com a obediência ao comando da autoridade.

A fusão da ideia de obrigação moral com a obediência política foi favorecida pela exaltação germânica do Estado. Quando a autoridade que exige obediência aquiescente é pensada como “a manifestação do divino na Terra”; quando, como nas palavras de Professor Francke, o Estado é visto como “um organismo que une em si todas as aspirações espirituais e morais, o dever moral é identificado como subserviência política”. O ideal de uma nação coletiva que contém um propósito divino no seu desenvolvimento histórico baseou-se na ideia kantiana do dever. Ela substituiu o esforço do indivíduo isolado, realizando na sua esfera o ideal de uma lei tão ampla quanto à própria humanidade. Um ideal cosmopolita evoluiu com a exploração agrícola em uma Alemanha dividida, frágil e feudal. Na Alemanha unificada, imperialista, industrial e próspera transformou-se em uma realidade nacional. Acredito que o professor Francke tem razão em afirmar que na exaltação germânica do Estado como uma entidade ética suprema, a linha de regeneração moral atingiu o seu clímax em Kant.

Mas, também há oportunidades para a degeneração quando a obrigação moral é encontrada em subserviência e subordinação política.

Em todo o caso, o fato de que o pensamento alemão ainda entretém um tipo de concepção moral que quase se evaporou nas culturas de outras nacionalidades modernas, lança possibilidades sobre as dificuldades que o restante do planeta tem em compreender a língua em que os intelectuais alemães formulam as suas ideias e justificam as suas práticas políticas. Os alemães dizem que os americanos não simpatizam com a sua causa devido ao fato de obter suas informações em fontes britânicas que não os compreendem. Pois bem, não é o assunto da nossa fonte de informação, mas a fonte de nossas ideias. E não é uma questão do ano passado ou nos últimos vinte anos. Por mais de 200 anos fomos educados por concepções políticas inglesas estranhas ao pensamento alemão; por mais de cem anos, as nossas ideias foram alimentadas por uma filosofia social ainda mais dispare manifesta na luta francesa pela liberdade. Não temos como disfarçar o fato de que nossa concepção americana de liberdade é incompatível com a ideia de dever que se desenvolveu na Alemanha. Eu não faço nenhuma tentativa de decidir o que é certo. Digo apenas que são tão incompatíveis e que as mentes nutridas em um ideal não podem facilmente compreender uma forma de pensamento nutrido por outro.

## V

O segundo elemento da tradição contínua da Alemanha é entendido pelo ideal do incansável esforço incessante. O evangelho da vida árdua e do valor da vontade para seu próprio bem às vezes foi pensado para ser peculiarmente americano. Penso que o professor Francke está certo em acreditar que seja distintamente alemão. Um americano deve ter um fim para clamar e centrar as suas atividades. Os resultados são necessários para justificar uma atividade, caso contrário, seu esforço e energia incansáveis tornam-se neurastênicos. Temo que o fim ou a qualidade dos resultados não sejam especiais. Tudo o que fizemos desde ganhar um jogo de bola até construir a maior empresa de negócios do mundo implica em algum esforço. Caso contrário, o culto à vontade nunca se apoderaria de nós. Consequentemente, quando encontramos o exemplo do Imperador William citado como uma “evidência notável deste espírito de luta como exemplo de um impulso universal e apaixonado de realização, reagimos de forma cínica, em vez de admirar”. Dizemos a nós mesmos que é apenas um exemplo que esperamos encontrar. Temos dificuldade em entendê-lo como diferente de um amor semipatológico no centro das atenções. Não compreendemos como e porque estamos errados. Está enraizado em nós que deve haver algum fim que justifique qualquer esforço. Quando uma energia é exercida em um esforço con-

tínuo e incessante reagimos no que talvez seja a nossa gíria nacional mais característica: dá-nos um descanso.

Por outro lado, para os alemães a incapacidade é mais uma prova do utilitarismo originário de nossa cultura filisteia. Os alemães reconhecem que essa ideia de luta universal como um fim em si mesmo é filha do Romantismo. A similaridade das palavras muitas vezes é um bar para a compreensão mútua. Os alemães dizem “Wille”; nós dizemos “Vamos”. Daí a fácil suposição de uma comunidade de significados. As nossas palavras são afetadas (ou infectadas) pelo espírito de uma moral puritana na luta pela liberdade política e recursos econômicos. A palavra sugere resolução pessoal e resistência em face de probabilidades desagradáveis. A palavra Wille sugere uma energia impessoal absoluta esforçando-se em se manifestar através dos canais pessoais. Ela é afetada pelo movimento romântico. Sua concepção é calculada para dar um toque de entusiasmo aos atos de outras formas prosaicas; colore com universalidade emocional (ou misticismo) os trabalhos específicos que serão realizados. Ela é admiravelmente calculada para servir como um dispositivo de proteção moral. As atividades em que são “todos, demasiadamente humanos” e têm um objetivo prático definitivo de obter vantagem no futuro perdem toda mancha de egoísmo e adquirem um caráter sagrado quando são concebidos como manifestações universais. Para um idealista devotado ao evangelho do esforço incessante é diferente quando concebida como necessária consequência. Porém, quando são vistos como a conquista da vontade espiritual sobre a matéria, a doutrina presta-se, seguramente, a confusão intelectual e ao autoengano.

Esta concepção também foi influenciada pela ideia nacionalista concebida pelo Estado alemão da encarnação peculiar de uma força espiritual desenvolvida pela história. O romantismo antigo, pelo menos, limitou-se a personalidades superiores lutando por grandes realizações culturais em suas próprias esferas privadas. Transferir o habitat da energia espiritual das contendas privadas voltadas ao enriquecimento pessoal para o Estado implicou em redefinir e expandir as suas próprias competências, uma apologia presente na guerra atual. Eu não tenho nenhuma dúvida de que existem alguns estadistas alemães que sabem exatamente o que está em jogo em termos de ganhos concretos na guerra atual. Mas, para os “intelectuais” da Alemanha, vide o lançamento dos manifestos centrados em objetos absolutamente românticos: a expansão do Kultur, a disseminação de formas distintamente alemães de pensar e sentir, em suma, a guerra é uma parte do esforço incessante para a realização do Wille consagrado no povo alemão. Não é de admirar que os governantes alemães frequentemente falem com desprezo da capacidade política dos assuntos alemães. Mas deve-se questionar se houve um desvio de análise da capacidade política para os canais do Romantismo.

## VI

O renascimento extraordinário do interesse na Idade Média associado ao Romantismo é um fato familiar. Para isso devemos a nossa moderna valorização da

vida real. Pode-se perguntar, no entanto, se lidamos com um reavivamento ou uma reversão. O carinho do espírito romântico para a Idade Média parece ser uma expressão de sua própria qualidade medieval. Eu não sou ambicioso para caracterizar o espírito do romantismo que se mostrou na Alemanha. Certamente, uma característica marcante é a exuberância da imaginação impura e a orgia introspectiva em seu acompanhamento emocional. Como em grande parte a filosofia alemã procura refúgio no mundo interior da consciência fez dos traços desta vida interior uma medida da realidade! Do ponto de vista de alguém que não é um especialista em Romantismo isto significa apenas uma coisa. O espírito romântico deliberadamente evitou os testes e escolhas de emoções e ideias; ele se recusou a submetê-las a avaliação por testes duros e sóbrios de fato. Ele evitou a ação do teste de tentativa de execução. Para aqueles que acreditam que a consciência é um motim de imaginação selvagem até os seres humanos agirem sobre ela e trazê-la para a realidade, o romantismo pode significar imaginação única e indisciplinada, a imaturidade de espírito.

Parece ingênuo dizer que os alemães, com sua devoção à ciência e seus hábitos de subordinação à autoridade, trouxeram ao mundo moderno da política as fantasias e sentimentos do medievalismo impuros e não experimentados. Porém, afirmo apenas o que os próprios alemães nos dizem quando combinam a disciplina suprema no mundo exterior com a ação da suprema liberdade no mundo interior de pensamento. Eles entendem que tanto o povo alemão como os demais indivíduos não têm sentido político, visto a capacidade políti-

ca das nações se autogovernarem em nossos dias. Para isso, está em vigor a admissão de imaturidade do pensamento no que diz respeito às preocupações supremas da ação humana. Vivemos em um período de desilusão política. A árvore da liberdade política regada com sangue e lágrimas trouxe muitos frutos amargos. Em nossas decepções negligenciamos o que a luta pelo autogoverno tem feito com aqueles que dele participam. Pelo menos castiga a imaginação desenfreada do homem que ao desenvolver o senso de realidade conseguiu certa maturidade de espírito como resultado.

Agora, quando não só os Bernhardis, mas os Bismarcks e os Von Billows dizem-nos que os alemães são marcados pela ausência de sentido político e capacidade, desprovidos de dom de autogoverno e suas realizações só ocorrem quando são dirigidos por uma autoridade distante deles. Será que entendem que os alemães, com todas as suas realizações, perderam uma grande experiência em que as mentes nacionais da Grã-Bretanha, França e Estados Unidos foram educadas e amadureceram? Com todos os nossos defeitos, a experiência de uma “Alemanha Socializada” pode compensar outra experiência adquirida pelos homens na luta pela liberdade e responsabilidade em suas ações morais e sociais? Repito. Comparado com essa liberdade, a liberdade irresponsável de consciência interior parece uma extensão para um mundo moderno com uma mentalidade indisciplinada da Idade Média.

John Dewey 77

# **Impressões sobre o Japão**



## ○ Liberalismo no Japão

I<sup>14</sup>

**M**eus colegas de viagem japoneses frequentemente falam sobre a existência de uma democracia no Pacífico. Um homem culto e animado que até então usava roupas largas e informais apareceu um dia no navio com um uniforme de general com fileiras de medalhas. Era um dos heróis na guerra Russo-Japonesa. Quando conversávamos durante o caminho de volta para França, confidenciou-me como a democracia influenciou a situação no Japão e no mundo. Um ardente estudante disse-me que um educador americano afirmara que as futuras relações entre os Estados Unidos e o Japão só estariam seguras se ambos seguissem os mesmos princípios democráticos e por sua conta acrescentou, “Sim, os mesmos princípios. Já tivemos uma suficiente troca de elogios e lindas palavras. Precisamos adotar os princípios americanos de democracia”. Assim, confessou sua intenção de se tornar um apóstolo desses princípios. Um dia após o desembarque, outro estudante confessou que há um ano a simples pronúncia da palavra democracia era motivo de prisão. Contudo, agora todos falam sobre isso. Um educador americano afirmou que houve maior alteração no espírito japonês

---

14F. rom The Dial, Oct. 4, 1919. 1

## 80 Personagens e Eventos...

nos últimos seis meses do que em todos os quinze anos que residiu no país.

As opiniões dos japoneses são instáveis e facilmente influenciáveis pela superficialidade das modas intelectuais do seu tempo. Com efeito, no reino dos que flertavam nos últimos anos com diferentes concepções filosóficas, Euken substituiu Nietzsche, estes por James e este último por Bergson. A Alemanha não sofreu apenas uma derrota inglória, mas desmoronou em uma revolução interna. A América utilizara suas lindas palavras para justificar suas ações. As autocracias estavam fora de moda. Foi uma mudança, nada mais do que isso.

Não é fácil saber como se tornaram familiarizados com as novas correntes de pensamento, especialmente em um lugar onde a língua é desconhecida e que cada intelectual, como especialista em uma parcela do conhecimento, não percebeu que as mudanças não foram repentinas tais quais aparentavam ser. Durante todos os anos que imperou o conservadorismo, não se imaginava que existiam pensadores e professores liberais no Japão.

A derrota da Alemanha não trouxe uma mudança súbita e superficial como tentaram demonstrar. Tornou-se possível, quase popular, reafirmar, sem repressão policial, o que os liberais diziam nas salas de aula e para a imprensa. As mudanças em curso possibilitavam que esse fato ocorresse. A diminuição do prestígio dos burocratas reacionários implicou no aumento da influência liberal, cujas ideias conquistavam homens que cada vez mais se dispunham a ouvi-las.

Aparentemente, a abrupta alteração estava em maior medida assentada sobre a superfície de um movimento de longa maturação manifesto em um estado

mais saudável de coisas. Mesmo antes do final da guerra existia a aposta em cenários distintos para o futuro do Japão. Por um lado, alguns corajosos entendiam que a guerra foi entre dois sistemas e que o Japão permaneceria em uma posição anômala, pois ao mesmo tempo em que se declarara inimigo da Alemanha era discípulo e seguidor dos métodos governamentais e educacionais alemães. Por outro lado, no decorrer da guerra contra a Alemanha, vozes influentes defenderam as instituições, pensamento e ideais alemães. Entendiam que o Japão era inimigo da Alemanha apenas em sentido militar e em determinados fins específicos. Eu estava entre aqueles compatriotas que estavam muito comovidos quando Baron Ishii<sup>15</sup> denunciou a propaganda alemã como responsável pelas desavenças entre os Estados Unidos e o Japão. Porém, fiquei maravilhado quando cheguei ao Japão e descobri como os funcionários japoneses realizaram uma propaganda ativa em nível intelectual, moral e político sobre a Alemanha durante a guerra. Aprendi que no exército os recrutas sistematicamente se reuniam e ensinavam a superioridade de instituições alemãs sobre as dos Aliados e a superioridade do militarismo alemão. No dia em que o armistício foi declarado uma importante figura intelectual foi convidada para uma conferência pública intitulada “Por que a Alemanha não pode ser derrotada”.

Não menciono esses fatos por motivo de ofensa. Eles ajudam a explicar a coragem dos liberais ao afirmarem quando a guerra ainda estava em curso que a Ale-

---

15. Viscount Ishii Kikujirō. (1866 – 1945). Diplomata e Ministro de Gabinete Japonês. Ministro dos Negócios Estrangeiros do Império do Japão entre 1915 e 1916. **Nota do Tradutor**

manha a perderia porque era autocrática e militarista. Demonstraram que a Alemanha determinou aos japoneses que eliminassem de seu governo os métodos administrativos alemães, bem como explicitaram a possibilidade do Japão ficar em desacordo com as outras nações. A derrota alemã na guerra propiciou o colapso de uma concepção de Estado até então invulnerável, proporcionando uma sensacional vitória dos liberais sobre os burocratas. Na prática, esse processo fortaleceu as ideias liberais e democráticas no país, algo que não seria possível sem que houvesse o embate durante a guerra dos partidários e opositores dos ideais alemães no Japão.

A onda do sentimento democrático no Japão aparentemente diminuiu nos meses de inverno e início da primavera. Apesar da rapidez dos japoneses em interpretar o que acontecia no mundo, tiraram lição do fracasso em Paris e das belas palavras ministradas pelo Presidente Wilson que levaram os Estados Unidos à guerra. Pode ser que a questão da discriminação racial foi levantada em Paris como uma cortina de fundo para ofuscar a questão do Shantung<sup>16</sup>, pois os diplomatas japoneses levantaram uma questão moral quando na realidade queriam obter avanços materiais. Mas não pode haver dúvida quanto à imensa popularidade do proble-

---

16. Dewey faz referência à Península de Shantung rica em minérios, ferrovias e o Porto de Tsingtao, até então controlada pela Alemanha. O Japão e a China disputavam o controle da região. A decisão dos aliados em favorecer o Japão ofendeu o governo Chinês. Em protesto contra a Conferência de Versalhes, um ano após o acerto, os chineses fundaram o Partido Comunista sob a liderança de Mao Tse-tung e Chou En-lai, conquistando o poder na China em 1949. **Nota do Tradutor**

ma no Japão. Essa questão interessava a políticos conscientes como o Marquês Okuma<sup>17</sup> não havendo dúvidas sobre o crescimento da sua popularidade nesses debates. Os jornais japoneses centraram suas discussões sobre este tema e ignoraram os outros problemas debatidos na Conferência de Paris.

A derrota da proposta de inserir o reconhecimento do princípio da igualdade das nações nos preâmbulos da Liga das Nações.<sup>18</sup> foi um golpe para o pensamento liberal.<sup>19</sup> Isso possibilitou a afirmação à qual eram hipócritas os debates democráticos de igualdade e humanidade dos Aliados durante a guerra. A proposta japonesa reduziu-se a uma declaração platônica, quase generosa. Ao mesmo tempo em que os opositores teriam boa vontade para acalmarem o seu sentimento de orgulho, acreditavam que essas afirmações não eram de boa fé, mas sim para outros fins. Sua rejeição era desumana e estúpida. Era necessário criar um ambiente de discus-

---

17. Okuma Shigenobu. (1838 – 1922). Foi o 17º Primeiro-Ministro Japonês. Em seu mandato o Japão declarou guerra à Alemanha na Primeira Grande Guerra Mundial. Em 1915, Okuma e Takaaki Kato escreveu a vinte e uma exigências para a China. **Nota do Tradutor**

18. Pacto da Sociedade das Nações aprovado na Conferência de Versalhes em janeiro de 1919. Os países que compuseram a Liga foram: Estados Unidos da América, Bélgica, Bolívia, Brasil, Império Britânico, Canadá, Austrália, África do Sul, Nova Zelândia, Índia, China, Cuba, Equador, França, Grécia, Guatemala, Haiti, Hedjaz, Honduras, Itália, Japão, Libéria, Nicarágua, Panamá, Peru, Polônia, Portugal, Romênia, Estado Sérvio – Croata – Esloveno, Sião, Tcheco. Eslováquia, Uruguai. Os países convidados a aderir ao Pacto foram Argentina, Chile, Colômbia, Dinamarca, Espanha, Noruega, Paraguai, Holanda, Pérsia, Salvador, Suécia, Suíça, Venezuela.

19. O que estava em questão era a discussão sobre os imigrantes não poderem ser discriminados em virtude da nacionalidade, raça, etnia, etc.

são sobre a imigração como uma questão econômica e política isenta de envolvimento com qualquer preconceito racial. Como essas questões ainda estavam interligadas e a defesa da imigração permanecia restringida por motivos econômicos (e também políticos até o Japão mudar radicalmente a sua forma de governo) todo esse debate foi dificultado pela ausência de consciência política que impediu o Japão discutir a questão da discriminação racial. Os desdobramentos da Conferência no presente municiaram uma vantagem tática para os japoneses conservadores amortecendo o ardor das ideias democráticas.

A questão chinesa também contribuiu para o revés temporário da democracia no Japão. A questão do “patriotismo” é mais aguda no Japão do que em qualquer outro país do mundo e a imprensa japonesa é mais imprudente e temerária do qualquer outra. Soma-se a essa afirmação a imatura consciência política no país. Por conseguinte, os debates críticos e inteligentes sobre as relações externas em diferentes países eram extremamente difíceis no Japão.

Um dos mais capacitados intelectuais liberais do Japão afirmou que a despeito de suas crenças democráticas temia o momento em que a diplomacia japonesa sofresse maior influência popular. De fato, um dos intelectuais liberais mais competentes no Japão a despeito de suas crenças democráticas afirmou temer o período em que a diplomacia japonesa influenciada pelos protestos populares por uma política externa mais agressiva motivada pela brandura dos termos de paz assinados com a Rússia, se tornasse esclarecida, cosmopolita e simpática às ideias ocidentais.

De qualquer forma, foi fácil demonstrar ao povo japonês que havia uma conspiração dos países democráticos, especialmente dos Estados Unidos, para frustrar o objetivo nacional do Japão na Ásia. Os militaristas japoneses aproveitaram esse evento para caracterizar os liberais como traidores do país voltados a enfraquecer e destruir todos os interesses nacionais. Não foi no Japão que originou o lema “Nosso país, certo ou errado” ou a psicologia de que é certo que o nosso país tem sempre razão. Consequentemente, os liberais japoneses que desejam dizer a verdade sobre a China temem prejudicar a causa liberal, pois são identificados como uma causa antipatriótica e antimilitar.

Se a situação pode se desenvolver de uma maneira razoável e normal não há dúvida quanto ao local onde ocorrerá o triunfo. Foi o imperialismo europeu que ensinou ao Japão que a única maneira de obter respeito era fortalecer sua força militar e naval. Não foi a sua arte, a cortesia requintada ou a sua ansiosa curiosidade que deu ao Japão o posto de um dos Big Five em Paris. Nenhuma dessas questões possibilitou a vitória dos diplomatas japoneses na França. Enquanto o mundo colocar menos confiança na força militar e tratar a justiça internacional como uma relação de poder, será incerto o progresso da democracia japonesa, pois ainda permanecem no Japão, mais do que qualquer outro país, a força dos centros de reacionarismo políticos no exército e a predominância das ideias racistas.

Existem duas grandes forças que atuam em prol das ideias e instituições liberais no país: uma é intelectual e a outra econômica. O Japão tenta sob a liderança de seus governantes atuais uma experiência impossível.

Ele reconhece o seu desenvolvimento como dependente do Ocidente em termos materiais, técnicos e científicos e congratula-se com a introdução de ideias e métodos ocidentais que dizem respeito a essas coisas. Ao mesmo tempo, preserva intacta a sua peculiar herança política e moral, reivindicando superioridade sobre qualquer coisa que o Ocidente pode lhes oferecer. Visa ser uma nação única e escolhida quanto as suas origens e destino. Com tenacidade e extraordinária resistência conservou até mesmo sua moral bárbara, feudal e política de guerra, emprestando por atacado toda a tecnologia científica e industrial do mundo.

Contudo, nenhuma nação consegue viver uma vida dupla; o Japão mostra por toda parte a tensão desse desdobramento. Mesmo com todo o seu poder de resistência os japoneses não podem indefinidamente impedir a entrada de ideias e objetivos genuinamente ocidentais. Elas expulsam gradativamente as ideias tradicionais mesmo possuindo o sistema mais reacionário do ensino primário que o mundo já conheceu. Os primeiros frutos são a liberação das ideias liberais que acompanharam a derrota da Alemanha. Como um dos líderes intelectuais do novo Japão colocou, a mudança que ocorreu no país no ano passado não é descritível com palavras; é intelectual, moral e até mesmo metafísica.

II<sub>20</sub>

Eu me aventuro em utilizar a palavra “metafísica” para descrever a mudança intelectual que promove o crescimento das instituições liberais no Japão. Imagino o desprezo com que alguns concebem a ideia de que esse processo proporciona mudanças políticas. As pessoas têm medo de ideias diferentes daquelas que concebem. Os mexicanos que deram ao mundo a melhor demonstração moderna do poder das ideias e da liderança intelectual são os que mais negam a sua eficácia. Os defensores mais ferrenhos da impotência das forças intelectuais e morais admitem que sem disposição para certas mudanças de mentalidade não é possível transformar a sociedade. É uma sorte para as perspectivas do liberalismo no Japão que as transformações intelectuais já tratadas são reforçadas por ativas e agressivas mudanças econômicas. A guerra apressou a transição industrial no Japão. Apesar de aumentos extraordinários nos anos anteriores, só em 1918, o número de fábricas em Tóquio dobrou. Nos últimos cinco anos o Japão transformou-se de uma economia agrária para um Estado industrial. Mesmo com o crescimento dos salários dos trabalhadores rurais, não há escassez de trabalho agrícola

---

20. From *The Dial*, Oct 18, 1919.

no Japão. As fábricas urbanas absorveram o trabalho a um ritmo tal que, por enquanto, pelo menos, não se sustenta o velho argumento da expansão territorial limitar o crescimento da população. Contudo, o acelerado desenvolvimento econômico trouxe ao Japão problemas trabalhistas que não estava preparado para lidar.

O mais remoto observador supõe que um novo país que passa por uma revolução industrial tardia aprenderá com os países que tiveram a mesma experiência. Por que esperar todos os males referentes às longas horas do trabalho infantil e feminino, fábricas insalubres, problemas habitacionais e assim por diante, se a experiência demonstra que a saída está na adoção de uma política, legislação e administração *laissez-faire*? Especialmente, esperando que um governo paternalista como o japonês fizesse algo influenciado pelo modelo alemão. Porém, nenhuma previsão se manifestou. Apesar da criação de algumas leis fabris influenciadas pelos padrões ocidentais, a sua execução adiou-se por até doze anos sobre o fundamento de dar capital uma chance de ajustar-se. Por uma questão de fato, o Japão industrial foi influenciado pela ganância por lucros imediatos independentemente de resultados finais.

Esse individualismo reforçou aquilo que parece ser a força mais prejudicial no trabalho no Japão, ou seja, a impaciência em se tornar de vez uma grande potência. Os japoneses sabem muito bem que uma grande potência moderna exige riqueza e desenvolvimento industrial. Conseqüentemente, “assinam um grande cheque especial de tinta vermelha para o seu futuro.” Seus estadistas regulam e encorajam os interesses da nação, acreditando que coincidem com os desejos dos indiví-

duos. A resposta mais esclarecedora que recebi dos visitantes estrangeiros sobre as diferenças partidárias no Japão foi que o partido que estava no poder era o partido Mitsui, enquanto o seu rival era o partido Mitsubishi. O Japão tem “seis grandes” corporações compostas pelos setores bancário, transporte, mineração, manufatura e exploração continental em suas várias atividades. Destas, os Mitsuis e os Mitsubishis são os mais ricos e poderosos e os outros são agrupados em torno deles. Os interesses das grandes empresas são tecidos na administração do Estado por meio de relações diretas e indiretas. Na verdade, eles de um lado e os clãs militares e navais no outro constituem o próprio Estado.

Entendi como funciona a política no Japão quando descobri que os grandes interesses empresariais não interferem nas eleições parlamentares. Eles negociam diretamente com quem comanda a política japonesa independente de quem sejam os candidatos eleitos. A história da aliança dos grandes negócios e política no Japão exige um livro e não apenas um parágrafo. Por isso, não há muitos exemplos citando fatos ilustrativos isolados. Porém, certos itens em seu sistema de tributação são típicos exemplos. Um indivíduo paga sete por cento de imposto de renda quando o seu rendimento atinge setecentos e cinquenta dólares. As empresas pagam os mesmos sete e meio por cento com uma renda de meio milhão. Nada exemplifica melhor onde reside o controle no Japão. A justificativa é que o indivíduo pouco pode fazer para tornar o Japão uma forte potência mundial. As grandes concentrações de capital por sua vez podem desenvolver o Japão através do investimento no comércio e indústria para participar da concorrência mundial.

Os jornais que dedicam colunas à crítica das ações do governo raramente discutem o significado de fatos como esses.

Os jornais japoneses na Liga das Nações afirmavam que enquanto o Japão representou a causa do trabalho, as nações ocidentais lideradas pela Grã-Bretanha e os Estados Unidos representavam o capitalismo. Contudo, não existe um Estado moderno no mundo em que o capitalismo é tão inquestionável como o Japão atual. Em defesa dos interesses do capital internacional, a Liga das Nações tem medo que o desenvolvimento econômico fuja do seu controle imperialista tal qual na Sibéria e na China.

Um cínico japonês me disse que a legislação fabril do Japão foi criada apenas para o benefício ocidental. Afirmava aos visitantes estrangeiros que o Japão não tinha leis trabalhistas. O governo criava alguns livros de estatutos e em seguida suspendia seus efeitos. Contudo, nos últimos cinco anos o efeito da ausência de regulamentação em conjunto com o rápido desenvolvimento da indústria e do comércio ocorreu da forma como o ocidente predizia. A crise do trabalho é aguda e absoluta. O governo Hara<sup>21</sup> atualmente no poder supostamente mais liberal apesar de suspender a proibição de organização dos trabalhadores não autorizou a formação de sindicatos. Isso gerou um vazio na organização sindical dos trabalhadores, pois seus sindicatos existem em uma zona de crepúsculo onde não são proibidos ou legalizados. Um visitante como eu não tem condições de saber quantos são. Um jovem japonês radical me disse que o

---

21. Hara Takashi (1856 – 1921). Primeiro-Ministro Japonês entre 1916 a 1921. **Nota do Tradutor**

Japão teve muitos sindicatos mesmo quando eram ilegais. Afirmou que houve sindicalização dos trabalhadores da agricultura e que a polícia não os reprimiu porque tinha se infectado com “ideias perigosas”, um termo técnico usado no Japão e em certos meios respeitáveis nos Estados Unidos.

Existe uma animada discussão no meio intelectual se o Japão em sua fase de desenvolvimento econômico vivenciará o estágio de antagonismo entre capital e trabalho similar ao ocidental. Há uma seção influente representante da velha oligarquia Confucianista que não acredita nessa suposição. Concebem que o velho princípio feudal do senhor e do homem e da proteção e dependência será transportado para a relação moderna de empregador e empregado. Eles preferem manter o paternalismo a ceder aos apelos para melhorar as relações trabalhistas com seus empregados. Existem inúmeras sociedades sob o controle de empregadores que adotaram seguros e planos de saúde promovendo o bem-estar dos trabalhadores e assim por diante. Para eles, isso é conhecido tecnicamente como o princípio da “bondade”.

Os liberais influenciados pelas ideias ocidentais alegam que esse princípio representa uma tardia relíquia feudal fadada ao fracasso. Sustentam que é moral e economicamente necessário afirmar aos trabalhadores que eles não se desenvolverão a menos que organizem e conquistem os seus direitos em vez de aceitar concessões dos patronais benevolentes. Isto é conhecido como o princípio de “direitos”.

Apesar das escolhas feudais no Japão foi o materialismo do Ocidente que possibilitou o desenvolvimento industrial assumir a forma de luta pelas liberdades e di-

reitos; que os padrões morais superiores do Oriente são capazes de aplicar o princípio da bondade e simpatia para o crescimento das relações industriais, fugindo dos desdobramentos da luta de classes que desonra a civilização ocidental. Os bolcheviques de todos os lugares veem utilidade nessa afirmação. Os defensores da “bondade” pelo menos por enquanto não são favorecidos. Os motins de arroz sinalizaram o início da formação de uma consciência de classe pelos trabalhadores. O alto custo de vida é ainda uma questão mais aguda no Japão do que em outros lugares. O país tem de importar uma parte considerável de alimentos, especialmente o arroz e o trigo. O futuro do Japão gira em torno desse fato, pois o arroz custa hoje doze vezes mais do que custou há trinta anos e três vezes mais do que o início da guerra. Entretanto, existem todas as consequências habituais de mudança no relativo isolamento da vida rural em seus contatos com as cidades e fábricas. Por todos os lados há relatos do crescimento dos conflitos entre supervisores e trabalhadores nas lojas e fábricas e ocorre uma perfeita epidemia de greves. O aumento dos salários não conteve a elevação do custo de vida; as evidências do surgimento de “novos milionários” com os lucros da guerra são abundantes no país. O Japão de repente mergulhou sem qualquer preparação administrativa ou intelectual em um agudo problema trabalhista. O socialismo é proibido; um partido socialista é entendido como uma conspiração criminosa e é tratado como tal. Contudo, todos os relatórios sobre esse tema apontam que o socialismo cresce com notável rapidez.

Em uma das universidades privadas do Japão, um professor de “Economia Política Avançada” pediu

para que os alunos de sua classe votassem se haveria maior possibilidade de expansão comercial no âmbito dos movimentos trabalhistas ou no socialismo. A votação foi de cem para o último tópico, a três para o primeiro. Considerando a avidez dos japoneses para tópicos práticos e o zelo pela expansão comercial é seguro dizer que antes da guerra os números seriam invertidos.

A nova geração de estudantes é influenciada por ideias radicais. Apesar de a Universidade Imperial Japonesa ser uma casa do conservadorismo intelectual, parcela dos seus alunos publica um jornal denominado “Democracia”. Alguns de seus professores são os membros mais ativos de uma sociedade chamada “The Dawn” que divulga abertamente as ideias democráticas por meio de conferências públicas. Revistas com títulos como “Reconstrução”<sup>22</sup> e “A nova sociedade”<sup>23</sup> nascem quase todos os meses. Durante o governo anterior, quando a supervisão policial era mais rígida do que agora, um juiz foi condenado por lesa-majestade, porque disse que os militares burocráticos se colocavam entre o povo e o Imperador, manchando a glória do último. A sugestão de que o Imperador poderia ser manchado foi o suficiente para mandá-lo para a cadeia. Porém, sua posição e influência cresceram pelo episódio. Uma série de casos é citada. Houve muitas prisões por posse e circulação da literatura “revolucionária”. Há ainda aqueles que profetizam uma revolução política numa base econômica no Japão dentro dos próximos cinco anos. Mas eles parecem-me demasiados otimistas.

---

22. Aspas. Edição brasileira.

23. Idem ao anterior.

A situação da classe média é ainda mais grave do que a trabalhista. Até agora a revolução industrial no Japão não é fiel à sua forma. Ela não consiste na criação de uma nova burguesia, mas em minar a burguesia que já existia. Ocorre no país o aprofundamento de uma divisão marxista entre o proletariado e os milionários. Trafegam inúmeros automóveis nas ruas de Tóquio sendo em sua ampla maioria Rolls-royce e Arrow Fierce. Os automóveis da marca Ford não existem.<sup>24</sup> Tende a aumentar o declínio da propriedade camponesa nos distritos. O tamanho médio da terra é cerca de três acres; isso dificilmente suporta uma família. Uma vez que não existe arroz para vender, seu alto preço não ajuda o pequeno agricultor. Conseqüentemente, a concentração de terras e outras formas de acúmulo de capital crescem no país.

O Japão teve durante algum tempo um proletariado educado, caracteristicamente apelidado pelos europeus de “roupas pobres”. Os policiais, funcionários e professores do ensino médio até então defensores ferrenhos da burocracia e do militarismo mudaram de posição. A recente experiência da amargura de pertencer a uma classe assalariada em um período em que o crescimento dos salários não acompanha a elevação do custo de vida criou uma série de protestos. A polícia protestou e o Governo atendeu algumas de suas reivindicações; sua posição estratégica fortaleceu essa conquista. Os professores do ensino primário foram convocados para participar de reuniões em Tóquio e Yokohama; o gover-

---

24. Dewey referencia a marca Ford dando ênfase à produção fordista voltada à massificação dos automóveis aos trabalhadores nos Estados Unidos.

no usou da polícia para romper e depois proibir as reuniões. Um jornal ironizou a situação questionando o efeito sobre os alunos ao verificarem que os professores na escola ensinavam ética convencional, enquanto fora da escola eram contrários à ética que ensinaram. Em outras palavras, o que é denominada “ética” nas escolas primárias é a submissão à autoridade. Os professores eram acusados pela imprensa de se contraporem às autoridades nas manifestações para forçar as autoridades a dar-lhes um salário-mínimo.

Existem sinais exteriores que fundamentam os observadores a acompanhar o progresso da democracia no Japão. O primeiro e em muitos aspectos o mais superficial será a extensão do sufrágio universal. O último Parlamento aprovou uma lei sobre a duplicação do eleitorado. Foi uma medida de compromisso que não deu nenhuma satisfação aos conservadores e radicais. A não ser que as relações exteriores monopolizem a atenção, a luta será renovada no próximo Parlamento. O segundo sinal mais significativo é que haverá um conflito entre a casa inferior e superior ocasionado pela extensão do sufrágio ou alguma questão semelhante. Para a Câmara dos Pares foi deliberadamente inventado para dar a Velha Oligarquia e o Novo Poder plutocracia para evitar extravagâncias da parte da casa mais baixa. Um sinal ainda mais grave será o esforço para que os ministros da Guerra e Marinha, membros reais do Gabinete de Governo, sejam nomeações do Exército e da Marinha com jurisdição independente.

Os limites da independência nos dias de encerramento do último parlamento são mais embaraçosos em outros países do que no Japão. Era necessário obter a

aprovação do orçamento de despesas dos vários departamentos governamentais. O Departamento de Guerra pediu salários extras para cento e cinquenta mil soldados que estiveram em serviço na Sibéria. No entanto, o Ministério das Relações Exteriores entendeu que esteve em serviço na Sibéria entre sete e dez mil homens, um número proporcional aos enviados do exército dos outros Aliados. Houve uma emoção temporária, a Casa entrou em sessão secreta, o orçamento foi votado e, após alguns dias, os jornais divulgaram uma declaração semioficial que o número de soldados na Sibéria não excedeu setenta mil. A maioria dos japoneses e não muitos insiders não saberão se os outros oitenta mil foram pagos. Mas o significado de um Ministro independente de guerra em um governo dito como constitucional pelos propagandistas em países estrangeiros é medido pelo fato de que ele poderia agir em tal contravenção à promessa direta do Ministro das Relações Exteriores. Numerosos casos assim são relatados, especialmente em conexão com assuntos chineses; e é claro que é impossível dizer quanto é conluio com uma chance de provar um álibi por parte dos ministros supostamente liberais e quanto é devido ao poder incontestável do Ministro da Guerra (em vigor Estado-Maior General) para agir sem o controle do “Governo”.

Outros sinais convincentes da disseminação de ideias democráticas serão um movimento para elevar a responsabilidade do Ministério ao Parlamento e não do Imperador, significando, na prática, uma real iniciativa legislativa do Parlamento. O cancelamento ou revisão do poder repressivo da polícia sem ação judicial sobre os jornais será um sinal mais esperançoso. No entanto,

não é provável que as relações ocorram numa sequência lógica tal como foi descrito. É mais provável que algo acontecerá e ao mesmo tempo ocorra uma mudança geral na estrutura política. Enquanto causa e efeito é difícil imaginar se este acontecimento no Japão será uma revolução no sentido que associamos a palavra “revolução”. Uma qualidade inescrutável dos japoneses é a busca da aprendizagem na terra, algo que os torna rígidos e flexíveis e, ao mesmo tempo, satisfeitos e ansiosos. Com o desenvolvimento de um sentimento democrático é bem provável que uma repentina e dramática mudança possa se comparar à transferência do poder nos anos sessenta do velho Xogunato Tokugawa para os membros do clã Satsuma e Choshu acompanhada da consequente unificação centralizada do Japão e rendição da política de isolamento.

Para o estudante de história esses avanços no Japão se parecem com o dos anos setenta e oitenta. As ligeiras mudanças no curso dos acontecimentos tornar-se-iam um verdadeiro e não simulado Estado constitucional. Contudo, infelizmente, a década de oitenta na Europa foi marcada pelo crescimento do imperialismo e nas décadas posteriores a essa data, o Japão deliberadamente adotou uma concepção alemã de Estado Militarizado, uma constituição de um governo representativo que deu o formulário sem a substância, uma educação primária universal voltada a produzir jovens estudantes nos princípios denominados pelos ingleses como “obeyfulness”<sup>25</sup> e um sistema secundário e superior objetivado na eficiência especializada a serviço do Estado. O desen-

---

25. Modelo de educação voltada a difundir a obediência. **Nota do Tradutor**

volvimento da liberdade foi colocado em suspensão por trinta anos.

### III<sup>26</sup>

As comparações entre o Japão e a Alemanha são comuns. Em todo o caso, meu julgamento é falho em apontar em que reside a real e inegável semelhança. A semelhança adquirida não é tão intrínseca como é imitativa. Nos anos setenta e oitenta, o Japão estudava os modelos do mundo ocidental, como mil anos antes estudara a Coréia e a China. Da Grã-Bretanha emprestara a ideia de marinha mercante, comércio marítimo e de energia do mar. Da França, a administração centralizada como uma cura para os males restantes do seu centrífugo feudalismo. Com a Alemanha, aprendeu os pressupostos para o direito de família (o mais importante na transição da organização familiar para uma base individualista); emprestou os objetivos e métodos de um sistema educativo, bem como a forma de criar um governo aparentemente Ocidental que não violasse os interesses dos líderes representantes dos clãs Choshu e Satsuma. Eles tinham certeza de que somente um alto grau de poder centralizado permitiria o desenvolvimento do Exército e da Marinha e uma política externa forte salvaria o Japão de sofrer o mesmo destino da Ásia nas mãos de potências ocidentais. Em virtude do crescimento do im-

---

26. From The Dial, Nov. 1, 1919

perialismo na Europa, tenho a ousadia de declarar que eles estavam totalmente errados.

A unificação do Japão ocorreu recentemente. O estrangeiro está tão acostumado a ouvir sobre a unidade da comunidade da vida do Extremo Oriente, especialmente no Japão, que é provável que ignore a força socialmente divisiva exercida pelo princípio do poder da família. No Japão foram agudos o isolamento e as animosidades durante todo o recente período feudal. O Japão convivia até então apenas com a força da Tokugawas e sua habilidade em jogar um clã contra o outro. Em conexão com a restauração da unidade imperial e a abertura do país para o mundo exterior, precisava de uma ligação interna e espiritual para a sua união. Este encontrou sua melhor opção na Alemanha. Em seu passado ela teve uma tradição teocrática que poderia ser reavivada e posta ao serviço da centralização japonesa. O Japão já teve mais de uma geração de pessoas educadas nos princípios da religião de Estado e do culto ao imperador. Assim, um novo fluxo moral e intelectual não seria tão ansioso e aberto a novos métodos e instituições como foi o Japão de cinquenta anos atrás. Há uma história contada no Japão, ausente de autenticidade, mas carregada de uma relativa verdade simbólica. Diz-se que quando Marquis Ito e sua comissão voltavam da Alemanha de Bismarck para o Japão pararam em Londres. Ito visitou Herbert Spencer que o aconselhou (e isso é autêntico o suficiente) manter o Japão distante das nações estrangeiras. E Ito, de acordo com a história, disse ao filósofo que levava para casa, planos para uma constituição, um sistema educacional, desenvolvimento econômico e assim por diante, de fato, para tudo, exceto a re-

## 100 Personagens e Eventos...

ligião e que dependia de Spencer para abastecer o Japão com planos para essa necessidade. Em resposta, Spencer disse que o Japão teve o culto dos antepassados e que o imperador há muito tempo era uma figura religiosa, em vez de secular. Logo, não era necessário pedir para um estrangeiro os planos para construir uma religião nacional.

Essa conta particular do uso calculado de Xintoísmo como apoio político da autocracia militarista é duvidosa. Contudo, nenhum estudante pode duvidar de que os estadistas mais experientes nas décadas posteriores à de oitenta blindaram a dinastia imperial com expressões emocionais e místicas acompanhadas de sanções sobre a origem divina do Imperador. Não fazia muitos séculos que a Europa convivera com Estados baseados na divindade dos reis. A Roma Imperial foi sustentada pela divindade dos imperadores entendidos como filhos dos deuses. Um estudioso japonês me disse que até a publicação da Constituição em 1889 o título Filho do Céu era reservado aos imperadores mortos. Afirmou que foi evidente o uso deliberado do mito religioso para impedir o crescimento das ideias democráticas, pois esse título pela primeira vez foi inserido como Lei nessa Constituição. Eu não sei se essa declaração está correta, mas não pode haver dúvida quanto à integralidade da fusão do político com ideias religiosas e teocráticas na mente popular, nem do apoio que a fusão dá ao sentimento nacionalista japonês contra outras nações e para o prestígio e poder da dinastia governante. É uma vez que, como questão de fato, o Imperador ainda é tanto quanto uma figura de proa como quando estava em uma reclusão em Kyoto, essa sanção religiosa beneficia a burocracia

japonesa. É interessante notar que uma ala novo grupo liberal se esforça para dar o status religioso da dinastia imperial como estratégia para uma virada democrática. Eles não atacam a ideia imperial; o ataque além de jogá-los na prisão torná-los-ia odiados por desacreditar da santidade do Imperador. Afirmam que tradicionalmente o imperador está interessado no bem-estar da população, pois é o pai do povo. Entendem que sentido do governo para o povo o Japão é historicamente uma democracia. Os liberais japoneses são críticos da oligarquia entendendo que as forças democráticas terão como grandeza situarem-se entre o Imperador e seu povo.

Os ocidentais não levam a sério o uso do xintoísmo com um instrumento político. Isso é muito estranho em sua lógica de pensamento. Imaginam que isso não existe no Japão. Eles pensam nisso como uma espécie de embelezamento poético e um toque romântico adicional em uma terra romântica. É verdade que os homens cultos no Japão não acreditam em qualquer sentido literal nos mitos políticos. Porém, também é verdade que o ponto de vista teocrático regula todas as questões e emoções a ele ligadas, transformando o Japão em virtude dessas intensas e penetrantes relações em um país único, cujos objetivos e métodos são desconcertantes para qualquer estrangeiro. Talvez só o estrangeiro que estuda o ensino fundamental, especialmente história e “ética”, percebe o quão sistemático é o culto ao Imperador e sua influência no subconsciente de todos os alunos. Desconsiderar essa questão implica em realizar um movimento similar aos países ocidentais que ao jogar fora o seu passado, esqueceram como foram o seu crescimento, os ensinamentos teológicos da infância, etc.

Esse efeito colateral emocional dificilmente pode ser desprezado. Contudo, o sentimento intimamente religioso oriundo às dinastias não é compreendido apartado do patriotismo e o nacionalismo.

O maior mito japonês se divide em três. O primeiro é composto pela completa noção de homogeneidade racial de sangue e descendência comum, do relacionamento comum com os deuses que estabeleceram civilização no Japão cujos descendentes ainda governam o país. Apesar da sua falsidade etnológica, essa doutrina detém o maior fundo de verdade, pois no decorrer do tempo os vários elementos étnicos se fundiram em um só: o Japão não é uma ilha isolada do mundo. É mais seguro questionar quando estamos cientes das diferenças sociais encontradas em sua população. Porém, dificilmente seria seguro tirar quaisquer conclusões das implicações políticas a partir da negação de unidade racial e relacionamento comum ao imperador. Os textos sobre “ética” utilizados nas escolas ensinam que os cidadãos de outros países têm patriotismo, afeto filial e paternal, mas que o Japão é o único país no mundo onde as duas coisas são absolutamente coincidentes. Uma etnologia científica meticulosa estaria em apuros se literalmente negasse o objetivo desta declaração.

O segundo mito é o da continuidade ininterrupta da dinastia imperial por mais de dois mil e quinhentos anos desde o primeiro Deus imperial existente no Japão. Essa série de mitos sobre a formação do Japão foi ensinada para as crianças nas escolas japonesas, algo que intelectual e esteticamente não chega ao nível das lendas dos índios estadunidenses. Os fatos da história nada provam e a continuidade de sangue e unidade da dinas-

tia é sistematicamente falsificada. O mito de origem única e pura da casa imperial desde os tempos imemoriais e continuará a existir por séculos eternos é proclamado no início da constituição alemã e emprestada pelo Japão continua a ser a pedra angular do Estado japonês. O terceiro mito é a consumação dos outros dois. Tudo o que o Japão é e pode ser tem a ver com as virtudes originais dos fundadores divinos e aos de seus descendentes divinos. O ensino de ética e história das escolas contribui para a manutenção de uma relação óbvia manifesta na existência de uma moral devida pelos japoneses à Dinastia Imperial. Não é de estranhar que os apóstolos fanáticos dessas doutrinas permitam que seus pertences pereçam em chamas enquanto salvam o retrato do divino imperador.

Os professores em suas salas de aula ensinam por vias orais erudições e verdades históricas. Suas críticas elaboradas se limitam à confiança da sala de aula. O martírio não é cortejado por estabelecer os fatos em livros ou outras formas impressas para consumo geral. Às vezes acredito que é dado o sinal mais seguro da abordagem da democracia quando vemos um grupo de intelectuais enfrentarem a prisão ou mesmo a morte por estabelecer ao público a verdade sobre tais assuntos.

Receio que possa parecer que me distanciei do assunto. Parece que falo não do liberalismo no Japão, mas do tipo mais insidioso e influente do reacionarismo. Contudo, compensa conhecer as dificuldades com que o crescimento do liberalismo tem de lidar. O conhecimento vai nos tornar mais simpáticos e pacientes. O liberalismo influencia uma geração de professores e alunos universitários. Desde que comecei a escrever, uma delega-

ção de estudantes universitários japoneses expressam para os chineses em Pequim a sua antipatia com a política do Japão em relação à China, afirmando que o inimigo comum a ambos os países é a autocracia militarista japonesa. É impossível para o Japão se dedicar às técnicas de comércio, ciência, participar da política mundial e permanecer isolado do que acontece no mundo.

A importância deste fato chegou ao Japão com a dinâmica da guerra e concluiu que ela resultou na expansão da democracia e do liberalismo. A liquidação imperialista em Paris inegavelmente efetuou um revés. Cada reação da democracia em todo o mundo retardará o movimento no Japão. Porém, caso não haja retrocessos em todo o mundo, o Japão avançará decididamente para a democracia. A minha confiança na capacidade de resistência, adaptabilidade e inteligência prática do povo japonês, bem como em uma espécie de social-democracia incorporada nos modos e costumes do povo, me faz pensar que a mudança virá sem uma sangrenta e convulsão catastrófica.

## Os dois lados do Mar Oriental<sup>27</sup>

São três dias de viagem do Japão para a China. Duvido que qualquer jornada similar proporciona-se uma mudança tão completa de crença e temperamento político. Certamente é maior do que a mudança percebida em viajar diretamente de São Francisco para Xangai. A diferença não está nos costumes e modos de vida. Trata-se de ideias, crenças e informações atuais sobre um mesmo fato: o status do Japão no mundo internacional e, especialmente, a sua atitude em relação à China. Encontrase em todos os lugares no Japão um sentimento de incerteza, hesitação e fraqueza. Há na atmosfera uma tensão nervosa sutil como de um país à beira de uma mudança que ainda não sabe onde levará. O liberalismo está no ar, mas os genuínos liberais enfrentam todos os tipos de dificuldades, especialmente em combiná-lo com a devoção aos princípios teocráticos que os militaristas imperialistas que governam Japão tão habilmente lançam sobre o Trono e o Governo. Contudo, o que se percebe na China é a sensação de um poder similar ao do Japão voltado a dominar a política e a indústria chinesa, algo tão certo como o destino.

Não é meu objetivo analisar se a situação é real ou verificar se o sentimento universal na China é uma alucinação coletiva ou está fundamentada na verdade. O fenômeno é digno de registro por sua própria conta.

---

27. From *The New Republic*, July 16, 1919.

Mesmo que seja apenas um fator psicológico é algo a ser levada em conta tanto na China como no Japão. Em primeiro lugar, quanto às diferenças na atmosfera psicológica. Todos aqueles que conhecem alguma coisa sobre o Japão sabem que é uma terra reservada e reticente. A metade americana informada dirá que isto é colocado para enganar os estrangeiros. Os informados sabem que é uma atitude mostrada aos estrangeiros enraizada na tradição moral e social do Japão. Os japoneses são mais propensos a ser comunicativos sobre muitas coisas para os estrangeiros mais simpáticos do que para os que não são. O hábito de reserva está profundamente enraizado em toda a etiqueta, convenção e cerimônia diária de vida, bem como nos ideais da força e caráter, que apenas os japoneses influenciados por ideias estrangeiras conseguem escapar e reverter. Para dizer o mínimo, os japoneses não são um povo loquaz; eles têm o dom de fazer o que se gabam.

Portanto, quando um diplomata ou estadista japonês discursa sobre os objetivos e procedimentos por muito tempo utilizados pelo Japão no Oriente, o estudante de política fica alerta e suspeita. Uma ilustração recente é tão extrema que parece fantástica e inacreditável. Informantes trouxeram relatos fragmentários de alguns endereços de Barão Goto na América. Sem dúvida, na atmosfera americana tem o efeito de tranquilizar os Estados Unidos quanto a quaisquer ambições impróprias por parte do Japão. Os jornais chineses noticiaram que o Japão concluiu seus planos para a absorção da China e que as operações preliminares para este fim estão prestes a começar. O leitor deve me perdoar de qualquer ceticismo. Ele sente sobre o fato em si e da

exatidão do meu relatório sobre a crença do suposto fato. Seu ceticismo não superará como deveria me sentir. Mas, a suspeita despertada por estas declarações e a recente entrevista de ministro das Relações Exteriores Uchida e Baron Ishii deve ser notado como evidências da crença universal na China que o Japão tem um modo de diplomacia para o Oriente e outra para o Ocidente e que o que é dito no Ocidente deve ser lido em sentido inverso no Oriente.

Na China não é a terra de privacidades. É um provérbio curto que permanece secreto no país. Os chineses são mais abertos em discutir as suas ações sobre a política. Eles são adeptos em revelar suas próprias falhas e dissecar suas fraquezas e fracassos com razoabilidade extraordinária. Um dos seus defeitos é o amor em encontrar substitutos para as ações positivas, evitando manter um curso de ação que pode ser irrevogável. Pergunto-me se esse poder de autocrítica não é em si outro desses substitutos. Em todo o caso, eles são francos e loquazes. Entre os campos opostos há sempre comunicações fluidas. Os inimigos oficiais não são “jurados.” Uma terra de etiqueta e compromisso exige que o caminho para a reconciliação fique aberto para o futuro. Consequentemente, fatos que são apenas sussurrados no Japão são difundidos aos gritos sobre os telhados na China. Dificilmente seria de bom gosto no Japão aludir o relatório em que os influentes ministros chineses constantemente recebem fundos econômicos dos japoneses e enquanto a Europa e a América estavam ocupadas com a guerra, esses funcionários corruptos foram os instrumentos pelos quais as concessões políticas e econômicas foram arrancadas da China. Na China ninguém

sequer se dá ao trabalho de negar ou mesmo discutir o assunto. O que é psicologicamente impressionante é o fato de que isso é apenas um dado, da mesma forma quando se fala de como é dialogar sobre o calor em um dia excepcionalmente quente.

O sentimento referente aos motivos dos problemas da situação econômica atual no Japão é justificado pela situação internacional. Em primeiro lugar, há forte impressão de que essa situação é mais prolongada no Japão. Mesmo em tempos normais, o país se centra mais sobre a produção para os mercados estrangeiros do que para o interno. Existe a crença de que o Japão age dessa forma porque os sellings estrangeiros possuem um poder de compra maior do que o empobrecido povo japonês. Durante a guerra, a dependência da indústria e comércio caseiro sobre o mercado externo foi maior. O aumento da riqueza nacional nas mãos de poucos afetou a demanda interna por bens.

Outro item diz respeito à situação do trabalho no Japão. Caso o país aplique ou melhore as leis trabalhistas, regulando o trabalho infantil e feminino, perderá a vantagem de mão de obra barata utilizada para compensar os altos custos produtivos. Por outro lado, as greves, dificuldades trabalhistas, agitação dos sindicatos, etc., aumentam constantemente e a tensão na atmosfera é inconfundível. Os motins de arroz muitas vezes são citados, persistindo a sua memória e o fato de que assumiram uma dimensão política. Existe uma corrida entre os clãs militares que controlam as aspirações das forças genuinamente democráticas. Certamente, a derrota da Alemanha deu um duro golpe no militarismo burocrático do Japão. Será que isso afetará a política externa ja-

ponesa? Existe a esperança de que estimule a simpatia liberal em um Japão que começa a sofrer a agonia de transição.

Existe um sentimento no Japão que a situação internacional é um perigo que ameaça o seu isolamento. A Alemanha e a Rússia estão desaparecidas e isto pode enfraquecer o Japão no equilíbrio e contrapeso de poder. Particularmente, a remoção do imperialismo russo aliviou a ameaça sobre a Índia, um fator decisivo para a Grã-Bretanha fazer uma aliança tanto ofensiva como defensiva. A revelação das possibilidades militares da América é outro grave fator. Certamente a nova aliança entre o Japão, Itália e França são um substituto adequado para um realinhamento das forças internacionais em que a Grã-Bretanha e os Estados Unidos são dominantes. Este fator explica algumas das descortesias com o qual a imprensa japonesa trata por alguns meses o Presidente Wilson dos Estados Unidos. A relação japonesa com a Liga das Nações possibilita uma rediscussão oportuna sobre a discriminação racial no país. (Os chineses têm um refúgio infalível humorístico. Foi interessante notar a alegria com que receberam a pronunciado depois do sucesso em Paris do Ministro das Relações Exteriores japonês, que “diminuíam os vários ataques da imprensa aos Estados Unidos”). Em qualquer caso, não há dúvidas sobre a tensão sobre a discussão das relações externas japonesas. Em todas as direções, há sinais característicos de hesitação balançando as velhas crenças e as novas linhas de movimento. O Japão parece mais humorado com aquilo que experimentou antes de sua unificação no final na década de oitenta, ou seja, a aceitação de suas instituições da Constituição alemã, o

militarismo, o sistema educacional e os métodos diplomáticos. Mais uma vez o observador tem a impressão de que substancialmente toda a abundante energia do Japão será dedicada aos seus urgentes problemas de reajuste.

A diferença é incrível na China. Quase como se estivesse vivendo um sonho; ou como se alguma nova Alice tivesse se aventurado em um espelho internacional ao qual tudo é invertido. Em virtude da censura, não é surpreendente que na América tenhamos tão pouco conhecimento do estado das coisas e do espírito na China nos últimos anos. Apesar da proximidade geográfica entre o Japão e a China, é uma experiência de vida verificar como seus entendimentos são totalmente opostos. O liberalismo japonês? Sim, ouve-se falar apenas em conexão com uma forma levada pelos anseios do milagroso deus *ex-machina*. Talvez uma revolução no Japão salve a China do destino que agora paira sobre ela. Porém, apenas uma revolução completa alterará ou mesmo retardará o curso atribuído à diplomacia japonesa trabalhando lado a lado com os interesses das empresas japonesas e o militarismo. O colapso da Rússia e da Alemanha? O Japão em poucos anos herdou por completo as esperanças russas de realizações e posses na Manchúria e Mongólia Exterior e teve em suas mãos oportunidades na Sibéria que dificilmente esperaria em seus momentos mais otimistas. E agora o Japão tornou-se, com a bênção das grandes potências em Paris, o herdeiro de concessões, intrigas e ambições alemãs, fortalecidas pelos acordos secretos com funcionários incompetentes e corruptos enquanto o mundo estava ocupado com guerra. Se as grandes potências têm tanto medo do Japão que

realizam todos os seus desejos, como a China pode escapar do seu castigo? Esse é o grito de desamparo presente em toda a China. Os propagandistas japoneses tiraram proveito da situação apontando a Conferência de Paz como prova de que os Aliados não se importam em nada com a China e que ela deve lançar-se nos braços do Japão para ter alguma proteção. Em suma, o Japão está pronto, tal qual o fez com a Coréia, para garantir a integridade e independência da China. O medo chinês a despeito de sua animosidade contra o Japão é aceitar esse destino para escapar de algo pior e sinistro no ar. Os liberais japoneses temem que o Japão aliene a China permanentemente em vez de percorrer um caminho voltado a unir os dois países. O crescimento das dificuldades econômicas do Japão é apenas uma justificativa para o uso da coerção diplomática, invasão industrial e negociações secretas com funcionários corruptos e traidores chineses. Enquanto o mundo ocidental supõe que as Forças Armadas e o Partido Industrial no Japão têm ideias opostas quanto ao uso dos melhores métodos de proteção de supremacia japonesa no Oriente, é universal na China que os ambos trabalham em completo entendimento e as diferenças que às vezes ocorrem entre o Ministério das Relações Exteriores em Tóquio e do Ministério da Guerra (que é extraconstitucional em status) são meras encenações.

Esses são alguns dos aspectos da mais completa transformação que esse escritor vivencia. Eles podem ser apenas uma extraordinária experiência psicológica! Todos os residentes da China sejam chineses ou americanos com quem falei nas últimas quatro semanas, demonstraram a crença de que todas as sementes de uma

futura grande guerra estão agora plantadas na China. Para evitar tal calamidade olham para a Liga das Nações ou alguma outra força fora da cena imediata. Infelizmente, a imprensa do Japão trata cada tentativa de discutir o que acontece na China como evidência de que a América agora tem seus olhos sobre a Ásia com a expectativa de controlá-la no futuro. Consequentemente, para a América é interessante fomentar a má vontade entre China e o Japão. Essa situação permanecerá caso os japoneses pró-americanos não esclareçam os seus compatriotas sobre o que acontece. Cada americano que viaja ao Japão também deveria visitar a China, nem se for apenas para completar sua formação intelectual.

## **O retorno ao Japão: dois anos depois<sup>28</sup>**

**E**m visita a Tóquio escutei uma interessante conversa entre um japonês e um professor chinês. O primeiro era um verdadeiro e não um pseudoliberal, atento a tudo o que acontecia quando esteve na China. Desde a sua visita, é um crítico das ações do Japão na China; admitiu livremente o equívoco da política do seu próprio país e a necessidade de avançar nas mudanças que o governo Kara sinalizara, independente de prejudicar os militaristas japoneses. Ele insistiu que a China e o Japão eram tão próximos e interligados que os japoneses deveriam ter uma relação com os chineses diferente de qualquer outro país. Ele insistiu que todos os acontecimentos na China influenciam diretamente no bem-estar do Japão.

O professor chinês respondeu que o Japão está preocupado por demais com o que acontece com a China. Sua ansiedade era quase mórbida e que os japoneses para melhor servirem o seu país deveriam cuidar menos do que acontece ao longo no continente e se preocupar mais com seus próprios assuntos. Quando o meu amigo japonês reiterou o fato da estreita ligação dos dois países, o professor chinês respondeu que os japoneses deveriam se preocupar com seus próprios assuntos. Reiterou que os problemas e males do Japão eram graves como os da China. A única diferença era

---

28. From The New Republic, Nov. 16, 1921; published under the title Public Opinion in Japan.

que o Japão encobria os seus problemas e a China não temia expô-los ao mundo.

Não tenho a certeza se foi exagerada a resposta que silenciou o liberal japonês. Mas, compensa citar como uma indicação da grande diferença entre a opinião pública japonesa e chinesa. Intelectualmente, floresce em nível nacional e internacional a publicidade sobre os males no país pelo fato de a China ter um governo fraco e corrupto. A atitude uniforme da classe culta sobre o seu governo e os assuntos sociais é fundamental. Talvez o fato mais significativo sobre a cultura atual da China é que os reacionários e conservadores não têm porta-voz intelectual. O fato é ainda mais surpreendente porque a facção reacionária e militarista controla todo o governo. Eu não sei se existe um paralelo entre a fragilidade no controle do poder político real com a futilidade intelectual e moral. Mesmo o tradicional pensamento confucionista na China não tem representante de primeira classe na atualidade. O Confucionismo naturalmente ainda é forte, mas sua força está nos costumes e não no pensamento e influência intelectual. Os líderes da “revolução literária” me disseram que por pelo menos 10 anos eram impopulares na sua luta para substituir as palavras e o estilo do vernáculo nos escritos clássicos.

Porém, para sua surpresa, o movimento passou no teste de fogo; todas as jovens classes educadas adotaram o seu padrão. Porém, o movimento diminuiu no último ano devido à inércia inconsciente dos costumes existentes e não por nenhuma oposição articulada intelectual ou crítica. Esse incidente me parece típico. Não há nenhum país no mundo onde os alunos são unânimes e ansiosamente interessados nas novas e modernas

formas de pensamento como na China, especialmente sobre questões sociais e econômicas. Os argumentos favoráveis à ordem estabelecida e ao status quo têm tão pouco peso na verdade.

Esse estado de coisas sugere o conjunto de obstáculos que o desenvolvimento de uma opinião pública liberal esclarecida no Japão tem de lidar. No Japão, o governo é forte, a administração é centralizada, organizada e disciplinada. Como consequência o pensamento crítico é tímido e está na defensiva, prevalecendo no país a defesa do conservadorismo nas políticas nacionais. O patriotismo é uma religião e esta é literalmente patriota e nacionalista. O patriotismo e a religião institucional são notoriamente hostis ao pensamento crítico e a livre discussão sendo quase impossível imaginar a sua supressão. É preciso maior força, coragem e moral para ser um crítico dissidente da política e condição social no Japão do que em qualquer outro país do mundo.

Tudo honra aqueles liberais no Japão, cuja visão e coragem forcem lentas mudanças. Minha estada no Japão não foi longa o suficiente para que professasse com autoridade em minha viagem de volta à América o que acontecia naquele país. Porém, desde que lá estivemos há dois anos são inconfundíveis as mudanças em curso no Japão. O silêncio sinistro até então imperante agora é pontuado com palavras ditas e até gritadas em voz alta. Eu não sei se aumentou a influência e o número de críticos liberais. É evidente que se quebrou o tabu que cercava as discussões domésticas sobre a política externa do Japão. Não me refiro a esses apologistas oficiais e propagandistas semioficiais em suas sinceras afirmações de que por ser humano, o Japão comete erros,

aos quais está agora empenhado em saná-los o mais rápido possível. Essa conversa revela certa quantidade de cinismo. Ela é criada por aqueles a quem os conservadores japoneses denominam como liberais mansos e daqueles que desfrutam da crítica acadêmica ao partido militarista. Porém, mudam de opinião quando correm o risco de perder qualquer vantagem obtida junto aos militares japoneses com referência à China e a Sibéria. Essa afirmação referencia o gradativo enfraquecimento de uma conspiração do silêncio, o relaxamento da tensão que fez alusão a certos assuntos como algo profano e que forçou o cortês a confinar suas conversas sobre o Japão.

Para dar uma ilustração específica, dois liberais do Japão sem qualquer relação entre si expressam substancialmente o receio em relação à Conferência do Pacífico. Eles estavam com medo que o Presidente Harding<sup>29</sup> não avançasse na discussão de princípios e políticas; que estaria satisfeito com uma pequena vitória do seu partido a avançar no sentido do desarmamento, garantindo um acordo de limitação moderada sem trazer a atenção do público para a questão da China e da Sibéria. Eles temiam esse resultado, pois a esperança do Japão afrouxar o aperto do militarismo sobre o país estava no crescimento interno e externo de uma opinião pública esclarecida.

Na linguagem da apologética apesar dos balbucios de seus chauvinistas o Japão é uma “nação sensível” e extremamente suscetível ao risco de isolamento diante da opinião pública mundial. Agora não acredito na exis-

---

29. Warren Gamaliel Harding (1865 – 1923) Foi o 29º Presidente dos Estados Unidos.

tência de uma mudança significativa na consciência pública japonesa pelo simples fato dos japoneses patrióticos e moderados expressarem suas opiniões de forma livre e crítica. A ausência de oportunidades adequadas para o estudo das razões para a mudança de atitude só podem ser grosseiramente esboçadas. De modo geral, a maior força está nas reverberações da guerra. É concebível que as lições intelectuais e morais da guerra foram sentidas no Oriente na razão inversa de sua participação efetiva. Devo dizer que isto é verdade para a China e imagino que, em certa medida, também o é no Japão. Especificamente, desde o início, toda a expedição siberiana é impopular em virtude dos gastos para tal. A estimativa mais baixa que ouvi foi meio bilhão de dólares gastos sem a obtenção de resultados tangíveis.

A conquista de Saghalien e Vladivostok<sup>30</sup> não afetou a imaginação popular e criou uma sensação desconfortável de que haveria um ajuste de contas no futuro. O crescimento dos protestos na China e o fracasso dos boicotes econômicos deram oportunidade para os japoneses repensarem as relações chinesas. O livre crescimento do pensamento liberal na China teve algum efeito. Ao mesmo tempo é inevitável o crescimento de um espírito científico entre os intelectuais. A universidade é a casa do movimento liberal. A maioria dos professores de Ciência Política da Universidade Imperial são ativos liberais. As escolas normais e infantis ainda não foram afetadas. Um fator mais tangível é a persistência de problemas trabalhistas e o crescimento da consciência dos trabalhadores sobre os problemas do trabalho

---

30. Ilha de Saghalien e o Porto de Vladivostok. **Nota do Tradutor**

em estaleiros e fábricas influenciados pelo constante aumento dos impostos devidos.

Um ocidental pode lamentar o caráter rudimentar e distorcido da opinião pública em seu próprio país. Afinal, está tão acostumado com o funcionamento dos órgãos regulares de discussão que não percebe a natureza espasmódica, imatura e desorganizada de opinião política no Oriente. Daí julgar eventos que não conseguem fazer concessões adequadas e muitas vezes encontrar projetos onde só há ignorância. No Japão, o Imperador é o único centro duradouro e organizado para a opinião pública. Este fato favorece o imperialismo, pois existe muito sobre o qual as pessoas podem alimentar o pensamento de forma consistente e unificada. Além disso, o partido burocrático-militar é o único grupo organizado que tem uma política definida e permanente. A princípio, o Sr. Hara é o primeiro plebeu para exercer o cargo de Primeiro-Ministro e este fato foi anunciado como o início de uma verdadeira democracia no governo. Contudo, a única questão sobre a qual os observadores concordam é a fragilidade política de Hara, exceto em seu oportunismo nos imediatos assuntos externos imediatos ou no acirramento das condições de trabalho em virtude de problemas industriais.

Na atual condição do Japão, uma rápida análise permite constatar que é difícil construir uma coerente e firme política de trabalho em um partido político verdadeiramente liberal no país. Um confesso curso liberal certamente desperta hostilidade na população em geral. Contudo, apesar da passividade do povo japonês, acredito que são amantes da paz em seu temperamento. Não existe contradição no fato de que cada paço para o

avanço e consolidação do Japão em uma unidade política veio como resultado de uma guerra. A guerra com a China resultou na abolição da extraterritorialidade. A guerra com a Rússia deu ao Japão a Coreia do Sul, um ponto de apoio na Manchúria e uma posição entre os poderes. A última guerra que algumas publicações japonesas uniformemente se referem como a guerra japoalemã fez do país uma das cinco potências, além de dar-lhe acesso em Shantung, um bom número de ilhas do Pacífico, um acréscimo de metais preciosos e rotas de comércio. Além disso, os japoneses nunca experimentaram os horrores da guerra moderna. Acrescente o fato notável ao qual mesmo um liberal japonês tem boas razões para acreditar. Com a expansão predatória da Europa imperialista moderna, o Exército e a Marinha japonesa salvaram o Japão de se tornar como a Índia ou a China. Isso possibilitou a percepção do motivo ao qual em qualquer período de crise a opinião pública se move para o lado do partido militarista. A exceção da ofensiva na Sibéria, uma ou outra vez, todos os jornais críticos ao partido militar defendem os militaristas em qualquer questão concreta que se choque aos interesses do país.

Em princípios gerais pensaria que o desenvolvimento econômico industrial no Japão criou uma tendência definida de opinião, formando um centro positivo e órgão de sentimento e pensamento que em alguns aspectos seria tão coerente como os imperialistas, mesmo não se opondo a eles. Contudo, no Japão não há nenhuma linha definida entre a atividade econômica privada e governo. O Japão superou a Alemanha ao relacionar apoio e ajuda governamental a todas as empresas capitalistas. As grandes corporações se envolvem em

uma combinação de atividades de mineração, transporte e bancárias, somado a fabricação e concessões continentais e o governo ou algum grupo de famílias que o influencia é definitivamente aliado às grandes corporações. É por isso que a industrialização do Japão não criou no presente qualquer tendência definida da opinião pública. Há ou não uma consciência mercantil e financeira como tal? Se as coisas continuarem no ritmo atual, apesar de ser ainda incipiente, a classe trabalhadora formará um novo centro de opinião no futuro próximo.

Eu não sei se emerge a partir dessa pesquisa qualquer definição moral. Caso exista, está em linha com a observação feita anteriormente sobre a importância da publicidade e opinião estrangeira esclarecida e sua influência reflexa sobre o Japão. O Japão precisa de simpatia não de abuso; mas é uma simpatia cruel que se exerce em justificar a ordem existente e em vigor, mantendo em segredo uma política que encobre os males do país. A revelação da influência da burocracia militar sobre a vida japonesa em âmbito nacional e internacional poderá despertar uma verdadeira simpatia. No entanto, esse caminho será relativamente ineficaz em influenciar a formação da opinião pública no Japão a menos que se una com uma posição firme contra qualquer tipo de discriminação racial. Os jovens existentes no Japão hostis ao militarismo dizem que lutarão até o fim contra a discriminação dos japoneses por pertencerem a uma raça amarela mesmo que para isso precisem unir-se ao grupo militarista que abominam.

Foi uma tragédia a Conferência de Versalhes não encontrar uma fórmula de igualdade racial compatível com todos os países no direito de determinar sua pró-

pria recepção de imigrantes. Se os Estados Unidos por ocasião da Conferência do Pacífico realmente quisessem que os militaristas japoneses perdessem o prestígio junto á opinião pública em seu país, não esperariam o Japão introduzir uma fórmula de igualdade de direitos raciais para depois desqualificá-las. Uma pequena quantidade de ingenuidade combinada com simpatia pode facilmente encontrar uma fórmula que indicará o direito de cada país decidir a sua própria política de imigração. Pode-se simpatizar com a atitude da Costa do Pacífico sobre as matérias da restrição da imigração Oriental e ainda acreditar que cada passo dado por um Estado da costa sobre a desigualdade no tratamento para os imigrantes residentes em suas fronteiras envolva o perigo de uma explosão final no Pacífico. O Japão não iria para a guerra sobre a questão californiana, mas cada movimento sobre discriminação racial reforça em última instância a confiança da opinião pública no grupo militar japonês. O sentimento de injustiça é utilizado para garantir apoio para o Exército e a Marinha. O resultado indireto é a continuação de uma política predatória na China e Sibéria que levará a uma ameaça de guerra futura. A mudança na questão da igualdade racial constitui-se em uma boa tática diplomática. Porém, a questão é mais ampla e profunda do que as estratégias e táticas diplomáticas. Até que o mundo em geral e os Estados Unidos em particular não avancem na discussão para a resolução da discriminação racial, os militaristas continuarão a formar a opinião pública japonesa, retirando qualquer possibilidade de avanço de ideias liberais e pacíficas.



Esperamos que esse livro contribua para o debate político e filosófico sobre a educação. Afirmamos que caso seja infringido qualquer direito autoral, imediatamente, retiraremos a obra da internet. Reafirmamos que é vedada a comercialização deste produto.

Título      Eventos e significados: ensaios populares sobre  
                 Filosofia Política e Social  
Autor        John Dewey  
Tradução    Carlos Lucena  
Revisão     Lurdes Lucena  
Páginas     124  
Formato     A5  
1ª Edição    Agosto de 2016

**Navegando Publicações**  
CNPJ – 978-85-92592-00-4



[www.editoranavegando.com](http://www.editoranavegando.com)  
[editoranavegando@gmail.com](mailto:editoranavegando@gmail.com)

Uberlândia – MG  
Brasil





As comparações entre o Japão e a Alemanha são comuns. Em todo o caso, meu julgamento é falho em apontar em que reside a real e inegável semelhança. A semelhança adquirida não é tão intrínseca como é imitativa. Nos anos setenta e oitenta, o Japão estudava os modelos do mundo ocidental, como mil anos antes estudara a Coréia e a China. Da Grã-Bretanha emprestara a ideia de marinha mercante, comércio marítimo e de energia do mar. Da França, a administração centralizada como uma cura para os males restantes do seu centrífugo feudalismo. Com a Alemanha, aprendeu os pressupostos para o direito de família (o mais importante na transição da organização familiar para uma base individualista); emprestou os objetivos e métodos de um sistema educativo, bem como a forma de criar um governo aparentemente Ocidental que não violasse os interesses dos líderes representantes dos clãs Choshu e Satsuma.

Foi uma tragédia a Conferência de Versalhes não encontrar uma fórmula de igualdade racial compatível com todos os países no direito de determinar sua própria recepção de imigrantes. Se os Estados Unidos por ocasião da Conferência do Pacífico realmente quisessem que os militaristas japoneses perdessem o prestígio junto à opinião pública em seu país, não esperariam o Japão introduzir uma fórmula de igualdade de direitos raciais para depois desqualificá-las. Uma pequena quantidade de ingenuidade combinada com simpatia pode facilmente encontrar uma fórmula que indicará o direito de cada país decidir a sua própria política de imigração. Pode-se simpatizar com a atitude da Costa do Pacífico sobre as matérias da restrição da imigração Oriental e ainda acreditar que cada passo dado por um Estado da costa sobre a desigualdade no tratamento para os imigrantes residentes em suas fronteiras envolva o perigo de uma explosão final no Pacífico. O Japão não iria para a guerra sobre a questão californiana, mas cada movimento sobre discriminação racial reforça em última instância a confiança da opinião pública no grupo militar japonês. O sentimento de injustiça é utilizado para garantir apoio para o Exército e a Marinha. O resultado indireto é a continuação de uma política predatória na China e Sibéria que levará a uma ameaça de guerra futura. A mudança na questão da igualdade racial constitui-se em uma boa tática diplomática. Porém, a questão é mais ampla e profunda do que as estratégias e táticas diplomáticas. Até que o mundo em geral e os Estados Unidos em particular não avancem na discussão para a resolução da discriminação racial, os militaristas continuarão a formar a opinião pública japonesa, retirando qualquer possibilidade de avanço de ideias liberais e pacíficas.

John Dewey

